

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Marina Soares Araújo Morgan da Costa

**A ESTRADA DO MAR:
Memória e heterotopias em notícias e cartas de Jorge Amado e José
Saramago**

Belo Horizonte
2023

Marina Soares Araújo Morgan da Costa

A ESTRADA DO MAR:

**Memória e heterotopias em notícias e cartas de Jorge Amado e José
Saramago**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Área de concentração Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.

Linha de pesquisa: Comunicação, Territorialidades e Vulnerabilidades.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna.

Belo Horizonte

2023

301.16 M849e 2023	<p>Morgan, Marina.</p> <p>A estrada do mar [manuscrito] : memória e heterotopias em notícias e cartas de Jorge Amado e José Saramago / Marina Soares Araújo Morgan da Costa. - 2023.</p> <p>153 f.</p> <p>Orientadora: Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Comunicação – Teses. 2. Memória - Teses. 3. Amado, Jorge, 1912-2001. 4. Saramago, José, 1922-2010. I. Vianna, Graziela Valadares Gomes de Mello. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------------------------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"A ESTRADA DO MAR: Memória e heterotopias em notícias e cartas de Jorge Amado e José Saramago."

Marina Soares Araujo Morgan da Costa

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profª Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna - Orien
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Ângela Cristina Salgueiro Marques
DCM/FAFICH/UFMG

Prof. Cláudio Rodrigues Coração
UFOP

Belo Horizonte, 30 de outubro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Cláudio Rodrigues Coração, Usuário Externo**, em 31/10/2023, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna, Professora do Magistério Superior**, em 31/10/2023, às 13:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angela Cristina Salgueiro Marques, Professora do Magistério Superior**, em 31/10/2023, às 15:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2739564** e o código CRC **4709E4D8**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sempre e em primeiro lugar, meus pais, Ivan e Suely, por todo o amor e dedicação; por terem investido na minha boa educação e por terem me presenteado com todos os livros que uma leitora ávida poderia querer. Minhas vitórias sempre serão por vocês!

Agradeço também à minha família, por entender minhas ausências e torcer por mim, mesmo que de longe, principalmente meu sobrinho Gabriel, que com sua alegria, inteligência e carinho foi sempre meu conforto e descanso diante dos percalços da vida adulta. Desde que você chegou a minha vida é muito mais feliz.

À Marina, minha amiga, por ser a primeira a acreditar no potencial dessa pesquisa, por ter lido e relido meu projeto, por todos os conselhos e sugestões: sem você talvez eu não estaria aqui. À Nayara, que durante o ano de 2020 foi minha maior companhia, que esteve junto me incentivando e apoiando de perto os primeiros passos dessa caminhada, e ao Preto, que durante este tempo de reclusão dividiu comigo os momentos de alívio e escape junto à natureza e às melhores vistas da antiga Vila Rica.

Carol e Mayra, que estiveram junto a mim todos os dias desse percurso, dividindo não somente o lar, mas uma das amizades mais bonitas que tenho o prazer de viver. Eu, que sempre cresci entre dois irmãos, quando percebi me vi numa família com mais duas irmãs. Aos antigos e novos amigos, principalmente aqueles que me acolheram neste belíssimo horizonte da capital mineira: com vocês a vida aqui é muito mais doce e divertida do que eu poderia imaginar.

Ao Gui, meu companheiro, que desde o nosso reencontro tornou-se fonte de amor, carinho, companheirismo e cumplicidade. Obrigada pelo suporte, por dividir comigo minhas alegrias e tornar as minhas batalhas mais leves. Ao seu lado me sinto amada, respeitada e potente.

Agradeço ao Cedecom e a toda a sua equipe, pelo aprendizado, oportunidade, crescimento profissional e apoio durante todo esse processo, e aos grupos de pesquisa Escutas (UFMG) e Poéticas Fotográficas (UFOP) por me proporcionarem reflexões interessantíssimas e me permitirem pensar para além do meu campo de pesquisa. Estendo aqui meus agradecimentos aos meus professores da UFOP, que me inspiraram a seguir pelo caminho da academia e por quem nutro muito afeto, principalmente Ana Carolina Santos e Cláudio Coração.

Ao PPGCOM da UFMG, professores e servidores, pelo ensino gratuito e de qualidade. Aos colegas com quem tive discussões engrandecedoras durante as disciplinas e aos

alunos da graduação que tive a oportunidade de acompanhar durante o estágio docente: aprendi muito com vocês também.

Aos professores Ângela Marques e Márcio Simeone, componentes da minha banca de qualificação, por aceitarem o convite e por todas as considerações, correções e elogios que foram fundamentais ao meu trabalho.

Por fim, agradeço à minha orientadora Graziela, por todo o afeto, paciência, ensinamentos, correções e direcionamentos; por ser fonte de inspiração pessoal e profissional e por me permitir acreditar que o conhecimento acadêmico e os saberes cotidianos podem andar lado a lado. Por estar acreditar na minha pesquisa e dividir comigo interesses tão sensíveis, como o amor pela música e a literatura – principalmente aquela do português de Azinhaga. Mais do que isso, agradeço a sua amizade, este “carinho tão bonito que veio enriquecer de um sentimento fraterno uma relação nascida tarde, mas que, em lealdade e generosidade, pede meças à melhor que por aí se encontre”.

*Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

*Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrola da saudade e da ternura!*

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,*

*Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!*

Língua Portuguesa, Olavo Bilac

RESUMO

Nesta dissertação, propomos analisar o compilado de cartas trocadas entre Jorge Amado e José Saramago e as notícias sobre os dois que foram citadas ou discutidas nas correspondências contidas no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*. Intentamos compreender este conteúdo enquanto heterotopias acionadas por dispositivos de memórias e criadas a partir de experiências transformadoras do sujeito, tratando principalmente das concepções de memória, experiência, heterotopia, paisagem textual e amizade. Desenvolvemos inicialmente uma revisão dos conceitos norteadores da pesquisa. Em seguida, consideramos a relação entre os escritores dentro do espaço heterotópico das correspondências, percorrendo o diálogo epistolar e observando as perspectivas espaciais, territoriais e temporais presentes nas missivas e nas notícias relacionadas. O presente texto apresenta um exercício de análise que busca compreender a mútua afetação entre os dois grandes autores lusófonos e as leituras – realizadas no espaço íntimo das cartas – das representações de si próprios no espaço público. Por meio de uma visada do campo da comunicação, problematizamos os discursos, os sujeitos e o contexto do período em que foram escritas, tendo como base os estudos foucaultianos sobre experiência e heterotopia. Buscamos identificar os discursos que ilustrem essa dimensão da relação entre os escritores e os assuntos relacionados à esfera pública em suas carreiras, para entender o diálogo epistolar na construção dos remetentes enquanto celebridades literárias, mutuamente afetadas por si mesmas, pelo Outro e atravessadas pela mídia neste processo.

Palavras-Chave: Heterotopia. Memória. Jorge Amado. José Saramago. Cartas. Paisagens textuais.

ABSTRACT

In this dissertation, we propose to analyze the compilation of letters exchanged between Jorge Amado and José Saramago and the news about the two that were cited or discussed in the correspondence contained in the book *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*. We try to understand this content as heterotopias triggered by memory devices and created from the subject's transformative experiences, dealing mainly with the conceptions of memory, experience, heterotopia, textual landscape and friendship. We initially developed a review of the concepts guiding the research. Next, we consider the relationship between the writers within the heterotopic space of correspondence, going through the epistolary dialogue and observing the spatial, territorial and temporal perspectives present in the missives and related news. This text presents an analytical exercise that seeks to understand the mutual affection between the two great Portuguese-speaking authors and the readings – carried out in the intimate space of the letters – of the representations of themselves in the public space. Through a view of the field of communication, we problematize the discourses, subjects and contexts of the period in which they were written, based on Foucauldian studies on experience and heterotopia. We seek to identify speeches that illustrate this dimension of the relationship between writers and issues related to the public sphere in their careers, to understand the epistolary dialogue in the construction of senders as literary celebrities, mutually affected by themselves, by the Other and crossed by the media in this process.

Keywords: Heterotopia. Memory. Jorge Amado. José Saramago. Letters. Textual landscapes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Carta de José Saramago à Jorge Amado	122
Figura 2: Carta de Jorge Amado à José Saramago	122
Figura 3: Folha de rosto do livro Com o mar por meio – uma amizade em cartas	17
Figura 4: Print screen Google Maps: trajeto da casa de Jorge Amado (Salvador) à casa de José Saramago (Lanzarote).....	17
Figura 5: Carta de José Saramago à Jorge Amado	18
Figura 6: José Saramago escrevendo uma carta	18
Figura 7: Jorge Amado em sua máquina de escrever	19
Figura 8: Entrevista “José Saramago fora da ordem” em O Globo.....	91
Figura 9: Matéria "O ajuste de contas de Saramago" em O Globo	94
Figura 10: Matéria "Nossos candidatos ao Nobel na berlinda" em O Globo	97
Figura 11: Matéria "Todas as palavras do mundo" em O Globo.....	101
Figura 12: Matéria "Portugal se preparou em vão para vencer" em O Globo.....	110
Figura 13: Matéria "Um amigo que encontro nas esquinas do mundo" em O Globo	116
Figura 14: Mapa dos lugares referenciados nas cartas	123

SUMÁRIO

OBJECTO QUASE: INTRODUÇÃO.....	13
1 TERRAS DO SEM-FIM: DISCUSSÕES ACERCA DA MEMÓRIA	22
1.1 Registro comunicacional enquanto memória	25
1.2 Lugar de memória.....	28
2 A BAGAGEM DO VIAJANTE: EXPERIÊNCIA, EXPERIÊNCIA INTERIOR E EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA	34
2.1 A escrita como experiência transformadora de si.....	35
3 NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM: HETEROTOPIAS E ESPAÇOS OUTROS A PARTIR DE FOUCAULT	38
3.1 As paisagens textuais como formadoras de heterotopias	41
3.2 As cartas como heterotopias literárias	45
4 PROVAVELMENTE ALEGRIA: REVERBERAÇÕES ACERCA DA AMIZADE.....	52
4.1 A amizade através do tempo: um percurso histórico do conceito	53
4.2 A Idade Média e a privatização da amizade	60
5 OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE: O ÍNTIMO E O PRIVADO PERMEADOS PELO ESPAÇO PÚBLICO.....	62
5.1 O caráter privado ou íntimo das correspondências.....	64
5.2 A emersão do íntimo no espaço público.....	68
6 QUE FAREI COM ESTE LIVRO? METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS CARTAS E NOTÍCIAS	72
6.1 Percurso metodológico	73
7 CLARABOIA: ANÁLISE DAS NOTÍCIAS E CARTAS À LUZ DOS CONCEITOS NORTEADORES.....	80
7.1 Análise das paisagens textuais das cartas de Jorge Amado e José Saramago e das notícias referenciadas na correspondência.....	80
7.1.1 Análise da correspondência e primeira notícia.....	80
7.1.2 Análise da correspondência e segunda notícia	83
7.1.3 Análise da correspondência e terceira notícia	88

7.1.4 Análise da correspondência e quarta notícia	90
7.1.5 Análise da correspondência e quinta notícia	93
7.1.6 Análise da correspondência e sexta notícia	96
7.1.7 Análise da correspondência e sétima notícia	99
7.1.8 Análise da correspondência e oitava notícia.....	103
7.1.9 Análise da correspondência e nona notícia.....	107
7.1.10 Análise da correspondência e décima notícia.....	109
7.1.11 Análise da correspondência e décima primeira notícia	113
7.1.12 Análise da correspondência e décima segunda notícia.....	116
A LUZ NO TÚNEL: CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	130
ANEXOS	135
Anexo 1	135
Anexo 2	135
Anexo 3	136
Anexo 4	136
Anexo 5	141
Anexo 6	144
Anexo 7	145
Anexo 8	148
Anexo 9	149
Anexo 10	150
Anexo 11	151
Anexo 12	151
Anexo 13	152

Figura 1: Carta de José Saramago à Jorge Amado

José Saramago
 Quando Lúcia e José,
 Afinal, não puderam ir à Bahia,
 Pilar, no regresso de França, não se en-
 contaram bem, e o médico foi se parecer
 que seria prejudicial uma viagem
 tão longa e fatigante. Ficamos em
 casa, mas a paciência mandou mais.
 Junto a notícia e a carta de

Fonte: Acervo Zélia Gattai / Fundação Casa de Jorge Amado

Figura 2: Carta de Jorge Amado à José Saramago

Paris 10/7/1963
 JORGE AMADO
 Pilar e José,
 um abraço de
 Uliás e


Fonte: Acervo da Fundação José Saramago

OBJECTO QUASE¹: INTRODUÇÃO²

A Fundação Casa de Jorge Amado – FCJA foi criada em 1986 com o intuito de preservar a obra do escritor e conta com um acervo rico e variado sobre a vida e a obra de Jorge Amado. Cerca de 250 mil documentos compõem a FCJA, divididos entre originais de livros, adaptações para teatro, cinema e televisão, artigos de jornais e revistas, documentos pessoais, prêmios e condecorações. Também fazem parte do acervo aproximadamente 70 mil cartas recebidas e enviadas pelo literato, um missivista fervoroso. De acordo com Paloma Jorge Amado³, as correspondências passaram por um processo de digitalização que contemplou aquelas trocadas com grandes nomes da esfera cultural da época, como o cineasta Glauber Rocha e escritores como Carlos Drummond de Andrade, Pablo Neruda, Nicolás Guillén, Ferreira de Castro, João Ubaldo Ribeiro, Érico Veríssimo e José Saramago.

Com o último, Jorge Amado se correspondeu durante cinco anos. Uma parte das cartas trocadas pelos escritores foi publicada pela Companhia das Letras no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* (2017) organizado por Paloma Jorge Amado, Bete Capinan (Fundação Casa de Jorge Amado) e Ricardo Viel (Fundação José Saramago). As missivas foram escritas regularmente entre 1992 e 1998, Amado aos 78 anos de idade e Saramago aos 68 anos, em um momento em que as suas carreiras estavam já consolidadas. Amado e Saramago se conheceram pessoalmente em 1990, em Roma, quando fizeram parte do júri do Prêmio da União Latina de Literaturas Românicas⁴. A consolidação da amizade, contudo, se deu apenas no ano seguinte, quando foram novamente jurados do mesmo prêmio e, nas palavras do próprio Saramago, estavam juntos “pelejando, ombro com ombro, para que um escritor de língua portuguesa fosse o destinatário do reconhecimento internacional que o prêmio literário da União Latina então significava” (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.117).

A prática comunicacional estreitou os laços de proximidade entre eles e, desde então, além da língua, da contemporaneidade e do posicionamento político – os dois se declaravam abertamente comunistas – os lusófonos passaram a discutir ideias, questões pessoais, seus pareceres acerca dos prêmios com os quais eram ou não prestigiados e, também,

¹ SARAMAGO, José. **Objecto quase**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

² Todos os capítulos do presente texto apresentam citações (relacionadas ao conteúdo do capítulo) de títulos de livros publicados por Jorge Amado ou por José Saramago, seguidas de notas de rodapé com a referência bibliográfica completa.

³ Informação retirada da introdução do livro “Com o mar por meio – uma amizade em cartas” / Jorge Amado e José Saramago” - 1ª ed - São Paulo: Companhia das Letas, 2017, p.7-8.

⁴ Informação encontrada no livro “Com o mar por meio – uma amizade em cartas / Jorge Amado e José Saramago” - 1ª ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Não foi encontrada nenhuma informação em sites oficiais da União Latina.

as notícias jornalísticas em que eram citados. As mensagens levavam e traziam informações acerca da saúde, do cotidiano, das desventuras da profissão que compartilhavam e do universo político e cultural no qual estavam inseridos. Ambos estavam em contextos sócio-históricos semelhantes e, partindo do fato que dividiam intimidades e visões da conjuntura social em que viviam, podemos supor que as dinâmicas relacionais entre eles afetaram diretamente a construção dos sujeitos, seus posicionamentos e suas experiências dentro do universo literário e midiático. O arquivo epistolar dos literatos – que além das cartas contempla recortes de jornais, bilhetes, fotografias, postais, notas ditadas à imprensa e pequenos excertos dos diários mantidos por Saramago – materializa o processo comunicacional entre eles e se torna um acúmulo de diferentes tempos, lugares e percepções compilados em um espaço físico e determinado: o livro.

Considerando o conteúdo deste material, resolvemos nos debruçar sobre o estudo da relação entre Jorge Amado e José Saramago enquanto sujeitos sociais transpassados pelas esferas íntima, privada e pública de suas vidas e como expoentes da literatura em língua portuguesa e, ao mesmo tempo, figuras midiáticas. A partir de recortes determinados pela variante tempo, entendemos que as correspondências trocadas estão, inevitavelmente, vinculadas a vários contextos: sociais, culturais, econômicos, históricos e políticos. Ademais, elas existem no presente, mas trazem em si mesmas notícias do passado e previsões do futuro, acolhem realidades diversas nas linhas que as constituem e colocam frente a frente pessoas geograficamente distantes entre si. Logo, consideramo-las também como dispositivos de memória nos tempos atuais.

Ao percorrermos esses documentos, buscamos articular os conceitos de memória, experiência e heterotopia e amizade, que decidimos explorar tendo como ponto de partida a seguinte questão: como as cartas trocadas entre José Saramago e Jorge Amado constituem-se num processo comunicacional de construção de heterotopias literárias que, ao acionar dispositivos de memória, transformam a experiência dos autores, de seu entorno e da própria língua como território em devir? Em outras palavras, buscamos identificar no conteúdo do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* pistas que nos permitem investigá-lo como um dispositivo de memória dos acontecimentos partilhados pelos escritores. Interessa-nos observar como estes acontecimentos afetaram, transformaram suas experiências e criaram heterotopias, levando em consideração, inclusive, a língua portuguesa enquanto um território compartilhado por ambos.

O trabalho em comum, recíproco, hospitaleiro, de criação das heterotopias, paisagens, territórios e temporalidades identificáveis na escritura das cartas nos leva a uma

investigação cujo objetivo principal é construir uma análise desse processo de construção de heterotopias literárias através de uma experiência transformadora de si e das relações intersubjetivas. Ademais, partindo da análise das cartas e das notícias como documentos de memória entre os autores, buscamos entender suas formas de habitar e refletir o mundo e a escrita segundo suas experiências individuais e coletivas, uma vez que a troca de cartas configura lugares comuns de encontros, desencontros e rememorações a partir de vestígios. Sobre a língua portuguesa, que aparece ao mesmo tempo como plano de fundo e matriz principal do processo comunicacional, a ideia é entendê-la não somente como um território compartilhado entre Amado e Saramago, mas também como um território simbólico onde heterotopias são fabuladas.

Entendemos que a análise e a discussão das cartas editadas no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* e seu cruzamento com as notícias veiculadas na mídia tornam-se relevantes para o campo da comunicação não só para a identificação da atuação de diferentes discursos na construção de sujeitos, como também para o entendimento da formação de sentidos e representações do meio literário e midiático. Jorge Amado e José Saramago foram dois grandes expoentes da literatura em língua portuguesa, autores de dezenas de romances traduzidos para diversas outras línguas e publicados mundialmente, ambos atuaram como jornalistas e foram pautados com frequência por veículos de comunicação em vários países. Suas figuras enquanto escritores estão presentes tanto no universo literário quanto no universo midiático, como celebridades intelectuais reconhecidas em diversos países e representantes da língua portuguesa.

A ação comunicativa por si só também legitima o livro com as cartas como objeto de pesquisa do campo da comunicação: grandes premiações da esfera artística geralmente afetam e são dialeticamente afetadas pelas esferas social, econômica, política e midiática, e observar como isso se manifesta nas correspondências e notícias trocadas entre Jorge Amado e José Saramago é pertinente para pensarmos na construção das experiências subjetivas e coletivas dos literatos. Outrossim, por se tratar de instrumentos que consomem a interação social em práticas textuais, as cartas, excertos e notícias são carregados de representações e simbolismos, sejam eles sociais ou individuais e, logo, refletem o contexto cultural onde se inserem e servem tanto como testemunhos de memória quanto como abertura à articulação de novas perspectivas de tempo.

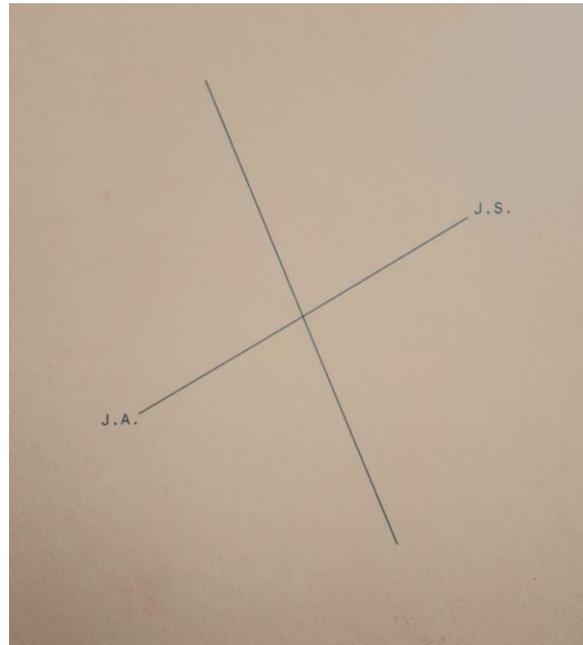
As mensagens replicadas no livro constituem um arquivo memorial do período em que os escritores se corresponderam. Tais segmentos servem como rastros, como vislumbres da narrativa corrente naquele período e nos permitem, assim, uma melhor compreensão dos

contextos sociais, artísticos e midiáticos nos cinco anos em que os autores trocaram cartas. Além disso, possibilitam reflexões acerca de como esses contextos ainda reverberam na organização e na construção de memórias coletivas e subjetivas na atualidade.

Já a língua portuguesa, um dos principais pontos de união entre Jorge Amado e José Saramago diante das questões inerentes ao universo literário, pode ser vista a partir de uma perspectiva territorialista: a língua é tida como um território compartilhado entre os autores em questão e os demais lusoparlantes do planeta, associada a uma dimensão de organização e de partilha de territórios de uma matriz cultural. A língua portuguesa, nesse espaço, é vista como um elo entre os falantes do idioma, que mesmo geograficamente distantes podem se considerar (ou consideravam-se a si mesmos, no caso dos escritores) como pertencentes à uma mesma “pátria”: a pátria lusófona. O entendimento da língua enquanto território é importante para compreendermos as relações de pertencimento que existem entre aqueles que compartilham um idioma e como esse sentimento é proposto e fortalecido entre os pares. Ainda dentro dessa perspectiva, a análise das figuras de Jorge Amado e José Saramago como representantes da língua portuguesa enquanto território literário é fundamental para alcançarmos a formação desta identidade e da relação entre o espaço ocupado por ela e um território maior, composto por outras línguas, dentro do universo literário mundial.

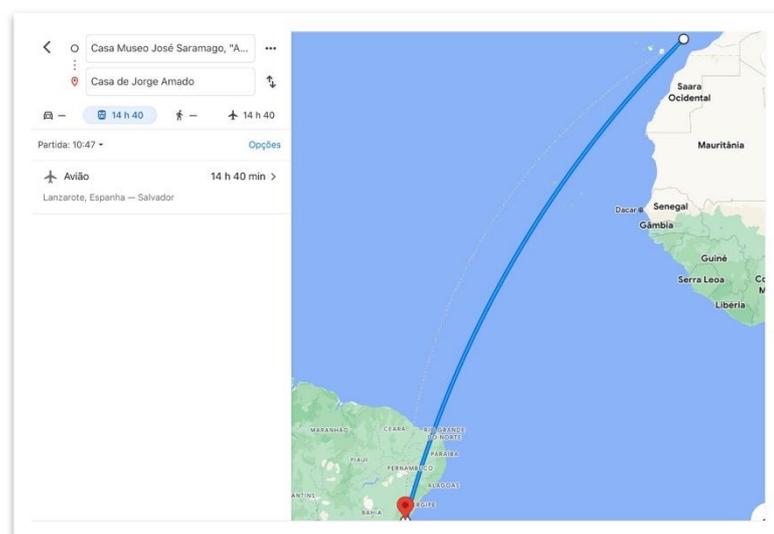
Vamos analisar correspondências e notícias publicadas em *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* também a partir de uma perspectiva heterotópica e da paisagem, uma vez que no livro identificamos, em uma mesma página, diversos lugares, diversos tempos, diversas situações que ficam juntos neste “lugar comum” que é a carta; para além deste conteúdo escrito, a edição da Companhia das Letras é composta também por fac-símiles das correspondências, fotografias e outros elementos gráficos que propõem essa diversidade de espaços heterotópicos, tempos e a transitoriedade entre eles e os sujeitos envolvidos nos diálogos. O título do livro “*Com o mar por meio*” demonstra, já de início, a relação de abismo e proximidade territorial entre os escritores: ainda que unidos pelo pertencimento ao território da língua portuguesa, estavam, na maior parte das situações, geograficamente distantes. Grande parte das fotografias que ilustram a obra são de Jorge Amado e José Saramago diante do mar, seja na Bahia, seja em Portugal, seja na ilha de Lanzarote – partes de um mesmo oceano. Elementos cartográficos também são comuns nas páginas: a folha de rosto do livro apresenta uma espécie de rosa dos ventos sintética (Figura 3) com as localizações diametralmente opostas dos autores – em Salvador no Brasil e em Lanzarote, ilha canária próxima ao continente africano (Figura 4).

Figura 3: Folha de rosto do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*



Fonte: Amado; Capinan; Viel, 2017.

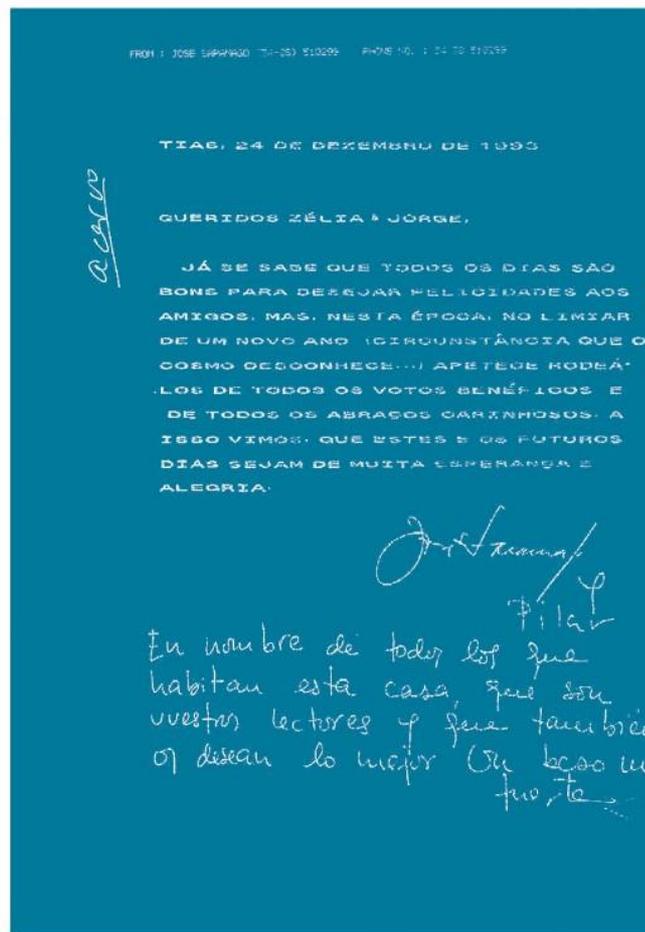
Figura 4: Print screen Google Maps: trajeto da casa de Jorge Amado (Salvador) à casa de José Saramago (Lanzarote)



Fonte: Google Maps, 2023.

Como mencionamos, o texto é ainda entrecortado por cópias das cartas enviadas por correio ou fax (Figura 5), com diferentes datas, endereços assinaturas, fotografias dos escritores escrevendo cartas à mão (Figura 6) ou em suas máquinas de escrever (Figura 7).

Figura 5: Carta de José Saramago à Jorge Amado



Fonte: Amado; Capinan; Viel, 2017.

Figura 6: José Saramago escrevendo uma carta



Fonte: Amado; Capinan; Viel, 2017.

Figura 7: Jorge Amado em sua máquina de escrever



Fonte: Amado; Capinan; Viel, 2017.

Apesar dos registros das diferentes localizações e situações, Jorge Amado e José Saramago encontravam-se num mesmo espaço comum nas cartas, porém abstrato: o lugar heterotópico onde são evocados espaços outros. A possibilidade de acolher realidades temporal e geograficamente distintas é característica das heterotopias, assunto de interesse do campo da comunicação, no sentido de compreender a formação desses espaços e como eles influenciam a construção da realidade a partir do ato comunicacional.

O meio pelo qual os membros de uma coletividade exploram suas atividades e relações é construído a partir da intersubjetividade dos atores, ou seja, constitui-se em um espaço público comum e conhecido por ambos, afetando e sendo afetado pelas individualidades envolvidas no processo. Como uma ação relacional, essa troca de informações e narrativas acerca de si mesmo é uma via mão dupla, uma troca recíproca entre os interlocutores. Portanto, as cartas se mostram como objeto de estudo para a compreensão da relação de si mesmo com o outro através da construção de significados por meio dos atos expressivos. A troca de cartas (e seu entrecruzamento com as notícias que também eram enviadas pelos remetentes), neste caso, está profundamente ligada à ideia de experiência, no sentido de transformação da realidade: modifica aqui e agora a nossa relação com o mundo, com os outros e conosco mesmos, submetendo a vida à uma transformação baseada na articulação histórica e uma prática de si. As conversas entre os escritores trazem à tona as experiências de cada um deles, os contextos

em que estavam incluídos e perspectivas sobre seus lugares dentro desses contextos em diversos recortes temporais e, logo, constroem uma realidade a partir dessas nuances.

No intuito de identificarmos a construção dessas heterotopias literárias baseadas na experiência dos escritores acionadas a partir dos dispositivos de memória presentes no conteúdo das cartas, realizamos uma pesquisa documental nos veículos de comunicação acerca das notícias citadas nas correspondências e, não menos importante, um mapeamento dos locais em que Jorge Amado e José Saramago mencionaram em suas cartas, além daqueles onde estavam quando as escreviam. Por meio da pesquisa documental, organização e classificação das notícias e localizações dos sujeitos de acordo com as datas, veículos e enquadramento dos dados e posterior cotejo das notícias e suas respectivas citações, buscamos compreender como a escritura pode transformar experiências, fabular heterotopias e construir dispositivos de memória.

O gesto de mapear percursos, trilhas e pistas nos permite uma composição que ressalta o processo de criação de uma heterotopia, dando a ver dispositivos de memória e experiências reconfiguradoras de si e do outro. Para tanto, analisamos o conteúdo do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* fundamentados nas teorias acerca das técnicas de si, dos dispositivos de memória, das experiências transformadoras, das heterotopias e da amizade, permeando todo esse percurso. Partindo das proposições supracitadas, observamos o conteúdo das correspondências de Jorge Amado e José Saramago – incluindo também as notícias citadas – a partir da tétrade de conceitos: memória, experiência, heterotopia e amizade.

A pesquisa que apresentamos foi motivada também por razões pessoais. Durante a graduação, tive a oportunidade de realizar um intercâmbio acadêmico e, em uma viagem à Portugal, pude conhecer a Casa dos Bicos, onde se localiza a Fundação José Saramago. Andando por entre as salas, me vi diante das cartas que o português José Saramago trocou com Jorge Amado.

Sempre tive a leitura como um hábito, já havia lido grande parte da obra de Jorge Amado e alguns romances de José Saramago, sendo uma grande admiradora da vida e da produção literária de ambos. Tomar conhecimento da amizade entre os dois e, mais ainda, enxergá-los como companheiros na luta pelo reconhecimento da língua portuguesa como uma grande expressão na literatura mundial me despertou o desejo de compreender melhor essa relação de amizade e a defesa desse território da lusofonia.

Naquela época, já estudante de jornalismo, entendi a importância dos registros comunicacionais como objetos principais da preservação da história da literatura (uma paixão pessoal) e da memória sobre o empenho de dois grandes escritores em prol de uma maior

valorização da língua que falavam e que, partindo dela num primeiro momento, disseminaram suas histórias e as histórias de seu país para todo o mundo.

Para apresentar a pesquisa desenvolvida, a presente dissertação está estruturada em 7 capítulos.

No capítulo 1, discutimos o conceito de memória, segundo os autores Joël Candau, Pierre Nora, Maurice Halbwachs, dentre outros. Também abordamos a noção de « lugar de memória », proposta por Nora. Tal discussão não pretende ser exaustiva, uma vez que a discussão acerca da memória já foi desenvolvida anteriormente por diversos autores, sob diferentes visadas. O objetivo principal do capítulo é apenas delimitar os usos do conceito na presente pesquisa.

No capítulo 2, abordamos o conceito de experiência de acordo com a teoria pragmatista da comunicação, fazendo um cruzamento com o conceito de experiência interior proposto por Georges Bataille e sobre a escrita de si como experiência transformadora do sujeito, partindo da discussão desenvolvida por Michel Foucault.

No capítulo 3, discutimos paisagens e heterotopias, também segundo a visada de Foucault e de pesquisadores que discutiram a noção de paisagem textual, como Graziela Mello Vianna, Paulo Bernardo Vaz e Humberto Santos.

No capítulo 4, apresentamos uma breve genealogia do conceito de amizade, tendo como bibliografia fundamental as pesquisas de Francisco Ortega, bem como as reflexões de Aristóteles, Philippe Ariès e Giorgio Agamben.

No capítulo 5, discutimos a dicotomia entre os conceitos de público, privado e íntimo, levando em consideração os estudos de Hannah Arendt, John Dewey, Muniz Sodré, Vera França, Paula Simões, dentre outros autores.

No capítulo 6, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, assim como o nosso recorte metodológico.

No capítulo 7 desta dissertação, apresentamos as análises das cartas e notícias, assim como as paisagens textuais acionadas por tais documentos, considerando as discussões apresentadas nos capítulos anteriores acerca dos conceitos norteadores da pesquisa.

Por fim, apresentamos uma síntese dos achados da pesquisa nas considerações finais.

1 TERRAS DO SEM-FIM⁵: DISCUSSÕES ACERCA DA MEMÓRIA

Contava agora tão-somente com um mundo de lembranças, nele recolhida, refugiada em recordações, cinzas com que apagar a brasa do desejo vivo

Jorge Amado em Dona Flor e Seus Dois Maridos

Para desenvolver a análise proposta, entendemos as cartas de Jorge Amado e José Saramago no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* como um memorial de épocas, fundamental no domínio dos estudos históricos e literários por se mostrarem como uma das “fontes importantes para a história cultural ou para a história social da cultura” (Bezerra; Silva, 2010, p.63). De acordo com Ribeiro, Leal e Gomes (2017), em *A Historicidade dos Processos Comunicacionais: elementos para uma abordagem*, pensar os atos comunicacionais historicamente seria o mesmo que “reconstruir, interpretar, dar um sentido presumido a essas questões numa dimensão espaço-temporal.” (Ribeiro; Leal; Gomes, 2017, p.45).

Dessa forma, enxergamos a possibilidade de análise tanto da experiência individual e coletiva vivenciada por ambos enquanto figuras públicas indicadas a grandes prêmios literários, quanto dos discursos, seus e da mídia, que atuam como conectores históricos desse íterim. Discursos que, concordando com Marialva Barbosa (2019), “permitem que possamos acessar os restos do passado – a cultura material, a memória vivida, os documentos, a sequência de gerações – produzindo identidades narrativas em direção à construção do tempo histórico” (Barbosa, 2019, p.16). Essa perspectiva é interessante pois, consoante às considerações de Ribeiro, Leal e Gomes (2017), para além dos principais pilares de análise da historicidade dos fenômenos – o espaço e o tempo – outros elementos como rastros, vestígios e ação humana devem ser enumerados como pontos importantes das narrativas e considerados na compreensão dos processos e das práticas de comunicação e memória.

A memória é um conceito amplamente discutido em diversas áreas do campo científico. De acordo com Jacques Le Goff (1990), em *Memória e História*, o conceito de memória pode ser resumido como “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas” (Le Goff, 1990, p.266). Partindo desse entendimento, o fenômeno da memória pode ser estudado a partir de várias ciências, sejam elas biológicas – no sentido estrito de uma faculdade humana “que decorre de uma organização neurobiológica muito complexa” (Candau, 2016, p.21) –, ou sociais, enquanto representações e vestígios do passado que se manifestam “de acordo com os indivíduos, grupos e sociedades”

⁵ AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Livraria Martins, 1943.

(Candau, 2016, p.21). Na presente dissertação, privilegiamos a visada das ciências sociais e, mais especificamente, a sua relação com processos comunicacionais:

a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (Nora, 1993, p.9).

O antropólogo Joël Candau (2012) faz coro à essa concepção, definindo a memória como um mosaico composto de “uma multitude de elementos adquiridos ao longo de nossa história evolutiva” (Candau, 2012, p. 845) que contempla aprendizados, hábitos e condicionamentos conscientes ou não que, por sua vez, mobilizam diferentes partes do cérebro e são responsáveis por diferentes tipos de memória (sensoriais, motoras, episódicas etc.). Partindo do pressuposto de que a memória é formada por esses elementos – representações e vestígios do passado –, Candau (2012) considera então que ela é, também, incompleta, “no sentido que somos incapazes de reter a integralidade de nossas experiências” (Candau, 2012, p.857). A proposição de Candau (2012) nos lembra o personagem Funes, o memorioso, de Jorge Luís Borges, que consegue se lembrar das experiências vividas em sua completude, algo possível somente para personagens da ficção:

nós, de uma olhadela, percebemos três copos em cima de uma mesa; Funes, todos os rebentos e cachos e frutos que comporta uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança com as listras de um livro espanhol encadernado que vira somente uma vez e com as linhas da espuma que um remo sulcou no Rio Negro na véspera da batalha do Quebracho. Essas lembranças não eram simples; cada imagem estava ligada às sensações musculares, térmicas, etc. Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, tinha requerido um dia inteiro. Contou-me: *Mais recordações tenho eu sozinho que as tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo.* E também: *Meus sonhos são como a vigília de vocês.* E igualmente, por volta da alva: *minha memória, senhor, é como despejamento de lixos.* Uma circunferência num quadro-negro, um triângulo retângulo, um losango são formas que podemos intuir plenamente; o mesmo acontecia a Irineu com as tumultuosas crinas de um potro, com uma ponta de gado numa coxilha, com o fogo irisante e com a inumerável cinza, com os muitos rostos de um morto num demorado velório. Não sei quantas estrelas via no céu (Borges, 1997, p.14).

Diante da impossibilidade de nós, as pessoas reais, rememormos todos os acontecimentos de uma vida, o antropólogo entende essa incompletude da memória como “o conjunto dos vestígios descontínuos do passado que nós reconfiguramos no presente [...] e essa descontinuidade implica o esquecimento” (Candau, p.857-858).

Retomando estudos teóricos anteriores acerca da memória, temos a concepção de memória discutida por Danielle Pereira (2014) que, fazendo um cruzamento entre os estudos de Henri Bergson, Sigmund Freud e Marcel Proust, entende que uma vez que é impossível ao ser humano “guardar” todos os acontecimentos que viu, ouviu ou tomou parte, a memória nada mais é que “um ensaio, permeado de tentativas infinitas e incompletas” (Pereira, 2014, p. 350).

De acordo com Pereira (2014), em Proust e Freud “a recomposição do vivido está ligada a imagens diáfanas e precárias, há uma lacuna infinita que alimenta a aporia presente na condição do trabalho de organização da memória como fadado à perda e a construção, ao mesmo tempo.” (Pereira, 2014, p.350).

O esforço de fazer emergir a memória é como montar um quebra-cabeças composto por pistas, fragmentos, desejos e invenções, mas que tem sempre peças faltantes; nesse sentido, a memória seria não linear e infiel a qualquer tipo de completude. O narrador proustiano de *Em busca do tempo perdido* nos conduz em um percurso lacunar pelas suas experiências, cujo ponto de partida é o gosto familiar da madeleine molhada no chá de tília:

e, como nesse divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia d'água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se colorem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores de nosso jardim e as do parque do sr. Swann, e as ninféias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda a Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, de minha taça de chá (Proust, 1990, p.51)

Sobre o tema, Freud (2018), traça uma analogia do trabalho do psicanalista em relação à memória com o trabalho de um arqueólogo:

seu trabalho de construção – ou, se preferirem, de reconstrução – mostra uma ampla coincidência com o do arqueólogo, que faz a escavação de uma localidade destruída e enterrada ou de uma edificação antiga. [...] Assim como o arqueólogo ergue as divisões da construção sobre os restos dos muros, determina o número e a posição das colunas a partir das cavidades no terreno e reconstitui ornamentos e pinturas das paredes com base nos restos encontrados nos escombros, assim também procede o analista quando tira suas conclusões de fragmentos de lembranças, associações e manifestações ativas do analisando. Os dois têm o direito inquestionável de reconstruir pela complementação e pela integração dos restos conservados (Freud, 2018, p.331).

Logo, a “alucinação artificial do passado”, nas palavras de Nora (1993), “só é precisamente concebível num regime de descontinuidade. Toda dinâmica de nossa relação com o passado reside nesse jogo sutil do impenetrável e do abolido” (Nora, 1993, p.19).

Sendo assim, o fenômeno da memória está em uma dimensão simbólica dos mecanismos, num enfrentamento entre a preservação e a perda, incerto e confuso; esse processo é sempre inacabado, conforme Henri Bergson (2010) propõe em seu livro *Matéria e Memória*: “o corpo, sempre orientado para a ação, tem por função essencial limitar, em vista da ação, a vida do espírito. Com relação às representações, ele é um instrumento de seleção, e seleção apenas” (Bergson, 2010, p.209). Essa seleção, contudo, abarcaria também a fantasia e a invenção, uma vez que, conforme já mencionamos, é impossível ao ser humano armazenar na memória a totalidade daquilo que foi vivido:

uma certa margem é portanto necessariamente deixada desta vez à fantasia; e, se os animais não se aproveitam muito dela, cativos que são da necessidade material, parece que o espírito humano, ao contrário, lança-se a todo instante com a totalidade de sua memória de encontro à porta que o corpo irá lhe entreabrir: daí os jogos da fantasia e

o trabalho da imaginação – liberdades que o espírito toma com natureza (Bergson, 2010, p.210).

Bergson (2010) acredita que a memória é composta por uma tríade: a lembrança pura, a lembrança-imagem e a percepção, sendo que o passado persistiria, então, na inconsistência:

distinguimos três termos, a lembrança pura, a lembrança-imagem e a percepção, dos quais nenhum se produz, na realidade, isoladamente. A percepção não é jamais um simples contato do espírito com o objeto presente; está inteiramente impregnada das lembranças imagens que a completam, interpretando-a. A lembrança-imagem, por sua vez, participa da ‘lembrança-pura’ que ela começa a materializar, e da percepção na qual tende a encarnar: considerada desse último ponto de vista, ela poderia ser definida como uma percepção latente (Bergson, 2010, p.155-156).

Dentro desse prisma, Pereira (2014, p.344-345) coloca a memória como uma faculdade crucial nos modos de organização da identidade humana individual e no seu cruzamento com a memória coletiva, e reflete sobre como a pluralidade, a impermanência e as constantes criação, desconstrução e renovação dessas manifestações da memória nutrem a formação das identidades e como a tessitura dialógica dessas duas esferas é costurada:

podemos derivar, portanto, a impossibilidade de existirem imagens sempre cristalizadas acerca da produção de memórias bem como o fato de não haver elaboração de uma memória individual fora de sua intercessão com a memória coletiva – assim como não há memória coletiva fora dos diálogos com as imagens pertencentes às memórias subjetivas (Pereira, 2014, p.345).

Ainda sobre a relação entre memória e a formação de identidades individuais e coletivas e diante dos tensionamentos trazidos até aqui, é importante pensarmos como os acontecimentos passados atuam diretamente na formação dos sentidos no presente dentro de uma perspectiva temporal, conforme faremos a seguir.

1.1 REGISTRO COMUNICACIONAL ENQUANTO MEMÓRIA

Os vestígios do passado – sejam eles as lembranças ou os esquecimentos –, a partir do momento em que são rememorados, organizados e elaborados, inevitavelmente criam uma narrativa. O ato mnemônico fundamental seria, então, seu “comportamento narrativo”, que através do reavivamento e compartilhamento de informações na ausência do acontecimento ou do objeto que primeiramente motivou a narração, demonstra a capacidade paradoxal da memória de tornar presente coisas ou situações ausentes.

Marialva Barbosa (2019), em *Comunicação, história e memória: diálogos possíveis*, afirma que “é o ato comunicacional que instaura a concomitância capaz de produzir um hiato no tempo e transportar, do passado para o presente, vestígios duradouros que só perduraram por serem atos de comunicação” (Barbosa, 2019, p.14). Tais proposições evidenciam o diálogo entre comunicação e história:

se considerarmos a narrativa como a configuração da existência ao se viver atos corriqueiros e banais, ou seja, que produzimos narrativas a partir da maneira como nos colocamos no mundo, observamos que a vida vivida como um ato comunicativo é produto da interpretação tanto da comunicação quanto da história. Narrar é uma forma de estar no mundo. (Barbosa, 2019, p. 16).

Nessa mesma direção, Pereira (2014) cita Tzvetan Todorov (2003) e relaciona o narrar à vida e o silêncio à morte: “se narrar é lembrar e silenciar é esquecer, logo se atrelam ao pensamento vínculos entre a narrativa e a memória. Sobreviver é lembrar, como mostram as narrativas” (Pereira, 2014, p. 347). A autora exemplifica a afirmação de Todorov (2003) citando os escritos – em pedra, papiro, papel, tela – que exprimem essas tentativas e demonstram as intensas vinculações entre a memória e a escrita “frente a uma dinâmica transgressora do vivido, em meio ao aludido jogo incessante do enfrentamento entre a lembrança e o esquecimento” (Pereira, p.347). Nesse caso, a narrativa serve como testemunho de ações passadas, enquanto memória “materializada”, conforme diz Sigmund Freud (2011) em *Nota sobre 'Bloco Mágico'*, texto de 1925 em que trata da memória:

quando desconfio de minha memória [...], posso completar e garantir sua função tomando notas. A superfície que conserva a anotação, a caderneta ou folha de papel, torna-se como que uma porção materializada do ato mnemônico que carrego em mim, ordinariamente invisível. Se tenho presente o lugar em que foi acomodada a “recordação” assim fixada, posso “reproduzi-la” à vontade, a qualquer momento, e estou seguro de que ela permaneceu inalterada, ou seja, de que escapou às deformações que talvez sofresse em minha memória. (Freud, 2011, p.268).

Tomando essa proposição como ponto de partida, entendemos a narrativa construída pelas cartas de Jorge Amado e José Saramago como a memória de uma relação de amizade que evidencia diversos acontecimentos compartilhados e discutidos pelos dois amigos na esfera íntima. A correspondência entre Amado e Saramago começou em 1992 e durou até a morte de Jorge Amado, em 6 de agosto de 2001. A relação amistosa de ambos foi revivida na publicação do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, anos após o falecimento dos escritores – José Saramago se foi em 18 de junho de 2010.

Uma vez que temos na narrativa uma forma de se comunicar, podemos entender que a comunicação é, em si mesma, um mecanismo de memória e testemunho e, se o ato comunicacional é transposto em matéria (escrita, fotografia, desenho etc.), ele toma também a posição de documento, conforme defende Barbosa (2007), fazendo referência à Paul Ricoeur:

Paul Ricoeur (1989a) [...] enfatiza a importância do documento, que marca a transposição para a escrita da problemática da memória e do testemunho. O documento transforma-se na memória coletiva arquivada, porque fundamentalmente constitui-se em um conjunto de testemunhos vividos (Barbosa, 2007, p.51).

Dessa forma, consideramos o arquivo epistolar dos escritores contido no livro publicado pela Companhia das Letras - que contempla além das cartas, recortes de jornais, notas à imprensa, excertos dos diários de José Saramago, bilhetes, fotografias e postais - como um

documento de memória tanto dos acontecimentos daquele período quanto da relação de ambos, materializada nas interações comunicacionais registradas no livro.

Entendemos que a escrita tem a função de “liberar” a memória: a partir do momento em que uma memória é posta no papel, ela se encaixa em um tempo que permanecerá durando, podendo ressurgir toda vez que for acionada, tornando-se, assim, também história. De acordo com o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990),

quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (Halbwachs, 1990, p.80-81).

Marialva Barbosa (2019) concorda com Halbwachs (1990) quando defende que “a escrita é, assim, a narrativa de um passado que perdura. A escrita é, aqui, enfim, ato comunicacional que pode ser vislumbrado como trânsito entre comunicação, memória e história” (Barbosa, 2019, p.16). Podemos entender assim a troca de cartas e as notícias relacionadas como registro de um tempo passado que antecede um acontecimento histórico, que foi o recebimento do Nobel de Literatura pelo português. José Saramago é, ainda hoje, o único escritor de língua portuguesa a ter sido laureado com essa máxima distinção.

Segundo Nora (1993), “desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (Nora, 1993, p.9). Para Nora (1993), quanto menos a memória é vivida no interior do indivíduo, maior é a necessidade de registrá-la em outras materialidades para que ela se torne tangível e acessível; essa ação permite sua permanência ao longo do tempo e, por isso, na contemporaneidade há uma obsessão pelo arquivo, no intuito de preservar não só passado como também o presente: “à medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê devesse se tornar prova em não se sabe qual tribunal da história” (Nora, 1993, p.15). Diante da incompletude e incerteza do passado, nos apegamos aos vestígios registrados enquanto história, com o propósito de nos apropriarmos daquilo que não nos pertence mais.

Essa relação entre memória, comunicação e história é aprofundada por Ribeiro, Leal e Gomes (2017) em um artigo sobre a historicidade dos processos comunicacionais. Os pesquisadores ponderam que, ao narrarem suas memórias, os indivíduos se veem afetados pelo tempo e transformam a narrativa dando sentido ao que passou, projetando-se e criando expectativas em relação ao futuro:

quando se fala em refletir sobre a dimensão histórica, não é necessariamente realizar estudos históricos, mas considerar aspectos fundamentais na teoria da história para empreender análises dos processos e das práticas de comunicação. Entre esses fundamentos, enumeramos além dos dois pilares que levam em consideração a historicidade dos fenômenos – tempo e espaço – outras questões teóricas referentes aos argumentos inseridos na historicidade: rastros e vestígios, memória, ação humana, mediadas de forma privilegiada pelas narrativas (Ribeiro; Leal; Gomes, 2017, p.40-41).

Em outras palavras, pensar as práticas comunicacionais enquanto registros históricos e memorialísticos nos permite vislumbrá-las enquanto próprias de um dado momento e lugar e, assim, destacar a visão processual do mundo e discutir a temporalidade e as convenções narrativas já que, para Ricoeur (2007), aludido por Ribeiro, Leal e Gomes (2017), “a própria historiografia recorre metodologicamente às condições narrativas para produção de seus relatos históricos” (Ribeiro; Leal; Gomes, 2017, p.43-44).

Vale pontuar, concordando com os autores, que as narrativas, apesar de reportarem-se a um período passado, estão localizadas no tempo presente e são decifradas e interpretadas em busca dos vestígios: assim, apresentam-se como ferramentas metodológicas no estudo da historicidade do fenômeno comunicacional, contextualizando os espaços sociais dentro de um fluxo antes/depois e enquanto componentes de uma cadeia de acontecimentos.

1.2 LUGAR DE MEMÓRIA

Partindo dos preceitos de memória, narrativa e história trazidos anteriormente, trataremos da noção de « lugar de memória », que também é norteadora da análise realizada na pesquisa. Segundo Nora (1993), o lugar de memória seria constituído por um jogo entre a memória e a história, numa interação mútua que leva a um mesmo espaço inconsciente, plural, heterogêneo e passível de receber diferentes interpretações – todas elas verdadeiras – relativas a um acontecimento e que, sem essa interação, seria somente um lugar de história. Nora (1993) define os lugares de memória:

são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada na lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (Nora, 1993, p.21-22).

Nora (1993) desenvolve sua reflexão acerca dos lugares de memória e esclarece que a razão fundamental de suas existências é bloquear o trabalho do esquecimento através da fixação do estado das coisas, parando o tempo e estabelecendo o máximo de sentido num

mínimo de sinais. Contudo, para Nora (1993), o mais apaixonante dos lugares de memória é a aptidão que eles têm de se metamorfosear, uma vez que, diferentemente dos registros históricos, a memória é sempre incompleta e renovável “no incessante ressaltar de seus significados e de suas ramificações” (Nora, 1993, p. 22).

Em *Literatura, lugar de memória*, Danielle Pereira (2014) situa que a noção de « lugar de memória » surgiu no século XIX e traduz os lugares simbólicos que dão a impressão de sustentar a permanência das memórias e identidades coletivas, e atuam como o suporte onde “os múltiplos aspectos e imagens relativos às modulações variadas das memórias podem ser selecionados e reelaborados” (Pereira, 2014, p.349).

Em uma Europa pós-Revolução Industrial, a percepção de temporalidade acelerou-se bastante diante das tecnologias da época e a sociedade viu diante de si a crescente fragilidade de suas memórias coletivas (aquelas que assumem o imaginário e o vivido como dimensões da memória e são diferentes das memórias historiográficas, produzidas por um olhar científico e sujeitas à jogos de poder e manipulações obedientes à diversos interesses). Assim, os lugares de memória pensados por Nora (1993) criaram uma dinâmica acerca das fricções entre a memória e a identidade:

os lugares de memória pertencem a dois domínios, que os tornam interessantes, mas também complexos: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração (Nora, 1993, p. 21).

O autor afirma que os lugares de memória são « *mis en abîme* », ou objetos no abismo, no sentido de que o que os caracteriza é não só a sua intenção inicial (despertar lembranças e elaborações), mas também o retorno contínuo dos ciclos de memória. Tais lugares não o são por serem “maiores ou melhores” que outros, mas por emaranharem o exercício da memória, teoricamente simples, com um jogo de dúvidas e incertezas sobre a própria memória. No livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, podemos observar que junto às missivas eram trocadas também notícias veiculadas nos principais meios de comunicação brasileiros e portugueses que falavam, dentre outros assuntos, sobre a possibilidade de qualquer um deles – Jorge Amado ou José Saramago – ganhar o prêmio Nobel de Literatura. Essas notícias, que também estão fora do registro histórico “oficial”, servem como gatilhos para a construção de outras memórias e representações daquele momento vivido e registrado na narrativa dos autores, mesmo que não estivessem efetivamente lá.

De acordo com a visada de Nora (1993), independentemente do valor dos lugares, eles tornam-se lugares de memória ao implicarem o saber de outras memórias para além daquelas que os constituem, na identificação de uma narrativa individual e uma coletiva no

mesmo espaço. Podem ser até locais que inicialmente eram ínfimos, apenas notados naquele momento da história, mas que posteriormente foram alçados a um simbolismo maior pelos mais diversos motivos, o que leva o autor a questionar:

seremos nós, enfim, mais sensíveis ao componente simbólico? Oportunos, por exemplo, os lugares dominantes aos lugares dominados. Os primeiros, espetaculares e triunfantes, imponentes e geralmente impostos, quer por uma autoridade nacional, quer por um corpo construído, mas sempre de cima, têm, muitas vezes, a frieza ou a solenidade das cerimônias oficiais. Mas nos deixamos levar do que vamos a eles. Os segundos são os lugares de refúgio, o santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio. É o coração vivo da memória. (Nora, 1993, p.26).

Para o historiador francês, ao contrário dos lugares de história, os lugares de memória não têm referentes na realidade: são eles mesmo seu próprio referente, feitos daquilo que escapa à história. São lugares duplos: “um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações” (Nora, 1993, p.27). Buscamos perceber esses lugares de memória nas cartas reunidas no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* e nas notícias relacionadas à correspondência entre Jorge Amado e José Saramago no período entre 1992 e 1998.

Trazemos no capítulo 7 a análise do cruzamento entre as cartas de Jorge Amado e José Saramago que citam notícias midiáticas e as próprias notícias, objetos dessa dissertação, porém apresentamos aqui alguns exemplos de lugares de memória identificados na interlocução dos escritores.

Em carta de 4 de fevereiro de 1994, Jorge narra ao amigo português como foram as comemorações do Dia de Yemanjá:

Queridos Pilar e José,
Madonna não aconteceu por aqui, mas aconteceu Yemanjá. Os dias de anteontem e ontem foram de festas de candomblé, belas e cansativas. No dia 2 de fevereiro, “dia de festa no mar”, na bela cantiga de Dorival Caymmi, fomos saudar Yemanjá aqui no mar do Rio Vermelho. É uma festa muito bonita, quando os pescadores levam suas oferendas para que Yemanjá propicie um ano de boas pescarias: cerca de quinhentos balaios com presentes foram levados até o mar alto por uma centena de embarcações, a maioria saveiros. Tudo correu bem e nós, família Amado, nos empanzinamos de comida baiana em casa de simpáticos milionários nossos amigos, que oferecem um tradicional almoço de Yemanjá, desde há muitos anos, a cada 2 de fevereiro. Ontem foi dia da inauguração do largo de Pulchéria (nome de uma mãe de santo do começo do século) onde fica o candomblé do Gantois, no qual reinou durante quase setenta anos a famosa mãe Menininha do Gantois, querida amiga, minha e de Zélia. Foi uma festa emocionante a inauguração da praça pela prefeita da cidade, prefeita de esquerda, seguida de festas no terreiro. Nestes meses na Bahia as festas se sucedem, daqui a uma semana começa o carnaval.

[...]

Zélia e Paloma juntam-se a mim num beijo e num abraço muito afetuoso para os queridos Pilar e José.

Vosso, devoto,

Jorge (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.38-39).

Ao descrever a tradicional festa de Yemanjá e citar a culinária baiana, a canção de seu amigo e compositor Dorival Caymmi, a história do candomblé do Gantois e como foi o dia de sua família, Jorge Amado cria memórias para além daquela “oficial” sobre as comemorações do dia de Yemanjá; o baiano traz à superfície uma aura referente àquelas suas outras lembranças espontâneas e transforma o relato em um lugar de memória daquilo que foi criado no processo. As cartas intentam conectar os fragmentos de tempo nelas presente, e são ferramentas que ajudam a lembrar, estimulando a memória do observador através dos vestígios historiográficos trazidos e das impressões subjetivas presentes na carta.

Outro exemplo é a carta de Saramago à Jorge Amado em 9 de outubro de 1997, quando mais uma vez o Prêmio Nobel de Literatura não foi concedido à língua portuguesa:

Querido Jorge,
 Não há nada a fazer, eles não gostam de nós, não gostam da língua portuguesa (que deve parecer-lhes sueca...), não gostam das literaturas que em português se pensam, sentem e escrevem. [...] Temos de aprender a nada esperar de Estocolmo por muito que nos venham a cantar loas ao ouvido. A experiência a que tens estado sujeito durante anos e anos deve levar-te, imagino, a encolher os ombros diante destas contínuas provocações suecas. Mas aqueles que, como eu, veem em ti nada mais nada menos que o Brasil feito literatura, esses indignam-se com a já irremediável falta de sensibilidade e de respeito dos nórdicos. Enfim, vamos vivendo e trabalhando. Isso é que conta. O mais é Academia Sueca...
 Para ti e para Zélia, todo nosso carinho.
 José. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.112).

Podemos deduzir, também para além daquilo que está escrito, que a relação entre os escritores e a Academia Sueca, instituição responsável pela premiação do Nobel, sempre foi um tanto quanto controversa. Em trecho de uma carta escrita em 20 de abril de 1994, José Saramago expõe – mesmo que de forma velada – sua insatisfação com a situação:

Lanzarote, 20 de abril de 1994
 Queridos Zélia e Jorge, acabo de chegar de um rápido “tour” de conferências por Madrid, Valência e Palma de Maiorca e encontro vosso fax, de que já me havia falado Pilar, desta vez a guardar a casa.
 [...] Junto vai uma nota auspiciosa de *El País*. Vamos ver se a Academia Sueca se decide desta vez.
 Sobre o Eça, onde está o bárbaro capaz de não reconhecer a grandeza desse senhor, até agora não igualada?
 Todos os carinhos do mundo dos vossos Pilar e José.
 José Saramago (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.44).

Analisando esse trecho da carta podemos supor, partindo do que está registrado em palavras, outras nuances relativas à memória da época e do acontecimento que foi a premiação anual do Nobel: que havia sempre uma especulação acerca dos laureados; uma hegemonia relativa à origem daqueles que poderiam recebê-lo; e que as escolhas da Academia eram questionadas pelos membros do universo literário. Essas suposições foram feitas a partir daquilo que está além do que foi escrito na carta. Para chegarmos a essas suposições foi necessário considerar não só o registro comunicacional da missiva, mas também imaginar como

era o contexto na época em que ela foi escrita, uma vez que não temos nenhum outro registro sobre o descontentamento dos escritores.

Ainda em relação ao Prêmio Nobel e a narrativa criada sobre ele por Jorge Amado e José Saramago, um outro exemplo para se pensar nos lugares de memória é um trecho dos *Cadernos de Lanzarote*, os diários de José Saramago, em que o autor registra sua opinião e que serve como registro comunicacional e memorialístico acerca do acontecimento:

21 de setembro – José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*
 Regressado à Bahia, escreve-me Jorge Amado a pedir que o represente no Parlamento Internacional de Escritores, no caso de haver conclusões, o que é pouco provável: esperemos, sim, que venham a tomar-se decisões capazes de transformar-se em ações. De caminho, diz-me que recebeu de Nova York a informação (categórica) de que o Nobel deste ano será para Lobo Antunes. A fonte da revelação, colhida não se sabe de onde, é um jornalista brasileiro que, pelos vistos, bebe do fino. Já sabemos que em Estocolmo tudo pode acontecer, como o demonstra a história do prêmio desde que o ganhou Sully Prudhomme estando vivos Tolstói e Zola. Bom amigo, Jorge insiste que o seu favorito é outro. Não falta muito para sabermos. Quanto a mim, de Lobo Antunes, só posso dizer isto: é verdade que não o aprecio como escritor, mas o pior de tudo é não poder respeitá-lo como pessoa. Como não há mal que um bem não traga, ficarei eu, se se confirmar o vaticínio do jornalista, com o alívio de não ter de pensar mais no Nobel até ao fim da vida. (Amado; Capinan; Viel. 2017, p.51).

Ainda sobre o assunto, Amado escreve ao amigo Saramago:

Salvador, 26 de setembro de 1994
 Queridos Pilar e José, obrigado pelo fax e pelo recorte do *ABC*.
 [...]
 Quem me falou peremptoriamente sobre o prêmio Nobel e o Lobo Antunes foi um jornalista, meu amigo, que esteve no Brasil durante sete anos como correspondente do *New York Times* – como bom jornalista mal informado, a meu ver. Depois que recebi seu fax, o Colchie me falou e eu perguntei a opinião dele sobre o assunto: ele acha que Lobo Antunes deseja muito, mas que tem pouca chance no momento; duvida que o prêmio seja dado à língua portuguesa como se anuncia.
 Prêmio diabólico, José tem razão.
 Beijos de Zélia e meus para Pilar. Abraços afetuosos para José.
 Do velho leitor e amigo,
 Jorge Amado. (Amado; Capinan; Viel. 2017, p.54)

Pelo que é possível deduzir a partir do que foi escrito por Saramago, as especulações em torno da premiação não eram um incidente isolado e tampouco discutido somente entre escritores: participavam delas também jornalistas, como descrevem as cartas ou os diários de Saramago. O registro dessas indagações e conclusões, tanto nas cartas quanto nesse trecho de diário, por exemplo, nos permitem ter uma ideia acerca daquilo que se passava: a insatisfação de determinados autores, a discordância deles diante das escolhas da Academia Sueca. Essas tramas não estão registradas em documentos, mas podem ser consideradas como uma memória da época a partir daquilo que inferimos na narrativa construída pelas cartas trocadas entre Amado e Saramago, atualmente materializadas no livro da Companhia das Letras.

Sendo assim, podemos considerar que o registro do ato comunicacional composto pelas narrativas das cartas, dos trechos de notas enviadas à imprensa, dos diários de José Saramago e das notícias sobre eles compõem o livro como um registro histórico da época. Mas,

além de se constituírem como um registro, eles configuram também um « lugar de memória », seja a memória individual de Jorge Amado e José Saramago, seja a memória coletiva dos lusoparlantes, uma vez que a discussão se dava bastante sobre a premiação que, de acordo com eles, ainda faltava à língua portuguesa.

Essa afirmação é pertinente se levarmos em conta que o livro, por si só, não contempla todas as informações e acontecimentos daquele período, que há hiatos de tempo entre o envio e o recebimento das cartas, que aquilo que está ali registrado, apesar de estar localizado num intervalo determinado, existem na atualidade como registros de um passado e as previsões feitas sobre o futuro daquele tempo e comportam diferentes realidades e locais. Ou seja, apesar de terem como mote um acontecimento histórico – o primeiro Nobel de Literatura para a língua portuguesa – são dispositivos que permitem que a memória acerca dele não permaneça rígida, mas sim em constante reconstrução.

Em suas ponderações, Nora (1993) considera os acontecimentos como lugares de memória:

e os grandes acontecimentos? Somente dois tipos dentre eles são relevantes, que não dependem, em nada, de seu tamanho. De um lado os acontecimentos, por vezes, ínfimos, apenas notados no momento, mas aos quais, em contraste, o futuro retrospectivamente conferiu grandiosidade das origens, a solenidade das rupturas inaugurais. De outro lado, os acontecimentos onde, no limite, nada acontece, mas que são imediatamente carregados de um sentido simbólico e que são eles próprios, no instante de seu desenvolvimento, sua própria comemoração antecipada; a história contemporânea, interposta pela mídia, multiplicando todos os dias as tentativas de natimortos. (Nora, 1993, p.25).

Tomando essa consideração de Nora como norteadora, entendemos que o Prêmio Nobel é, de fato, um grande acontecimento. Porém, as reverberações acerca dele, como por exemplo a narrativa criada por Jorge Amado e José Saramago ao registrarem seus atos comunicacionais, se relacionam com o segundo espectro trazido por Nora (1993): aqueles acontecimentos onde nada acontece, mas que o simbolismo intrínseco a eles dá sentido e os coloca enquanto um lugar de memória. O livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* materializa-se, ainda, na afirmação categórica do historiador: “a memória, com efeito, só conheceu duas formas de legitimidade: histórica ou literária” (Nora, 1993, p.28).

A partir desses lugares, procuramos distinguir no conteúdo do livro a experiência de Jorge Amado e José Saramago através da escrita das cartas. O conceito de experiência nesse contexto é discutido no próximo capítulo.

2 A BAGAGEM DO VIAJANTE⁶: EXPERIÊNCIA, EXPERIÊNCIA INTERIOR E EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA

Dentro de nós há uma coisa que não tem nome. Essa coisa é o que somos.

José Saramago em Ensaio sobre a Cegueira

O conceito de experiência, amplamente estudado na comunicação, já foi abordado por diversos autores e em várias perspectivas. Na compreensão do pragmatismo (cuja concepção tem como base as reflexões de Charles Peirce, William James, John Dewey e G.H. Mead), por exemplo, a experiência é tida como todo o contexto de uma determinada ação ou situação, conforme nos explica Pogrebinschi (2005):

trata-se de insistir na importância de que as investigações filosóficas estejam atentas ao papel do contexto em seu desenvolvimento. Em outras palavras, trata-se de reivindicar considerações às crenças políticas, religiosas, científicas, enfim, à cultura da sociedade e às relações que mantêm com as instituições e práticas sociais. A este corpo de crenças, o pragmatismo chama de experiência. E a experiência é o conceito-chave para que se possa compreender a ideia de contexto: aliás, em termos gerais, pode-se dizer que a experiência é o mais abrangente dos contextos. (Pogrebinschi, 2005, p. 49).

Ou seja, partindo da definição de Pogrebinschi (2005), podemos supor que uma vez que a interação comunicativa envolve os sujeitos, suas subjetividades e pode ser considerada uma ação situacional – inscrita numa temporalidade que engloba experiências passadas, suposições do futuro e o tempo em que ocorre de fato – os agentes que agem e sofrem as consequências dessas interações são afetados direta e indiretamente pelas ações que estão em curso. Ou seja, na visada do pragmatismo, a experiência de um indivíduo estaria intimamente ligada aos fatos sociais externos a ele.

À esta ideia de experiência – baseada no contexto das crenças sociais vigentes – acrescentamos uma outra delimitação, que servirá como base das reflexões que propomos nesta dissertação: o conceito de experiência interior, cunhado inicialmente por Georges Bataille (2016) e que serviu como eixo principal do trabalho foucaultiano sobre as experiências transformadoras de si.

Segundo Bataille (2016), “a experiência é a colocação em questão (à prova), na febre e na angústia, daquilo que um homem sabe do fato de ser” (Bataille, 2016, p.34). Ou seja, para o escritor, a experiência interior diz respeito àqueles estados de êxtase, de emoção e de arrebatamento e em que há a necessidade de pôr tudo o que se vive internamente em questão:

chamo experiência uma viagem ao extremo possível do homem. Cada qual pode não fazer essa viagem, mas, se a faz, isso supõe que foram negadas as autoridades, os

⁶ SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante**. Lisboa: Caminho, 1973.

valores existentes, que limitam o possível. Pelo fato de ser a negação de outros valores, de outras autoridades, a experiência que tem a existência positiva torna-se ela própria, positivamente, o valor e a *autoridade* (Bataille, 2016, p.37).

No domínio do espírito, Bataille (2016) entende por autoridade aquelas que são socialmente dadas: a Igreja e a Ciência, por exemplo. Nesse sentido, passar por uma experiência interior seria enxergar-se e entender-se fora dessas primeiras autoridades, tornando a própria experiência interior uma autoridade em si mesma. Para isso, seria preciso vivê-la e ver nela, para além do regime cultural da sociedade, uma junção de diferentes operações, sejam elas intelectuais, estéticas ou morais:

é a separação do transe dos domínios do saber, do sentimento e da moral que obriga a *construir* valores que reúnam *do lado de fora* os elementos desses domínios sob a forma de entidades autoritárias, quando na verdade era preciso não procurar longe, pelo contrário, entrar em si mesmo para aí encontrar o que faltou a partir do dia em que se contestaram as construções. "Si mesmo" não é o sujeito que se isola do mundo, mas um lugar de comunicação, de fusão do sujeito e do objeto (Bataille, 2016, p.40).

Segundo Bataille (2016), a fusão do sujeito e do objeto – ou o que ele chama de experiência interior – se realizaria como uma transformação do homem, transformação essa que se dá no deslocamento das grandes divisões normativas de uma época. Esta alteridade proposta por Bataille (2016), esta dissolução do indivíduo e do que ele fez de si próprio se relacionam com o pensamento de Michel Foucault (2004). Em suas reflexões, Foucault traz à tona a discussão acerca da “escrita de si”, que tomamos aqui como uma experiência transformadora de si.

2.1 A ESCRITA COMO EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA DE SI

Em seu texto intitulado *A escrita de si*, publicado originalmente em 1984, Foucault (2004) revisita a filosofia grega e faz uma analogia entre os exercícios de controle do corpo e do espírito, analogia que se refere “à prática da ascese como trabalho não somente sobre os atos, porém mais precisamente sobre o pensamento: o constrangimento que a presença do outro exerce na ordem da conduta, a escrita exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma” (Foucault, 2004, p.145). Nesse sentido, a escrita teria então uma função *etopoiética*. Em outras palavras, ela operaria a transformação da verdade em *ethos*⁷ através de “duas formas já conhecidas e utilizadas para outros fins: os *hupmnêmata* e a correspondência” (Foucault, 2004, p.147).

⁷ De acordo com o dicionário *Oxford Languages*: conjunto de costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

Os *hupmnêmata* seriam na Antiguidade o correspondente ao que hoje em dia entendemos como “diários pessoais”: cadernetas de anotações onde eram registrados fragmentos de obras lidas, anotações íntimas, reflexões ouvidas ou pensadas, enfim, um suporte de memória – tal qual os *Cadernos de Lanzarote* escritos por José Saramago. Esse suporte de memória, porém, era utilizado não somente como objeto de consulta, mas sim como “um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com os outros etc.” (Foucault, 2004, p.148). Em outros termos, os *hupmnêmata* estavam tanto inseridos dentro de um contexto social de autoridades externas ao indivíduo quanto implantados em sua alma. Assim, eles subjetivavam os discursos:

o movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele [as narrativas de si mesmo]: trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si (Foucault, 2004, p.149).

Em resumo, para Foucault (2004), os *hupmnêmata* enquanto exercícios de si se opunham à dispersão da mente – a mudança de vontades e opiniões, a instabilidade da atenção, a vontade constante de dirigir-se a um futuro – fixando os elementos adquiridos da sociedade e estabelecendo com eles um passado sempre acessível. A definição de experiência interior de Bataille (2016) é então corroborada por Foucault (2004), quando, ao tratar dos *hupmnêmata*, afirma que:

o essencial é que ele possa considerar a frase retida como uma sentença verdadeira no que ela afirma, adequada no que prescreve, útil de acordo com as circunstâncias em que nos encontramos. A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso (Foucault, 2004, p.151).

Foucault (2004) desenvolve a discussão abordando outra prática de si, também exercida pela escrita: as correspondências. Para o filósofo francês, a prática missivista também permite o exercício pessoal, pois ela nunca se dá de maneira unilateral. A troca de cartas é sempre uma troca recíproca entre os correspondentes: ao se escrever algo, lê-se o que está escrito; pelo gesto da escrita a carta age sobre o remetente, pelo gesto da leitura ela atua sobre o destinatário. Ainda segundo o filósofo,

a carta que é enviada para ajudar seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constitui para aquele que escreve uma espécie de treino: um pouco como os soldados em tempo de paz se exercitam no manejo das armas, os conselhos que são dados aos outros na urgência de sua situação são uma forma de preparar a si próprio para uma eventualidade semelhante (Foucault, 2004, p.154).

Além do adestramento de si mesmo pela escrita, as correspondências também permitem que o indivíduo se manifeste para si mesmo: em uma carta, o sujeito se expõe a quem ele escreve e ao mesmo tempo se olha através do outro: “a carta que, como exercício, trabalha

para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como ‘bem próprio’, constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetificação da alma” (Foucault, 2004, p.156).

A historiadora Marilda Ionta (2016) discute em seu artigo intitulado *Derivas da escrita de si* as tecnologias de si propostas por Foucault e, de acordo com ela, nesse movimento de subjetivação do discurso e objetivação da alma, o sujeito não se torna nem o produto das técnicas de dominação, nem um sujeito emancipado de sua historicidade, mas sim um sujeito híbrido composto pelas tecnologias de dominação e pelas tecnologias de si:

as correspondências – um texto por definição destinado ao outro – ajudavam o indivíduo a aperfeiçoar-se, estimulando tanto o destinatário quanto o remetente a avaliarem cuidadosamente os fenômenos que aconteciam em suas vidas cotidianas. [...] A escrita de si estava inserida num quadro de investimentos em práticas de liberdade, práticas intersubjetivas e relacionais com o mundo exterior, onde a verdade era recolhida e meditada e não revelada por Deus ou pela Ciência (Ionta, 2016, p.234).

Partindo dessas reflexões, entendemos a escrita de si também como uma experiência transformadora: a coincidência do olhar do outro com o olhar do indivíduo para si mesmo permite que o sujeito compare suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida já estabelecida. Christian Laval (2019), sociólogo francês, resume no posfácio de *O enigma da revolta, entrevistas sobre a revolução iraniana*, de Michel Foucault, o que seria a experiência para o filósofo:

os campos da experiência são precisamente os saberes, os dispositivos e as instituições que delimitam o que é pensável e o que é possível em um dado momento. Resumindo: o campo das experiências refere-se às condições históricas transcendentais de nossas experiências pessoais ou coletivas em uma conjuntura dada, condições em que é importante restituir a contingência histórica para mostrar que essas condições são precisamente transformáveis. Mas há outro uso, que pode ser entendido como complementar, mas sobretudo mais original, que faz da experiência aquilo que permite fugir das condições de possibilidade de uma época, o que traz em si pelo menos a virtualidade de um deslocamento, de uma modificação do quadro e do modo de vida, de uma transformação de si (Laval, 2018, p.109).

Para tratarmos sobre essa fuga, esse deslocamento, essa modificação, trazemos no capítulo seguinte as contribuições de Michel Foucault (2013) sobre o que ele denominou como “espaços outros” e que, conforme discutiremos no presente trabalho, são criados também na atividade da escrita.

3 NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM⁸: HETEROTOPIAS E ESPAÇOS OUTROS A PARTIR DE FOUCAULT

O que mais há na terra, é paisagem. Por muito que o resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda. Será porque constantemente muda: tem épocas do ano em que o chão é verde, outras amarelo, e depois castanho, ou negra. E também vermelho, em lugares que é cor de barro ou sangue sangrado. Mas isso depende do que no chão se plantou e cultivava, ou ainda não, ou não já, ou do que por simples natureza nasceu, sem mão de gente, e só vem a morrer porque chegou no último fim.

José Saramago em Levantado do Chão.

Em conferência publicada em *Architecture, Mouvement, Continuité*, n.5, em 1984, Michel Foucault (2013), começa sua reflexão acerca desses outros espaços tratando da história do espaço na experiência ocidental e de seu entrecruzamento com o tempo. De modo geral, a teoria acerca do conceito de espaço teve início na Idade Média, onde o espaço era tido somente como “um conjunto hierarquizado de lugares” (Foucault, 2013, p.113), que se dividia, por exemplo, em lugares sagrados e profanos, urbanos e rurais, celestes e terrestres etc., e onde as coisas estavam alocadas naturalmente ou não. Foucault (2013) chamou esse entrecruzamento de lugares na era medieval de espaços de localização.

Com Galileu e sua teoria heliocêntrica, a teoria do espaço tomou outras proporções: o espaço constituiu-se em algo dissolvido, infinito e infinitamente aberto, onde “o lugar de uma coisa não era mais que um ponto no interior de seu movimento, assim como o repouso de uma coisa não era senão seu movimento indefinidamente acelerado” (Foucault, 2013, p.12). Então, a ideia medieval de localização foi substituída pela ideia de extensão.

Na atualidade, contudo, a ideia de extensão foi também substituída, dessa vez pela ideia de alocação. A alocação, segundo Foucault (2013), é estabelecida pelas relações de proximidade entre pontos ou elementos e que o espaço é, então, uma constante relação entre alocações. Tais alocações, assim como os lugares medievais, podem opor-se umas às outras: os espaços de lazer e aqueles de trabalho, os espaços públicos e privados, o espaço familiar e o espaço social, entre outros. No desenvolvimento da reflexão, o filósofo defende que o problema em relação à essa organização do espaço diz respeito não somente à demografia – ao fato de saber se há ou não espaço o suficiente para o homem no mundo –, mas sim sobre quais “as relações de vizinhança, qual tipo de armazenamento, de circulação, de identificação, de

⁸ AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

classificação dos elementos humanos que devem ser adotados preferencialmente, nesta ou naquela situação, para atingir este ou aquele fim” (Foucault, 2013, p.114).

Essas alocações concernem majoritariamente sobre os espaços “de dentro” do sujeito, mas podem ser entendidas também como um espaço “de fora” dele. Ainda segundo Foucault (2013),

o espaço em que vivemos, pelo qual somos lançados para fora de nós mesmos, no qual se desenrola precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo e de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos erode é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo. Em outras palavras, nós não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual seria possível situar indivíduos e coisas. Nós não vivemos no interior de um vazio que se revestiria de diferentes espelhamentos; nós vivemos no interior de um conjunto de relações que definem alocações irredutíveis umas às outras, e absolutamente não passíveis de sobreposição (Foucault, 2013, p.115).

Quando pensamos nesses espaços, imaginamos uma rede de relações entre as mais diversas alocações a que estamos inevitavelmente destinados a transitar: alocações de parada transitória, como os trens – nas palavras do exemplo dado pelo autor, “um trem é um extraordinário feixe de relações, pois é algo através do qual se passa, é também algo pelo qual se pode passar de um ponto ao outro, e, ainda, algo que igualmente passa” (Foucault, 2013, p.115) – e alocações de “descanso”, como as residências e seus cômodos. Contudo, o que interessa à Foucault dentro desse grande rol de alocações são, nas palavras dele,

algumas que têm a curiosa propriedade de estar em relação com todas as demais alocações; mas, de um modo tal, que elas suspendem, neutralizam, ou invertem o conjunto das relações que são por elas designadas, refletidas ou reflexionadas. Esses espaços que, de alguma forma, estão ligados a todos os outros e que, no entanto, contradizem todas as outras alocações (Foucault, 2013, p.115).

Essas alocações dividem-se em dois tipos: as utopias e as heterotopias. Consideremos primeiramente a discussão acerca das utopias, a alocação fora de todos os lugares reais. Para Foucault (2013), as utopias existem para a sociedade em uma relação de analogia direta ou invertida: ou é um aperfeiçoamento dela ou seu inverso; contudo, estão localizadas em espaços inerentemente irrealis. Laval (2019) afirma que a utopia valorizada por Foucault “não é tanto uma representação imaginária quanto uma prática, uma instituição, mas acima de tudo, mais fundamentalmente, um espaço que exige de certo modo um deslocamento real ou metafórico” (Laval, 2019, p.114). Em *O corpo utópico, as heterotopias*, publicado em 2013, o próprio Foucault as define:

há países sem lugar e histórias sem cronologia: cidades, planetas, continente, universos, cujos vestígios seria impossível rastrear em qualquer mapa ou qualquer céu, muito simplesmente porque não pertencem a espaço algum. Sem dúvida, essas cidades, esses continentes, esses planetas nasceram, como se costuma dizer, na cabeça dos homens, ou, na verdade, no interstício de suas palavras, na espessura de suas narrativas, ou, ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos, no vazio de seus corações; numa palavra, é o doce gosto das utopias (Foucault, 2013, p.19).

Todavia, Foucault (2013) reflete também sobre as utopias localizadas, aqueles locais que se localizam de fato no real, possíveis de serem localizados em um mapa, locais determinados no tempo e passíveis de serem fixados e medidos conforme os calendários. Para ele, estes seriam os *contraespaços* ou, melhor dizendo, as heterotopias.

Como exemplo, o filósofo francês traz a habilidade das crianças em criarem para si mesmas locais imaginários dentro de lugares reais – como todo um universo no fundo de um jardim ou na cama dos pais – e a organização pelos adultos de espaços como cemitérios, casas de repouso, prisões, teatros etc. Esses lugares possuem uma característica singular: são justaposições de vários espaços que deveriam ou seriam normalmente incompatíveis. Num teatro, por exemplo, diferentes lugares localizam-se no espaço retangular do palco, onde encenam-se diversos mundos e diversos tempos.

Em uma conferência proferida no *Cercle d'Études Architecturales* em 14 de março de 1967, Foucault (2013) desenvolve este conceito de heterotopia:

há igualmente – e isso provavelmente em toda cultura, em toda civilização – lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-aloções, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais as aloções reais, todas as outras aloções reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Por serem absolutamente outros quanto a todas as aloções que eles refletem e sobre as quais falam, denominarei tais lugares, por oposição às utopias, de heterotopias (Foucault, 2013, p.115-116).

Dessa forma, as heterotopias são locais reais onde estão justapostos vários outros locais e paisagens que, *a priori*, seriam incompatíveis por existirem em espaços ou tempos diferentes; lugares que se ancoram em um ponto real, mas que transportam os sujeitos para outros pontos.

O livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* é observado aqui a partir dessa perspectiva heterotópica. Segundo Foucault (2013) o espaço em que vivemos é heterogêneo em vários sentidos:

não vivemos em um espaço homogêneo e vazio; mas, ao contrário, em um espaço que é todo carregado de qualidades, um espaço que é talvez também assombrado por fantasmas. O espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões, detém em si qualidades intrínsecas; é um espaço leve, etéreo, transparente ou, então é um espaço obscuro, caótico, saturado: é um espaço do alto, um espaço dos cimos ou é, ao contrário, um espaço de baixo, um espaço da lama; é um espaço que pode ser corrente como a água viva; é um espaço que pode ser fixado, imobilizado como a pedra ou como o cristal. (Foucault, 2013, p.114-115).

Nas mensagens trocadas nas epístolas de Amado e Saramago, temos paisagens que são construídas e descritas pela linguagem e temos, também, fragmentos dos cinco anos percorridos fixados no papel. Pela leitura das cartas e notícias que compõem o livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* – entendemos que elas conformam aquelas heterotopias que

são, nas palavras de Foucault (2013), “um espaço do alto”: o entrecruzamento do diálogo travado por Jorge Amado e José Saramago e as notícias sobre ambos que foram veiculadas na imprensa naquele período parecem -“sobrevoar” à realidade vigente, ou seja, as enxergamos como um espaço acima do espaço físico onde as ações estão se desenrolando.

Assim, o conceito foucaultiano de heterotopia pode ser invocado mais uma vez, já que as cartas são recortes de diferentes tempos e espaços: “a heterotopia se põe a funcionar plenamente quando os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com seu tempo tradicional” (Foucault, 2013, p.118). Neste caso, o tempo presente habitado por Amado e Saramago é atravessado por outros tempos: momentos de passados distantes e recentes e especulações sobre o futuro.

3.1 AS PAISAGENS TEXTUAIS COMO FORMADORAS DE HETEROTOPIAS

O conceito de paisagem, personagem principal das narrativas amadianas e saramaguianas, será o ponto de partida para as reflexões desenvolvidas neste tópico.

De acordo com Ida Alves (2015), desde os anos 1970 vêm sendo desenvolvidos estudos concernentes à paisagem partindo de uma perspectiva multidisciplinar, que ultrapassa a área canônica da geografia e contempla uma ótica mais funcional, morfológica e simbólica do conceito. Logo, para a pesquisadora, a paisagem consiste não em um "espaço pré-existente e inerte, passível de descrição e classificação, mas como o resultado de uma construção perceptiva e cultural, constituindo uma estrutura de sentidos, uma formulação subjetiva configuradora de mundos a viver" (Alves, 2015, p.29).

Em *Paisagem, aceleração e poesia – por uma geografia das emoções*, Alves (2015) pondera, ainda, que as percepções da paisagem são configuradas pela subjetividade e que essas percepções, por sua vez, moldam os gestos e as emoções descritos e suportados pelas produções literárias (Alves, 2015, p.32). No mesmo artigo, a autora reitera que a paisagem surge na linguagem de forma mutável, baseada numa "subjetividade emocional/pensante do mundo", e cria uma poética que se faz de "muitas camadas, paisagens exteriores que se cruzam com paisagens da memória, da imaginação, da escrita, demarcando uma apreensão do real instável, de forte fluidez e errância, uma líquida paisagem" (Alves, p.35).

Em *Em torno da paisagem: literatura e geografia em diálogo interdisciplinar*, Ida Alves (2012) trata novamente das relações entre os campos da literatura e da geografia a partir da noção de paisagem como um "processo cultural, como efeitos de um modo de ver, fixar ou movimentar identidades e subjetividades" (Alves, 2012, p.191) e como uma percepção da forma

de habitar e refletir o mundo e a escrita segundo experiências individuais ou coletivas. Tanto na obra literária de José Saramago quanto na obra de Jorge Amado as paisagens têm forte apelo; na seleção das cartas que foram trocadas entre eles não é diferente.

Michel Collot (2013) faz coro às reflexões de Alves (2012; 2015) e acrescenta questões que vinculam paisagem e pensamento em uma relação de aposição, sugerindo que "a paisagem provoca o pensar e que o pensamento se desdobra em paisagem." (Collot, 2013, p.12).

Para o pesquisador francês,

a paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. A paisagem nos fornece um modelo para pensar a complexidade de uma realidade que convida a articular os aportes das diferentes ciências do homem e da sociedade. (Collot, 2013, p.15).

Em carta de cinco de outubro de 1994, Pilar del Río, jornalista espanhola e esposa de José Saramago, que vez ou outra participava da conversa transatlântica, se despede dos amigos brasileiros citando a paisagem da ilha: "[...] *hoje faz um belo dia em Lanzarote. Se José estivesse aqui, seria o paraíso. Um abraço muito forte, Pilar*⁹" (Tradução nossa) (Amado; Capinan, Viel, 2017, p.77). Pode-se perceber nesse trecho a confluência da paisagem e do sentimento justapostos, o que remete às proposições de Collot (2013) e Alves (2012, 2015).

No campo da comunicação, o conceito de paisagem é repensado e, nesse contexto, dá origem a outro: paisagem textual. Graziela Mello Vianna, Paulo Bernardo Vaz e Humberto Santos (2018), em *Sobre texto visual, som e imagem: novas paragens para as paisagens textuais*, trabalham essa formulação e trazem perspectivas que complementam o sentido dado inicialmente. Os autores se apropriam das noções básicas de paisagem – "a porção de uma área cujos sentidos da percepção de quem a observa consegue ver, escutar e sentir e alcançar de um determinado ponto de vista" – e relevo – "no sentido figurado, relevo é algo que sobressai, um sinônimo de ênfase" (Mello Vianna; Vaz; Santos, 2018, p.114) – para explicar a paisagem textual, constituída por materialidades diversas:

a paisagem, portanto, possui uma unidade e faz parte de um contexto mais amplo. No caso da paisagem textual, os textos formam unidades, que se articulam para constituir sentido(s). Deste modo, a unidade do texto constituiria um relevo, que constituinte de uma paisagem, forma uma paisagem maior, uma espécie de superfície contextual que acolhe e abarca os relevos na constituição dos sentidos a serem explorados pelos leitores/ouvintes. (Mello Vianna; Vaz; Santos, 2018, p.116).

Mello Vianna, Vaz e Santos (2018) fazem uso da metáfora da tessitura de uma tapeçaria, elaborada por diversos fios, bordados, estampas e relevos entrelaçados, para definir as paisagens textuais, compostas por "materialidades diversas como caligrafia, tipografia,

⁹ Hoy hace un día maravilloso en Lanzarote. Si José estuviera aquí, sería el paraíso. Un abrazo muy fuerte, Pilar. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.77)

imagem e som, que conformam textualidades" (Mello Vianna; Vaz; Santos, 2018, p.114). Olhando para nosso objeto, identificamos que semelhantes materialidades tornam-se perceptíveis em diversas cartas trocadas entre os dois escritores, como por exemplo, na carta de Saramago em 19 de março de 1993:

Tias (Lanzarote), 19 de março de 1993
 Escritora Zélia Gattai
 Hotel Atlântico, Estoril
 Querida Zélia, querido Jorge: de acordo para o dia 25. Podemos jantar num restaurante simples que há na Mandragoa e que foi, durante muitos anos, a minha sala de jantar? Chama-se Varina da Mandragoa e está na rua das Madres, tudo nomes da melhor cepa lusitana.
 Não se preocupem em responder-nos já. Quando chegarmos a Lisboa, telefonaremos para ter a confirmação. Como sempre, o que é da mulher prevalece sobre o que é do homem. A letra da Zélia, caro Jorge, em elegância e clareza, deixa a tua de rastos. Percebes agora por que, sempre que posso, uso as caligrafias mecânicas e eletrônicas, mais estas, atualmente?
 Com todo o carinho da Pilar e do José (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.16)

Redigida em resposta à outra carta escrita em 18 de março do mesmo ano, as materialidades presentes na correspondência enviada por Zélia Gattai evidenciam-se na citação de Saramago sobre a “elegância e a clareza” da caligrafia da escritora; mesmo incorporada, a letra de Zélia Gattai configura-se como um relevo na paisagem textual em foco. Ademais, outras materialidades dão-se a ver: o restaurante já tão conhecido que foi, para Saramago, durante muito tempo, como sua própria sala de jantar; o sabor lusitano dos pratos; e até a própria cidade de Lisboa, o bairro das Mandragoas e sua rua das Madres. Doravante tais entendimentos, é possível analisarmos a paisagem textual de diversas produções comunicacionais, sendo cada texto "uma unidade dentro de uma unidade de sentido maior e mais ampla" (Mello Vianna; Vaz; Santos, 2018, p.116), como por exemplo capas de jornais, romances literários e compilados epistolares, como este abarcado no livro.

Os textos contidos no livro foram produzidos em locais socialmente demarcados no tempo (entre 1992 e 1998) e no espaço (majoritariamente entre a América e a Europa) e trocados através de diferentes meios, como correios e fax, por exemplo, e posteriormente foram compilados no livro. Por isso, ocupam o espaço chamado por Mello Vianna, Vaz e Santos (2018) de dispositivo midiático¹⁰, entendido por eles "não como tecnologias, mas sim como aparatos socialmente constituídos que mobilizam técnicas em torno de uma função comunicativa" (Mello Vianna; Vaz; Santos, 2018, p.118). Os dispositivos configuram e

¹⁰ A noção de “dispositivo” foi desenvolvida anteriormente por Michel Foucault e outros autores. Os usos desta noção se inscrevem principalmente nos interesses de pesquisa de outra linha de pesquisa do PPGCOM, a linha Textualidades Midiáticas. Para a nossa pesquisa, inserida na linha de pesquisa Comunicação, Territorialidades e Vulnerabilidades, as discussões em torno do conceito escapam das nossas perspectivas teóricas. No entanto, os usos que os autores (Mello Vianna, Vaz e Santos, 2018) fazem da noção foucaultiana de dispositivo parece-nos particularmente relevantes para pensarmos nas paisagens textuais acionadas por nosso objeto empírico.

embasam a proposição de um sentido, mas somente a título de sugestão (p.118). O estabelecimento de relações e a ativação de referências acontece somente por parte do leitor que, conforme Mello Vianna, Vaz e Santos (2018), pode mobilizar outros textos, textualidades e paisagens:

o leitor/ouvinte integra a paisagem com sua presença, ainda que silenciosamente, e, ao mesmo tempo, mobiliza sua consciência, experiência, estética e moral ao observá-la. A paisagem atua como matriz ao propor enquadramentos, interpretações, e a construção de sentidos ao leitor/ouvinte. Os efeitos de sentido surgem então a partir da articulação das textualidades da paisagem com o seu repertório. (Mello Vianna; Vaz; Santos, 2018, p.118).

As cartas que compõem o livro aqui observado traziam, além de relatos de Amado e Saramago, notícias veiculadas nos principais meios de comunicação brasileiros, portugueses, espanhóis e franceses que falassem sobre algum deles. Aqui, entendemos as opiniões e os posicionamentos dos escritores, compartilhados abertamente entre um e outro nas correspondências, juntamente com os recortes da imprensa, fotografias e outros livros trocados no período, como elementos constituintes de uma paisagem maior. Por estarem organizados dentro de um enquadramento que dá sentido ao conjunto de textos, consideramos individualmente também esses elementos da paisagem como dispositivos.

Mello Vianna, Vaz e Santos (2018) argumentam que numa paisagem textual determinados textos firmam relevos em relação a outros, possibilitando assim que sejam apontados direcionamentos e proporcionados entendimentos e interpretações do conjunto texto-paisagístico, explorados por aqueles que o leem/observam (2018, p.116). Sendo assim, cada carta e cada notícia podem ser vistas como relevos e o leitor atento pode observar que o interesse dos escritores estava grande parte do tempo voltado para premiações literárias, tendo o Nobel de Literatura como pauta principal. Jorge e José se mostravam contraditórios em relação à premiação, e podemos depreender que eles se apresentavam desinteressados e indiferentes ao prêmio, ou apreensivos e esperançosos, ou pressionados e até irônicos em determinados momentos, formando assim uma paisagem maior, plural e extensa, que existe numa perspectiva relacional e dinâmica.

Citando o trabalho de Pesavento (2004), Mello Vianna, Vaz e Santos (2018) recorrem a analogia do palimpsesto para explicarem a construção de uma paisagem textual. Em um palimpsesto, são encontrados vestígios de textos anteriores, cuja primeira escrita foi apagada e o pergaminho reutilizado. Por se tratar de "textos sobrepostos", o entendimento da paisagem textual é "reescrito, reconfigurado, reconstruído a partir do olhar de cada observador/leitor" (Mello Vianna; Vaz; Santos, 2018, p.121), ainda que que os elementos sejam os mesmos. A paisagem final resulta do enquadramento de quem lê. Logo, enxergamos cada

carta, cada notícia, cada trecho do diário de Saramago, cada nota ditada à imprensa pelo português ou por Jorge Amado como paisagens textuais cujos relevos se entrelaçam e formam uma paisagem textual maior, o livro aqui tratado. Assim, o livro *Com o mar pelo meio – uma amizade em cartas*, é consolidado como um dispositivo midiático, lido e compreendido pelos leitores por meio de diferentes visadas.

3.2 AS CARTAS COMO HETEROTOPIAS LITERÁRIAS

As paisagens textuais das epístolas reproduzidas em *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* nos trazem outras reflexões e análises para além de seu conteúdo. Nos anos em que se corresponderam, Jorge Amado e José Saramago moravam, a maior parte do tempo, em diferentes lados do Atlântico: o brasileiro em Salvador, na Bahia, e o português em Tías, um vilarejo na ilha de Lanzarote, uma das Ilhas Canárias, território espanhol. Contudo, por serem grandes nomes da literatura, estavam constantemente em viagem pelo mundo. Jorge Amado mantinha uma segunda residência em Paris, muitas vezes escrevia de lá, mas também da Espanha, em fevereiro de 1993; a bordo do navio *Funchal*, rumo à Paris, em março de 1995 e mais uma vez em águas portuguesas – também a bordo do *Funchal* – em março do ano seguinte. José Saramago escrevia majoritariamente de Lanzarote, mas também de Lisboa e de outros países. Em dezembro de 1992 e em outubro de 1995, por exemplo, escreveu ao amigo de Santiago, no Chile. Essa multiplicidade de lugares de origem da escrita das cartas e dos seus destinos nos permite aproximar o livro de 2017 como um compilado daquilo que poderia ser considerado de certa forma literatura de viagem ou, fazendo uso das discussões de Foucault que apresentamos anteriormente, de heterotopia literária.

Em *A literatura de viagens como heterotopia literária: corpo e gênero em experiências literárias e diálogos interdisciplinares*, artigo de Carlos Eduardo Bezerra (2016), o conceito de literatura de viagem é entendido como o "registro de (des)construções de utopias e heterotopias e também como sendo uma heterotopia literária, que se caracteriza por aprisionar corpos em lugares-comuns." (Bezerra, 2016, p.2). Ele defende que esses lugares-comuns são criados a partir do olhar, que se divide em dois outros olhares: aquele que mira o outro e aquele que mira a si mesmo, porém através do outro (2016, p.3).

Segundo Bezerra (2016), a literatura de viagens permite a construção de imagens do outro e de seus lugares, considerando a quem e sobre quem se escreve (2016, p.8). Afinal, a literatura resultante delas, é "compreendida como um 'local' onde outros puderam existir para outros, de modo coercitivo, pela primeira vez, ambos desconhecidos entre si, porém

interpretados por sujeitos das mais diversas formações." (Bezerra, 2016, p.8). Podemos entender as cartas compiladas no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* sob essa visada, como por exemplo, na carta escrita por José Saramago em 10 de agosto de 1993, dia em que Jorge Amado completou 81 anos:

Lanzarote, 1993, dia do aniversário de Jorge Amado
 Querido Jorge.
 esta mensagem vai na letra gorda para que não se perca nos azares da transmissão nem um só sinal da nossa amizade, deste carinho tão bonito que veio enriquecer de um sentimento fraterno uma relação nascida tarde, mas que, em lealdade e generosidade, pede meças à melhor que por aí se encontre.
 Foi lendo *El País* de ontem que Pilar viu que hoje era o teu aniversário. Viveremos pois este dia como o de uma festa que também é nossa. Por vossa parte, Zélia, Jorge, imaginai que são nossos dois dos lugares à vossa mesa e que deles nos levantaremos, à hora dos brindes, para saudar em Jorge Amado não só o grande escritor, mas também o homem de coração e a dignidade exemplar de uma vida.
 Abraços fortíssimos, José
 Felicidades. Um beijo muito forte para os dois.
 Pilar (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.36).

Assim, quando Jorge Amado e Saramago conversavam entre si nas correspondências, eles traziam também a presença abstrata de Zélia Gattai e Pilar del Río, suas respectivas esposas, que direta e indiretamente participavam da conversação. Falavam também dos movimentos que faziam entre diferentes locais e se punham presentes diante ao outro de uma forma um tanto quanto metafísica, como percebemos também na primeira carta registrada no livro:

[Lisboa] [Dezembro de 1992]
 Queridos Zélia e Jorge,
 infelizmente não podemos estar em Paris convosco. Urgências que tem que ver com a casa que estamos terminando em Lanzarote não permitem a viagem. Acompanharemos de longe essa mais do que merecida glória: criador de festas humanas (no mais superior sentido da palavra) é justo que a festa rodeie Jorge nestes dias e para o futuro.
 Estivemos ausentes um mês, daí as dificuldades. Mas agora aí fica o endereço, a que juntaremos outro oportunamente, o de Lanzarote.
 Achas que vale realmente insistir no Nonino? Se eles consideram que o Grinzane é obstáculo (mas por quê, santo, Deus?), o melhor será deixar cair. Não andamos a mendigar prémios nem tu nem eu.
 Beijos da Pilar, abraços,
 José (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.9).

Ao evocar desejos (de estar em Paris), necessidades (a finalização da obra d'A Casa em Lanzarote), sensações (exaltação da glória de Jorge Amado e a recusa à mendicância de prêmios) e ao explicar os constantes deslocamentos e ausências, Saramago pôde, conforme defende Bezerra (2016), "tornar conhecida uma realidade desconhecida, uma aproximação do outro e de si mesmo no outro, ou seja, ela se deu com novas experiências para o corpo, seja de quem a produzia ou de quem era 'produzido' por ela" (Bezerra, 2016, p.9).

Se considerarmos que as cartas, objetos reais do presente, trazem em seu conteúdo informações de um tempo passado e suposições de um futuro partindo de diferentes

localizações e realidades, além de permitirem que pessoas distantes entre si mantenham um diálogo como se estivessem uma diante da outra, podemos entendê-las, portanto, como heterotopias. Algumas delas demonstram esse ir e vir contido no papel:

Tias, 12 de fevereiro de 1993

Querido Jorge: teria gostado de escrever-te para Morilla, mas pensei que regressarias a Paris depois do teu “turno”, e, portanto, a Paris escrevo. Encontrei a tua carta numa passagem de dois dias por Lisboa, e devo dizer-te que me surpreendeu. Não a tua proposta, que é uma demonstração mais da tua amizade por mim e do carinho com que tratas a portuguesa terra, mas eu é que não me imagino facilmente *en me coudoyant* com todas as sumidades que vão povoar essa Academia Universal da Culturas. Por outro lado, que vamos nós fazer lá? Enfim, se a iniciativa te parece séria, e se a minha candidatura for aceita, já tenho certos e garantidos três “parentes” próximos: tu, o Sabato e o Niemeyer. Até podemos constituir, no interior da Academia, uma academia particular nossa...

Já estamos instalados em Lanzarote, numa casa a que chamei de “A Casa”, e onde espero receber-vos um dia. Pensem nisso.

Beijos meus e da Pilar para a Zélia.

Para ti,

o grato e grato abraço do José. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.11).

Foucault (2013) afirma que atualmente "a alocação substitui a extensão, que, por sua vez, substitui a localização. A alocação é definida pelas relações de vizinhança entre pontos e elementos" e que "estamos em uma época em que o espaço se apresenta a nós sob a forma de relações entre alocações" (Foucault, 2013, p.114). Assim, neste excerto de fevereiro de 1993, escrito de Tias, Lanzarote, temos Mollina, na Espanha; Paris, na França e Lisboa em Portugal no espaço heterotópico da carta. Fala-se da instituição Academia Universal de Culturas. Encontramos, também, José Saramago, Jorge Amado, Ernesto Sabato¹¹, Oscar Niemeyer, Pilar del Río e Zélia Gattai. Territórios, organizações, pessoas e tempos reais num mesmo lugar que, apesar de palpável, é também um "não-lugar" já que, assim como um espelho cujo reflexo nos mostra em um lugar onde não estamos, a carta permite-nos ver a nós mesmos nestes “lugares reais fora de todos os lugares” (Foucault, 2013, p.20).

Nesses espaços da trama narrativa de *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* percebemos esforços de comunicação que se dão em "estratégias textuais e de linguagem", que "faz dessa literatura [de viagem] um exemplo de heterotopia literária, tomando o literário também no sentido estrito, ou seja, de experiência de escrita, e não somente como ficção" (Bezerra, 2016, p.9-10). Concordando com Bezerra (2016) acerca do entendimento da literatura de viagem como heterotopia literária,

a literatura de viagens é também tecnologia, especialmente tecnologia de informação, de escrita, de transporte, de um modo de socialização do conhecimento em rede, em fluxo de barcos, de travessias de oceanos, de corpos indo e vindo [...] A heterotopia literária é filha de experiências diversas. [...] As narrativas criadas, a partir dessas chegadas e partidas, dessa rede de tecnologias e de corpos em movimento, davam-lhes a matéria-prima necessária para transformar textos em livros, que eram editados,

¹¹ Escritor argentino.

traduzidos e vendidos em diversos países, movimentando, plenamente, o mercado editorial (Bezerra, 2016, p.10).

Alicerçados nesses tensionamentos, entendemos as cartas reproduzidas em *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* como heterotopias. No posfácio de *O corpo utópico, as heterotopias* de Michel Foucault (2013), escrito por Daniel Defert (2013), este entende as heterotopias como “essas unidades espaço-temporais, esses espaços-tempos têm em comum serem lugares onde estou e onde não estou” (Defert, 2013, p.37). Nesse sentido, a presença de Jorge Amado, José Saramago e várias outras personalidades – além de diversos lugares – estão presentes nas cartas de maneira intangível e fora delas de maneira concreta. Este “não lugar” das cartas “situa-se no centro de uma infinidade de localizações heterotópicas” (Defert, 2013, p.48). Além disso, as paisagens textuais formadas pelas epístolas individualmente se articulam como unidades de sentido e formam um conjunto de relevos que se encontram no dispositivo midiático materializado no formato de livro impresso.

A junção das materialidades presentes em um texto é o que conforma as paisagens textuais. Estas, por sua vez, nos propõem um sentido a partir do conjunto formado pelo conjunto de todas elas justapostas. Para exemplificar, trazemos aqui outras duas cartas contidas no livro. Ambas foram escritas no dia 22 de março de 1994. A primeira foi enviada por Jorge Amado:

Bahia, 22 de março de 1994
 Para Pilar e José Saramago
 Queridos Pilar e José, somente hoje recebi o *compte rendu* da sessão plenária de 15 de dezembro de 1993 da Académie Universelle des Cultures.
 Somos mais uma vez companheiros, querido José, agora “acadêmicos universais” (pô!).
 Saudades, tantas! Ficaremos no Brasil até 30 de abril, a 2 de maio estaremos em Lisboa; a 5, em Madri; a 7, Paris; de 15 a 25, Londres. Amanhã, aqui, nesta vossa casa do Rio Vermelho, ofereceremos um almoço a Mário Soares¹². 50 convidados; os governadores da Bahia e Sergipe, escritores, pintores, mães de santo, obás de Xangô, a cultura baiana, axé!
 Beijos de Zélia, abraços afetuosos do velho
 Jorge (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.40)

No mesmo dia veio a resposta de José Saramago:

Lanzarote, 22 de março de 1994
 Queridos Zélia e Jorge,
 ficamos aprazados para maio, DIA 8, em Paris. Nós chegamos no dia 3. Deixarei um recado no gravador para dizer onde estamos. Partimos à 9 para Praga, portanto não podemos deixar fugir esse dia que vai em maiúsculas.
 A burocracia da Académie não deve ser de uma extremada eficiência: uma resolução tomada em 15 de dezembro só agora é comunicada e, para que o principal interessado tome conhecimento dela, ainda é preciso a diligência e a amizade de alguém a quem não faltam outros cuidados. Enfim, meu querido Jorge, continuamos a ser companheiros, e oxalá que em muitas mais ocasiões e em muitos mais lugares. O melhor que tem a Académie é o privilégio de poder sentar-me ao teu lado.
 E, agora, um aviso muito sério. Parece-me excelente que ofereçam um almoço a Mário Soares. Porém, com algumas condições:
 a) Não contratem, para servir, empregados de restaurante;

¹² Político português.

b) Se não tiverem outra solução; vigiem-nos, não seja o caso que eles se emborrachem enquanto os convidados não chegam;

c) Na hora de aquecer as comidas, tenham cuidado, não queime o cozinheiro as lentilhas;

d) Averiguem o estado do sistema nervoso de quem servir, pois é terrível ver o caldo em vias de entornar-se em cima dos ilustres visitantes e ouvir o tremelicar dos pratos a serem retirados da mesa.

Meus queridos amigos, fala-vos a voz da experiência.

Também aqui almoçaram Mário Soares e Maria de Jesus ¹³e foi um desastre... Pilar ainda tem pesadelos, e eu não percebo como pude sobreviver.

Outra coisa: se a vossa mesa não é à prova de grua, se é frágil como a nossa, não se esqueçam de avisar que os cotovelos só devem pousar, caso contrário levareis um susto, pelo menos...

Façam o que vos dizemos, que é para o vosso bem...

Por nós, ficamos à espera de que o casal Soares possa um dia voltar a Lanzarote para comer dignamente, e se nessa altura puder estar também o casal Amado, então será ouro sobre azul.

Desejamos-vos um dia feliz.

Beijos da Pilar, abraços sem fim

José (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.40-41)

Os relevos da paisagem textual das cartas de Jorge Amado e José Saramago são muitos. Na carta enviada por Jorge Amado observamos: a expressão “pô!”, entre parênteses, usual na linguagem informal do português brasileiro, que neste caso pode ser interpretada como uma interjeição de comemoração dada ao amigo: Jorge Amado demonstra não só felicidade em ter José Saramago como agora companheiro na Academia Universal de Culturas como também um certo orgulho pelo aceite do amigo. Um pouco mais adiante, Amado descreve o itinerário, seu e de sua esposa, na Europa, que passaria por Lisboa, Madri, Paris e Londres, até o retorno ao Brasil.

Amado termina a carta contando ao amigo do almoço que aconteceria no dia seguinte, 23 de abril, em sua casa no Rio Vermelho, com a presença do ex-Presidente e ex-Primeiro-Ministro de Portugal Mário Soares : para 50 convidados, o almoço contaria com a presença de políticos do Nordeste do Brasil e várias outras personalidades do país, como escritores, pintores e figuras do candomblé, religião de matriz africana muito comum na Bahia. Amado elenca os convidados terminando lista com “a cultura baiana, axé!”; talvez um resumo do mote do almoço que seria oferecido no dia seguinte.

A partir dos pontos ressaltados acima, percebemos a felicidade e o orgulho de Amado ao receber Saramago como “acadêmico universal” junto de si; observamos também o ir e vir do baiano pelo mundo (num curto espaço de tempo, Amado e Zélia Gattai passariam por quatro capitais europeias); e, por fim, conseguimos imaginar o clima do almoço oferecido pelos escritores brasileiros ao político português: podemos deduzir, a partir da lista de

¹³ Maria de Jesus Simões Barroso Soares, esposa de Mário Soares

convidados, que a intenção dos anfitriões era proporcionar a Mário Soares uma experiência baiana por excelência.

A carta-resposta escrita por José Saramago é, também, um amplo campo de análise de materialidades textuais. Saramago dá continuidade ao assunto sobre a viagem de Amado e Gattai à Europa, confirmando então um encontro entre os casais, marcado para o dia 8 de maio. O português escreve em data em letras maiúsculas e, logo depois, salienta o fato: “não deixemos fugir esse dia que vai em maiúsculas”. Observamos além do relevo dado pela utilização de caracteres garrafais, a abstração temporal utilizada por Saramago ao propor que os amigos não deixassem o dia “fugir” de suas mãos.

Saramago critica, então, a burocracia da Academia Universal de Culturas, pois somente através da carta de Amado é que soube de seu aceite na instituição. Afirma, ainda que o melhor deste aceite é a possibilidade de sentar-se lado a lado com Jorge Amado. Entendemos, a partir da fala de Saramago, que este talvez tenha sentimentos pouco amigáveis em relação à Academia Universal de Culturas.

Sobre a informação do almoço do casal Amado com Mário Soares, Saramago traz na carta uma lista de conselhos ao amigo baiano. As materialidades dos conselhos, que incluem: cuidados com os garçons em relação às bebidas (“caso eles se emborrachem enquanto os convidados não chegam”) e às maneiras destes cumprirem suas obrigações (“averiguem o sistema nervoso de quem servir, pois é terrível ver o caldo entornar-se em cima dos ilustres visitantes e ouvir o tremelicar dos pratos ao serem retirados da mesa”); a necessidade avisar aos convidados que devem somente pousar os cotovelos na mesa caso esta seja muito frágil – neste ponto, o português chegar a sublinhar a palavra “pousar”, relevo interessante, pois nos permite concluir que este é um dos conselhos mais importantes dentre todos da lista, pois aparentemente ele foi uma das causas do “desastre” do jantar em Lanzarote (com as mesmas personagens que compareceriam ao jantar no Rio Vermelho), acionado pela paisagem textual desta carta.

A ironia do texto de Saramago é que, sob o pretexto de supostamente aconselhar Jorge Amado, o que ele faz é contar o que aconteceu no desastroso jantar em Lanzarote de maneira subentendida por meio desses conselhos. Entendemos assim que os garçons contratados por Saramago e Pilar del Río eram funcionários de restaurantes, que eles ficaram bêbados antes mesmo dos convidados chegarem e ficaram muito inseguros ao servir, derrubando a comida em quem estava à mesa, que o cozinheiro queimou as lentilhas e que a mesa bamba d’A Casa de Lanzarote quase virou quando os convidados apoiaram os cotovelos nela.

Saramago diz que “Pilar ainda tem pesadelos” e que ele próprio não sabe como sobreviveu. Saramago termina dizendo que espera que um dia o casal Soares possa voltar à Lanzarote para “comer dignamente” e que, caso o casal Amado possa também comparecer, “então será ouro sobre azul”. Diante das materialidades da carta de Saramago, conseguimos imaginar a cena do almoço acontecido em Lanzarote, na casa de José Saramago e Pilar del Río e com a presença de Mário Soares e sua esposa Maria de Jesus: um “desastre” cheio de percalços, cuja experiência não foi totalmente positiva para os anfitriões. Já a expressão “ouro sobre azul” é um dito popular português utilizado para definir algo ou situação magnífica, ou seja, entendemos que nessa possível junção dos casais Saramago, Amado e Soares em uma reunião para o almoço, diferentemente da primeira vez, seria muito boa.

A análise destes dois excertos do dia 22 de março nos serve como exemplos de materialidades textuais que, observadas conjuntamente, nos propõem sentidos para o que está sendo dito no texto e para além deste. Tais materialidades comportam expressões, falas, lugares, instituições e pessoas, logo, uma abstração de tempo e espaço conformado pelas paisagens textuais. O conteúdo de *Com o mar por meio — uma amizade em cartas* pode ser analisado da mesma forma.

Uma das metáforas de Foucault para explicar as heterotopias é a metáfora do navio segundo a qual “se imagina, enfim, que o barco é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado sobre si e é entregue, ao mesmo tempo, ao infinito do mar [...], de porto em porto, de bordo em bordo” (Foucault, 2012, p. 121). Tal como o navio de Foucault (2012), as cartas trocadas entre José Saramago e Jorge Amado atravessam o oceano e carregam dentro de seus envelopes vozes, afetos e lembranças de territorialidades múltiplas, registradas pelos remetentes na materialidade do papel e ressignificadas por seus destinatários além-mar.

No capítulo seguinte, discorreremos sobre o conceito de amizade, trazendo uma genealogia não exaustiva deste conceito desde a Antiguidade até a modernidade. A amizade atua como plano de fundo de toda a relação entre Jorge Amado e José Saramago e, portanto, é relevante entendermos como esse tipo de relação se estabeleceu na sociedade e como, a partir de sua privatização, a amizade atuou como parte fundamental do diálogo travado entre os escritores.

4 PROVAVELMENTE ALEGRIA¹⁴: REVERBERAÇÕES ACERCA DA AMIZADE

Na vida só vale o amor e a amizade. O resto é tudo pinóia, é tudo presunção, não paga a pena.

Jorge Amado em Dona Flor e Seus Dois Maridos

Das várias formas de sociabilidade possíveis, o elo estabelecido entre Jorge Amado e José Saramago ultrapassou a esfera profissional e tornou-se um vínculo pessoal de amizade. Na leitura de suas cartas não são poucas as referências ao sentimento amistoso que unia os escritores: para além dos registros explícitos – “esta mensagem vai em letra gorda para que não se perca nos azares da transmissão nem um só sinal da nossa amizade” (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.29) –, há ainda outras inferências na maneira em que tratavam um ao outro nas despedidas, quase sempre terminadas em “abraços afetuosos”, “saudades do leitor e amigo”, “grande e fraternal abraço” e assim por diante. O título do livro, inclusive, traz o sentimento como o principal vínculo entre os literatos: *uma amizade em cartas*.

A amizade é uma prática cotidiana com forte influência nas formas de organização da sociedade desde a *polis* grega até a modernidade, sendo entendida e praticada de diferentes formas no transcorrer da humanidade (Primo, 2015). Contudo, antes de discutirmos a relação de amizade entre os dois grandes escritores em língua portuguesa, delimitaremos o conceito de amizade, situando-o historicamente desde as primeiras reflexões até a forma como o conceito é entendido na contemporaneidade. Segundo Francisco Ortega (2002), em seu livro *Genealogias da Amizade*,

a amizade é uma manifestação que não se comporta uniformemente no tempo e no espaço. Para tanto era necessária uma abordagem genealógica. Assim, assinala-se que, mesmo existindo uma tradição mais ou menos constante (e que pode ser denominada de aristotélico-ciceroniana) de reflexão teórico-filosófica sobre a amizade na forma da amizade perfeita (*teleia philia/amicitia vera*), as práticas e o significado social da amizade mudam constantemente, estabelecendo-se, a partir de Aristóteles, uma distância cada vez mais marcada entre os discursos filosóficos e as práticas sociais da amizade” (Ortega, 2002, p.11-12).

Ortega (2002) toma a amizade como objeto de análise e refaz o percurso do conceito desde a Antiguidade greco-romana, quando esta já cumpria uma função fundamental na organização cultural e sociopolítica das *civitas*. A discussão da amizade como prática social tem registros desde o período homérico (*heteria*), passando pela Grécia Antiga (*philia*) e seguindo por reflexões acerca da *amicitia* romana, da *ágape* cristã e da amizade na renascença e na modernidade. Seguindo o percurso delineado por Ortega e trazendo reflexões de outros

¹⁴ SARAMAGO, José. **Provavelmente alegria**. Porto: Porto Editora, 2014.

estudiosos da área, nós também traçaremos o itinerário da amizade através dos tempos para chegarmos, enfim, à relação travada por Jorge Amado e José Saramago.

4.1 A AMIZADE ATRAVÉS DO TEMPO: UM PERCURSO HISTÓRICO DO CONCEITO

Segundo Ortega (2002), antes do surgimento do conceito de *philia*, no século V a.C., considerado como uma das primeiras delimitações daquilo que entendemos como amizade, os gregos já possuíam palavras para designar as relações interpessoais. A palavra *philos*, por exemplo, expressava relações de parentesco e proximidade e era usada para se referir a membros de uma mesma família. Já a palavra *heteria* definia uma ligação política baseada na camaradagem militar, uma irmandade de soldados, uma espécie de “clube político” no qual homens da mesma faixa etária e posição social se uniam na juventude e permaneciam até a velhice. A *heteria* simbolizava uma conexão emocional poderosa, uma “amizade expressiva” para além do *philos*. Isto posto, percebemos que na Grécia homérica ainda não havia uma definição única da amizade, que existia então em diferentes formas. Ainda de acordo com o autor,

as formas de amizade eram ligadas ao parentesco, encontrando nele a sua origem. Tratavam-se de relações institucionalizadas e ritualizadas, muitas delas já dadas e estandardizadas, as quais deixavam pouco espaço para a liberdade de escolha, espontaneidade e preferências pessoais. Esse tipo de amizade exercia as funções de coesão social e proteção em um mundo descentralizado que não podia garantir a vida dos indivíduos, representando uma possibilidade de assegurar a existência e a manutenção da sociedade. (Ortega, 2002, p.23).

Somente na passagem para a época clássica, com a constituição da *polis* e o consequente aumento do espaço social, elementos como mobilidade, heterogeneidade étnica e formação de classes (como a classe intelectual, por exemplo) permitiram aos indivíduos criarem vínculos, sociais ou emocionais, para além da família e dos grupos militares, criando assim a relação de *philia*. Uma vez que esses novos vínculos de *philia* se baseavam na afeição pessoal e na livre escolha, eles tornaram-se independentes das relações de parentesco e cada vez mais subjetivos, mesmo que ainda dentro de uma dimensão institucionalizada que levava em consideração as estruturas da *polis*.

Um dos mais importantes pensadores da amizade foi Platão, cuja obra é totalmente permeada por reflexões sobre a *philia*. Ele acreditava no diálogo como forma de expressão filosófica, evidenciando assim a ligação da *philia* com a filosofia: “a atividade de ‘con-filosofar’ (*synphilosophhein*), o filosofar em comum, é o meio dos filósofos aprofundarem sua amizade e tornarem-se nobres como filósofos e como homens” (Ortega, 2002, p.14). Nas

reflexões platônicas sobre a *philia*, temos a amizade como fundamento básico da procura pela verdade, característica principal da filosofia.

Na sociedade grega, contudo, a hostilidade entre os gêneros e a disparidade dos status de homens e mulheres resultavam em uma barreira que impedia a criação de vínculos de amizade entre eles, e a segregação dos sexos, devida principalmente à divisão de trabalhos, gerava tensões conjugais e queixas emocionais – que em outras culturas geralmente são supridas por meio de relacionamentos heterossexuais. De acordo com Ortega (2002), na falta desse elo, a paixão e a ternura eram exercidas na Grécia através da amizade e do amor (*eros*) masculinos. Todavia, nesse registro, os rapazes que serviam como objeto de prazer eram impedidos de alcançar a condição de cidadãos, pois estes não poderiam cumprir tal função passiva, naquela época ocupada somente por mulheres e escravos.

Ainda conforme Ortega (2002), a análise filosófica de Platão sobre a *philia* emerge como uma tentativa de abordar essa antinomia, ou seja, de fornecer uma maneira de tornar o amor entre homens e rapazes (*eros paidikón*) moralmente aceitável. Sua estratégia envolvia a transformação do *eros paidikón* em uma relação de *philia*, que exclui o componente sexual, sendo esse aspecto sublimado. Dessa forma, Platão consegue preservar os elementos “educacionais” do amor pelos rapazes – suscitar bravura na batalha, competitividade no esporte, promover a educação dos jovens e servir de inspiração e motor de especulação filosófica – sem cair nas contradições inerentes à erótica tradicional:

portanto, a amizade deve se fundar, por um lado, numa proximidade de natureza, uma afinidade, correspondente à necessidade recíproca de auto-aperfeiçoamento moral de cada um dos parceiros da relação, mas, por outro lado, essa proximidade e afinidade entre os parceiros deriva da relação de cada um deles com o bem. O amigo é amado por manter uma relação com o bem – que equivale ao ‘primeiro amigo’ –, e por colaborar com meu próprio aperfeiçoamento pessoal e moral. (Ortega, 2002, p.33).

Ou seja, as reflexões platônicas a respeito da *philia* vão em direção a um entendimento da amizade como uma procura comum do bem e da verdade e, nesse caso, o amor entre homens e rapazes seria a força responsável para conduzi-los à *philia* necessária para a filosofia: “o *eros-philia* platônico se concretiza na constituição da comunidade filosófica. A ‘vida em comum’ dos participantes é indispensável para a atividade filosófica.” (Ortega, 2002, p.36).

A convicção de Platão é compartilhada por todas as escolas filosóficas da Antiguidade, inclusive por Aristóteles, que também trabalhou o conceito de amizade. Mas, para ele, a amizade deixa de ser uma ação passiva, conforme acreditava Platão, e torna-se uma atividade propriamente filosófica – diferentemente do amor, que na teoria aristotélica seria um impulso não-filosófico.

Segundo Ortega (2002, p.37), em Aristóteles “a *philia* tem o caráter de um hábito; ela é a expressão de uma determinada atitude moral e intelectual que visa o amor recíproco entre os amigos, baseado numa decisão livre da vontade, em que cada um deseja o bem para o outro” e está dissociada do *eros*. A dissociação proposta por Aristóteles tinha como pretensão afastar o “mau uso” do *eros* (*eros paidikon* ou amor pelos rapazes), pois para o filósofo o *eros* não desempenha o papel de impulso primordial que permite transcender do mundo tangível ao mundo abstrato das ideias, ele é simplesmente o “afeto de muitos”. Sendo assim,

retirada a função moral e pedagógica que desempenhava no pensamento platônico, e com receio de não fazer um uso correto, *eros* é dissociado completa e definitivamente da *philia* na história da amizade. O enriquecimento das funções, alcance e significado da *philia* no pensamento aristotélico acompanha a redução da importância de *eros*, uma vez que permite passar do nível individual e pessoal ao socioestrutural, ao serem enlaçadas, através da *philia*, as análises éticas (na *Ética a Nicômacos*) às da política (na *Política*) (Ortega, 2002, p.38).

Ou seja, Aristóteles sobrepõe a racionalidade à emotividade na amizade, trazendo-a para dentro do espectro sociológico. Além disso, além de incluir os laços de família e hospitalidade, a amizade se distingue em três diferentes tipos: aquela que se baseia na virtude, aquela que se baseia no agradável e aquela que se baseia no interesse, sendo a primeira a mais elevada hierarquicamente e a única equivalente à *teleia philia*: a amizade perfeita. A amizade perfeita é tida como uma “benevolência recíproca”, em que o amigo é amado por si mesmo (...); é um fim em si mesmo e não um meio para atingir algum fim, como no caso das amizades baseadas no agradável ou na utilidade” (Ortega, 2002, p.39-40). De acordo com o próprio Aristóteles, em *Ética a Nicômacos*,

a amizade perfeita é a existente entre as pessoas boas e semelhantes em termos de excelência moral; neste caso, cada uma das pessoas quer bem à outra de maneira idêntica, porque a outra pessoa é boa, e elas são boas em si mesmas. Então as pessoas que querem bem aos seus amigos por causa deles são amigas no sentido mais amplo, pois querem bem por causa da própria natureza dos amigos, e não por acidente. (Aristóteles, 1985, p.156).

As reflexões de Aristóteles trazem a amizade não somente como laços familiares, de hospitalidade e como uma virtude dos homens bons, mas também como uma condição fundamental da vida na *pólis*: para o filósofo, os vínculos de amizade entre os cidadãos eram os responsáveis por manter as cidades unidas pois, nesse sentido, “a concórdia parece assemelhar-se à amizade” (Aristóteles, 1985, p. 153). Ainda nessa perspectiva, os legisladores agiam de maneira a assegurar tais vínculos de amizade e repelir a inimizade dentro das cidades.

A produção filosófica de Aristóteles acerca da amizade nos permite pensá-la de duas maneiras diferentes, a partir da despolitização do conceito, quando se pensa na amizade partindo dos laços familiares e de hospitalidade; e a partir de sua politização, quando se pensa

na amizade como condição de vida na *pólis*. Ortega (2002) resume o duplo movimento do pensamento aristotélico sobre a amizade:

para Aristóteles, o modelo doméstico, familiar e, por conseguinte, pré-político, fornece a figura, a base, o fundamento, a origem, a estrutura e a forma às relações políticas e de amizade. A família, o *oikos*, no entanto, pertence à esfera privada, a qual é regida pela necessidade e a violência, diante da esfera política, ao mundo público como espaço da liberdade, da contingência, da ação. O mesmo movimento que politiza a amizade, ao ligá-la à justiça e à política, a despolitiza, ao vinculá-la às estruturas pré-políticas da família. (Ortega, 2002, p.44).

Já o filósofo italiano Giorgio Agamben (2012) analisa a obra aristotélica partindo de uma terceira visada: a da amizade baseada na existência e nos sentimentos do indivíduo. Em seu ensaio *O amigo*, Agamben (2012) afirma que o termo que o intitula “pertence àquela classe de termos que os linguistas definem como não predicativos, isto é, termos a partir dos quais não é possível construir uma classe de objetos na qual inscrever os entes aos quais atribui o predicado em questão” (Agamben, 2012, p.3). De outro modo, a palavra “amigo” não tem uma denotação objetiva, apenas significa o ser; é impossível dizer “amigo” da mesma forma que se diz “italiano”, “branco” ou “quente”, por exemplo. Reconhecer alguém como amigo significa ser impossível o reconhecer como “algo”.

Agamben (2012) explora a obra de Aristóteles dando fundamental atenção àquilo que entende como a principal proposição do filósofo grego sobre amizade: ela é tão interior que é impossível fazer dela qualquer conceito além da sensação de existência compartilhada pelos indivíduos:

a amizade também tem uma dimensão, ao mesmo tempo, ontológica e política. A consciência do existir é, com efeito, sempre e desde já dividida e compartilhada ou co-dividida. A amizade é o nome deste partilhar e co-dividir. Aqui não há nenhum vestígio de intersubjetividade – a quimera dos modernos –, nenhuma relação entre sujeitos: o próprio existir é dividido, um existir não idêntico a si mesmo: o Eu e o Amigo são duas faces – ou dois polos – desta co-divisão. (Agamben, 2012, p.6).

Em outras palavras, Agamben (2012) entende a amizade como uma alteridade imanente diante do outro. O autor acredita que o significado político da amizade se apresenta no conviver, na partilha de pensamentos e ações. Em suas palavras, “a amizade é a *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse *com-sentir* originário que constitui a política” (Agamben, 2009, p.92).

Ao longo do percurso do conceito de amizade na Grécia Antiga, percebemos que o conceito foi explorado de diversas maneiras, passível de diferentes interpretações e cujas reflexões reverberaram e foram desdobradas por outros filósofos, dentre estas, as noções de *amicita* romana e a *ágape* cristã.

A corrente aristotélica-ciceroniana sobre amizade tem como base os escritos de Cícero, filósofo e político romano cujas ponderações recuperaram a filosofia aristotélica e, posteriormente, foram utilizadas como referência para o pensamento cristão sobre o conceito. Apesar de se manifestar de maneira semelhante à da Grécia, a amizade romana possui algumas diferenças em relação à primeira. Todavia, em ambos os casos podemos ressaltar alguns pontos que nos levam a rumações acerca do teor político da amizade na Antiguidade.

De acordo com Ortega (2002), o termo romano *amicitia* significava tanto amor quanto amizade e, na prática, contemplava não só relações afetivas, mas também associações políticas:

na vida social dos romanos, a amizade se manifesta aparentemente nas mesmas formas que na Grécia, e os termos latinos *amicitia* (amizade), *amicus* (amigo), *amare* (amar) parecem corresponder aos gregos *philia*, *philos*, *philein*. Existem, não obstante, diferenças significativas. A *amicitia* é, por um lado, uma relação baseada na afeição livre, o que exclui associações econômicas, comunidades religiosas e jurídicas e relações de parentesco. Eram consideradas, por outro lado, como formas de *amicitia*, as associações políticas estabelecidas entre os nobres para se apoiarem em assuntos de política interna e externa e em eleições de cargos públicos (Ortega, 2002, p.47).

O principal fundamento da sociedade romana se dava na família, numa organização chamada *patria potestas* onde a autoridade suprema era o pai – chefe da família e hierarquicamente superior aos demais membros. Partindo da *patria potestas*, as relações entre os cidadãos romanos se estendiam horizontalmente, através das alianças entre chefes de família da mesma classe e *status* social – a *amicitia* – e, verticalmente, entre patrões (chefes de família de classe e *status* social superiores) e clientes (de classe e *status* social inferiores) – o *patrocinium*.

Nesse contexto, o prestígio e a influência de um cidadão eram medidos segundo suas relações horizontais e verticais e, uma vez que elas não apresentavam, necessariamente, um grau elevado de convivência e envolvimento emocional como nas *heterias* gregas, as relações de amizade romanas não alcançaram a mesma importância que tinham na Grécia:

existiam três formas de atingir a glória, quais sejam, a família, o dinheiro e as relações pessoais, nas quais a *amicitia* é a mais importante, junto às relações de *patrocinium*. Determinava-se, assim, como já foi apontado, o sucesso de um político segundo o número e a importância de seus clientes e amigos. É importante o fato que, sob essas circunstâncias, a *amicitia* tornava-se uma relação estritamente utilitária, formada para atingir vantagens recíprocas, em que as motivações éticas e emocionais da relação são substituídas por considerações práticas (Ortega, 2002, p.50).

Isto significa que, assim como na Grécia a amizade foi pensada por Aristóteles como condição fundamental para a união da *pólis*, em Roma a *amicitia* também era responsável por moderar e pacificar os conflitos, resguardando o *status* da *patria potestas* e instituindo vínculos entre as diferentes famílias. A *amicitia* consistia como base política para a preservação da paz do Estado romano, conforme Ortega (2002):

assim, na base da teoria da amizade ciceroniana se encontrará a concórdia, dando relevo à *philia* grega no papel de fundamento do Estado. Concórdia constitui a harmonia resultante da rivalidade entre as diferentes *patria potestates*. *Amicitia* tinha a função de facilitar e regular esse acordo. Deste modo, quando a base da concórdia se corrói, ou seja, quando a concórdia vira discórdia, como acontecerá no fim da República, a *amicitia* já não serve como instância pacificadora, tornando-se fonte de conspiração. É nesse contexto que se deve situar a teoria da *amicitia* de Cícero (Ortega, 2002, p.51).

A teoria da amizade desenvolvida por Cícero trata a *amicitia* romana como uma relação política e por outro lado retoma em grande parte a teoria aristotélica quando discorre sobre *amicitia vera* e *teleia philia*, a amizade perfeita, vínculo que somente os homens virtuosos conseguiam estabelecer.

Isto posto, percebemos que durante toda a Antiguidade a estreita relação entre política e amizade é uma constante. Com o crescimento do Cristianismo, a noção de amizade foi repensada e desdobrada mais uma vez, dando então outro norte às relações estabelecidas a partir do *ágape*, que discutiremos a seguir.

Segundo Ortega (2002), o pensamento acerca da amizade na Idade Média fundamentava-se na corrente aristotélica-ciceroniana do conceito: as noções trabalhadas por Aristóteles e Cícero foram adequadas ao padrão da forma de vida cristã da época, indo em direção oposta ao contexto original em que foram pensadas. Isto é, os conceitos permaneceram os mesmos enquanto seus sentidos foram ressignificados, a começar pelo fato de que, invertendo a hierarquia pagã, na ideologia cristã o amor encontra-se em primeiro lugar nas relações, enquanto a amizade ocupa o segundo. Nos textos do *Novo Testamento*, a dedicação e idolatria a Jesus Cristo suprimem as demais relações entre os indivíduos, como defende Ortega (2002):

o *Novo Testamento* é desfavorável para a amizade, pois a tônica recai no amor a Deus e ao próximo, a qualquer próximo. Todavia, o amigo não é o próximo, nem a amizade é amor cristão (*dilectio* ou *ágape*), a amizade cria um vínculo entre duas pessoas que se define pela entrega total e exclusividade; o amor, em contrapartida, é universal. Identificando o próximo com o amigo (como muitos autores cristãos fazem), pode-se ter uma ideia da importância da amizade no cristianismo, perdem-se, no entanto, as principais qualidades que caracterizam a amizade (Ortega, 2002, p.60).

Nessa lógica, dentro da tradição monástica oriental, acreditava-se que a vida comunal era a melhor maneira para se chegar a Deus e, por isso, as “afeições particulares” – em outras palavras, as amizades surgidas da livre escolha dos indivíduos – não eram bem-vistas, pois poderiam dividir a comunidade que, na ideologia cristã, deveria ter a devoção religiosa como objetivo principal. O amor ao próximo era parte substancial da virtude, ficando a amizade relegada a uma posição secundária: “a amizade se encontra nesta época inicial do monasticismo ainda presa ao contexto da *amicitia* pagã da elite romana, ligada à procura do sucesso mundano, o que a faz inadequada para ser adotada como modelo de existência cristã” (Ortega, 2002, p.63-

64). É interessante percebermos que os cristãos se identificam uns aos outros como *irmãos*, e não como amigos. Essa preferência por termos familiares tende a uma fraternização do vínculo, demonstrando que para o cristianismo a relação da família seria superior à uma relação de amizade e que aqueles que acreditavam em Cristo compunham uma comunidade espiritual.

Já na tradição monástica ocidental, o ascetismo cristão poderia ser conciliado às formas de vida pagãs da Antiguidade Tardia, portanto a amizade e as alianças entre os homens virtuosos eram permitidas e até incentivadas. Os filósofos Ambrósio de Milão, Agostinho e Paulino de Nola trataram sobre esse tema sob diferentes perspectivas, que foram problematizadas posteriormente por Ortega (2002). Traremos um breve resumo da teorização desses filósofos medievais nos próximos parágrafos.

Segundo o Ortega (2002), o pensamento de Ambrósio corrobora aquilo que foi pensado na Antiguidade ciceroniana sem criar nenhum tipo de tensionamento com a doutrina bíblico-cristã vigente na época. Para Ambrósio, o amigo é visto como “um outro eu” e há de fato a busca por uma amizade perfeita consolidada na virtude, contudo os pactos de confiança e lealdade que em Roma eram direcionados ao amigo, agora são transformados em sentimento de confiança total em Deus.

A teorização de Agostinho sobre a amizade, por sua vez, pode ser dividida em três fases principais: a) aquela próxima à *amicitia* greco-romana, “uma amizade sensual, em cuja origem se encontra o *eros* filosófico platônico como uma inclinação mútua para a perfeição intelectual e moral” (Ortega, 2002, p.68) e que foi pensada antes de sua conversão; b) a *amicitia* cristã, também chamada neoplatônica, onde a busca da verdade e do estudo da filosofia acontece em um grupo de amigos. Nessa fase, Agostinho entende o vínculo da amizade como *vita communis*, ou vida em comunidade, tal qual o ideal das escolas filosóficas da Antiguidade; e, por último, c) o *ágape* ou *caritas christiana*, o amor do próximo sem restrição. Nesse terceiro momento, para Agostinho, a segurança e amizade só são possíveis em Deus. Em outros termos,

a *philia* é rejeitada por seu caráter egoísta e instrumental, ao passo que o *ágape* representa a amizade verdadeira, por não manifestar uma atração interpessoal. A amizade natural, isto é, a atração individual, não é uma virtude, porque se baseia em valores efêmeros e terrenos. Transformar-se-á numa virtude quando estiver a serviço do amor de Deus e da credibilidade. Em outras palavras, a atração individual pelo amigo deve se transformar, o amigo não deve ser amado por si mesmo, mas por Deus. A *philia* torna-se assim *caritas christiana*, o amor de Deus que une todos os homens” (Ortega, 2002, p.73).

Paulino de Nola, o terceiro e último filósofo medieval que trazemos nesse tópico, também tem a noção aristotélica-ciceroniana, cuja base é a virtude, como referência. Para Paulino, contudo, a amizade não é fruto da escolha recíproca dos indivíduos, mas sim uma graça divina, uma dádiva. O homem pode até solicitá-la, entretanto “é Deus que possui a prerrogativa

e que predestinou desde a origem do mundo as almas umas às outras” (Ortega, 2002, p.74). Diante disso, não é necessário que os amigos se conheçam materialmente ou tenham um tempo de convivência estendido, uma vez que suas almas já estavam predestinadas e, por isso, mantinham entre si uma amizade perfeita – que só pode existir entre cristãos.

A amizade continuou a ser um assunto de interesse durante a Idade Média, passando por outros momentos de ascensão e principalmente de eclipse, sendo o Cristianismo a doutrina mais relevante na derrocada da amizade como prática social: o surgimento da Escolástica (que buscava o conhecimento universal desvinculado das experiências individuais), do amor cortês e da hostilidade em relação às práticas homossexuais foram combustíveis do declínio da amizade nessa época. Da Renascença ao Século das Luzes, a ideia de amizade passou por mudanças peremptórias, principalmente àquelas ligadas às esferas pública e privada da vida dos indivíduos, como veremos no tópico seguinte.

4.2 A IDADE MÉDIA E A PRIVATIZAÇÃO DA AMIZADE

Para entendermos a passagem da amizade entre as noções de público e privado, devemos avançar para o final da Idade Média. De acordo com Philippe Ariès (2009), historiador e medievalista francês, havia nessa época uma grande imprecisão acerca do que era público e do que era privado.

O indivíduo se encontrava numa sociedade cujas solidariedades e relações eram coletivas, feudais e comunitárias, ou seja, os espaços onde viviam eram compostos por uma comunidade familiar onde todos se conheciam (e se vigiavam): o feudo, a comunidade rural, o bairro, a cidade etc.; para além desses espaços, o mundo era então composto por uma vasta terra incógnita. À vista disso, o todo o espaço comunitário era público, excetuando-se apenas pequenos locais onde podia-se exercer uma intimidade um tanto quanto precária, como por exemplo lugares mais ermos como pomares, florestas e cantos de cômodos, onde a privacidade era minimamente preservada.

Com a chegada do século XIV e o aumento da população, o cenário sofre uma mudança considerável: os indivíduos se tornam anônimos uns aos outros e, assim, ainda segundo Ariès (2009), diante desse novo registro onde os espaços públicos tornaram-se repletos de pessoas desconhecidas, o homem passa a buscar espaços onde pode viver livremente e ter mais privacidade para ter o estilo de vida que deseja.

Paralelamente a esse movimento, teve início o período que ficou conhecido como a Era Moderna, quando ocorreu a transição do modo de produção feudal para o meio de

produção capitalista. O Estado passou a ter mais força e a se impor na sociedade de maneira mais incisiva, alterando assim o comportamento das pessoas. Houve um movimento na direção da privatização da vida, no sentido de que os indivíduos que anteriormente realizavam a maior parte de suas ações publicamente, passaram a prezar mais por momentos de isolamento e solidão. Nesse registro, Ariès (2009) relaciona essa busca pela solidão ao estabelecimento da amizade nos termos atuais:

essa tendência à solidão convida a partilhá-la com um amigo querido, selecionado no círculo habitual, em geral mestre, parente, servidor ou vizinho, especialmente apartado dos outros. Um outro eu. A amizade já não é apenas a fraternidade de armas dos cavaleiros da Idade Média; no entanto, há muitos vestígios dela na camaradagem militar dessas épocas em que as guerras ocupam a nobreza da mais tenra idade. (...) É um sentimento mais polido, um relacionamento tranquilo, uma prazerosa felicidade, com toda uma gama de variedade e de intensidade (Ariès, 2009, p.16).

Estas mudanças contribuíram para uma reformulação do cotidiano e da forma de viver da sociedade. Ariès (2009) fala de três fases importantes na construção das estruturas da sociedade moderna, sendo elas a) a conquista da intimidade individual; b) a organização de grupos de convivialidade; e c) a mudança do sentido da família, que se torna um “lugar de refúgio onde se escapa dos olhares de fora” (Ariès, 2009, p.20). Em resumo,

essa problemática reduz toda a história da vida privada a uma mudança de sociabilidade, digamos, *grosso modo*, à substituição de uma sociabilidade anônima – a da rua, do pátio do castelo, da praça, da comunidade – por uma sociabilidade restrita que se confunde com a família, ou ainda com o próprio indivíduo. Portanto, o problema consiste em saber como se passa de um tipo de sociabilidade na qual o privado é separado do público e até absorve ou reduz sua extensão. Tal problemática dá ao termo “público” o sentido de jardim público, de praça pública, do local de encontro de pessoas que não se conhecem, porém ficam felizes por se verem juntas (Ariès, 2009, p.21)

Assim, na passagem para a modernidade, a família é relacionada àquilo que é privado enquanto o Estado àquilo que é público. A oposição entre público x privado e sua relação com a amizade, ou seja, a ideia de que, a partir da modernidade, a consolidação da amizade se deu dentro de um espaço privado foi tratada também por filósofos contemporâneos como John Dewey, Hannah Arendt e Muniz Sodré. Buscamos definir no próximo capítulo as diferentes noções de público, privado e íntimo em relações de amizade. E, em seguida, considerando estas perspectivas, observaremos mais especificamente a amizade entre José Saramago e Jorge Amado explicitada nas correspondências de *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*.

5 OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE¹⁵: O ÍNTIMO E O PRIVADO PERMEADOS PELO ESPAÇO PÚBLICO

*Dirão, em som, as coisas que, calados,
No silêncio dos olhos confessamos?*

José Saramago em Os Poemas Possíveis

Segundo Eliane Vasconcellos (2008) em seu artigo *Intimidade das confidências*, as cartas são objetos de caráter íntimo e/ou confidencial e, logo, “as informações ali registradas fazem parte do espaço privado, inviolável, onde os envolvidos são o autor signatário, a pessoa a quem é dirigida – o destinatário, e muitas vezes uma terceira pessoa, da qual se fala” (Vasconcellos, 2008, p.372). Partindo dessa proposição, torna-se mais compreensível o pedido feito por Jorge Amado à diretora executiva de sua fundação na entrega das cartas:

Myriam Fraga, diretora executiva da Casa por trinta anos, recebeu do escritor, junto com as caixas lacradas, um pedido, por escrito, para que elas só fossem abertas cinquenta anos após sua morte. Myriam ponderou com ele que não estaria viva para garantir tal pedido e também chamou sua atenção para a importância histórica e cultural que elas abrigavam. A resposta de Jorge Amado foi: ‘use seu bom senso. Você saberá o que pode vir à público antes disso’. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p. 7).

A evocação do bom senso de Myriam por parte de Jorge Amado pode ser justificada pelo fato de que “em uma carta, o signatário raramente faz restrições ao seu pensamento, ele se coloca nu diante do destinatário” (Vasconcellos, 2008, p. 383), ou seja, nas missivas os interlocutores conversam como se estivessem presentes um diante do outro e, por isso, expõem seus pensamentos e suas verdades de maneira informal e talvez menos ponderada. Além disso, segundo a pesquisadora, “no momento em que é publicada, a carta adquire um novo status: este documento que supostamente diz a verdade, este testemunho da esfera do privado passa a ser olhado por todos e a crítica pode agora opinar sobre as informações que ali aparecem representadas” (Vasconcellos, 2008, p.381).

Levando em consideração o caráter privado e íntimo pertinente às cartas trocadas e o fato destas terem vindo à público com o lançamento do livro em 2017, após a morte de Jorge Amado e José Saramago, discutiremos, a partir de exemplos do livro, a dicotomia público e privado na perspectiva comunicacional.

Segundo Hannah Arendt (2005), “todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos, mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens” (Arendt, 2005, p.27). Isso porque a ação, segundo a

¹⁵ AMADO, Jorge. *Os Subterrâneos da Liberdade*. Record, 2006.

filósofa, refere-se à premissa da pluralidade humana, ou seja, é a única atividade que não é mediada pelas coisas ou pela matéria: não é o Homem, mas são os homens que vivem e habitam o mundo (2005, p.9). A ação seria, então, a existência do indivíduo para além do sentido biológico – viver, nascer, morrer – a existência singular de cada um e sua capacidade de interagir dentro de um mundo compartilhado. Nesse sentido, ela tem um caráter duplo: de igualdade, quando nos toma todos enquanto seres humanos, e o de diferenciação, quando nos distingue enquanto sujeitos (2005, p.10). O significado de sociedade, por sua vez, seria para Arendt (2005) mais que uma aliança entre os homens para um fim específico, mas uma associação baseada no “fato de que o homem não pode viver fora da companhia dos homens” (Arendt, 2005, p.29). John Dewey (2008), por sua vez, entende a sociedade como um tipo de associação de indivíduos singulares que “manifesta interesse nas consequências da sua conduta” (Dewey, 2008, p.16).

O mundo – ou a sociedade – no qual esses homens plurais vivem juntos, se engajam, se organizam e se relacionam é composto pelas atividades humanas, que têm consequências umas sobre as outras e inevitavelmente levam os sujeitos a ações posteriores para controlar as consequências das primeiras. Segundo Dewey, “as consequências são de dois tipos, aquelas que afetam as pessoas diretamente envolvidas em uma transação e aquelas que afetam outras além daquelas diretamente envolvidas. Nessa distinção, encontramos o germe da distinção entre privado e público.” (Dewey, 2008, p.27-28).

O autor defende que, se numa transação entre dois indivíduos os resultados desta ação afetam somente aqueles que estão envolvidos, esta continuará privada. Contudo, caso esses resultados ou consequências afetem indivíduos terceiros, a ação se tornará pública, mesmo que tenha acontecido em um ambiente privado:

assim, a distinção entre privado e público de modo algum é equivalente à distinção entre individual e social, mesmo se supusermos que a segunda distinção tem um significado definido. Muitas ações privadas são sociais; suas consequências contribuem para o bem-estar da comunidade ou afetam sua situação e expectativas. No sentido amplo, qualquer transação deliberadamente realizada entre duas ou mais pessoas é social por natureza. (...) Em suma, ações privadas podem ser socialmente valiosas tanto pelas consequências indiretas como pela intenção direta. Não há, portanto, nenhuma conexão necessária entre o caráter privado de uma ação e seu caráter não-social ou anti-social (Dewey, 2008, p. 28-29).

O pensamento de Dewey (2008) corrobora com as proposições de Arendt (2005, p.34), que entende que a diferença entre as noções de esfera privada e pública correspondiam respectivamente, aos domínios da família e da política desde o surgimento das noções na cidade-Estado. Estes domínios eram compreendidos então como entidades completamente separadas. Na era moderna, todavia, houve a eclosão de uma esfera social que não era nem

privada nem pública, mas sim um mundo comum onde os limites entre o público e o privado são difusos:

conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que o possuem em comum, como uma espécie de que mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo espaço-entre, o mundo ao mesmo tempo separa e relaciona os homens entre si. O domínio público, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros, por assim dizer (Arendt, 2005, p. 64-65).

A partir do momento em que o espaço privado é acessado e visto por uma coletividade, ele é conquistado para o domínio social, que organiza as questões de interesse geral dos indivíduos e suas famílias – que anteriormente cabiam somente ao domínio privado. Conforme Arendt (2005), a privatividade moderna, então, passou àquilo que atualmente chamamos de íntimo, ou a forma subjetiva da existência humana: “a moderna descoberta da intimidade parece constituir uma fuga do mundo exterior como um todo para a subjetividade interior do indivíduo. Subjetividade esta que antes fora abrigada e protegida pelo domínio privado” (Arendt, 2005, p. 85).

Muniz Sodré (2015), recupera essas reflexões de Arendt (2005) e defende que haveria então três domínios construídos pelos indivíduos em suas interações sociais: o privado, o público e o secreto, sendo este último o espaço onde o homem poderia mostrar-se de maneira íntima e manifestar, em sua particularidade, “o que se localiza no íntimo ou no coração” (2015, p.14). No mundo comum, haveria as aparências desses indivíduos perante os outros na trama das relações institucionais e no espaço de deliberação sobre assuntos de interesse coletivo, e que, segundo Sodré (2015), consistia numa “dicotomia entre o constrangimento inerente ao público e a liberdade de quem dele está ‘privado’, donde se infere que o ‘privado’ é uma referência ao homem ‘livre em sua casa’” (Sodré, 2015, p. 14). A liberdade do homem em sua casa seria, então, a sua intimidade.

5.1 O CARÁTER PRIVADO OU ÍNTIMO DAS CORRESPONDÊNCIAS

Retomando o pensamento de Arendt (2005), entendemos que “a distinção entre os domínios público e privado, concebida mais do ponto de vista da privatividade que do corpo político, equivale à distinção entre o que deve ser exibido e o que deve ser ocultado” (Arendt, 2005, p.88-89). Diante disso, conseguimos identificar que, em diversas cartas do compilado presente em *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, ocorriam discussões de cunho privado, onde os correspondentes tratavam de assuntos, faziam considerações e davam opiniões pessoais que, provavelmente, não fariam em público: eles só se permitiam falar de alguns

assuntos por estarem “entre amigos”. Em setembro de 1994 temos um exemplo de conversa privada e de cunho íntimo tratada entre os escritores na seguinte carta escrita por Jorge Amado:

Salvador, 23 de setembro de 1994

Queridos Pilar e José, provavelmente vocês já devem estar em Lisboa, mas José sempre está no Brasil. Ainda ontem, nós lemos seu artigo sobre Lisboa, na Folha de São Paulo.

Aproveito para também [dar] a minha ‘declaração de voto’ para as eleições de 3 de outubro.

Beijos da Zélia para Pilar e você, e um abraço afetuoso do Jorge Amado (Amado; Capinan; Viel, 2017, p. 52)

À qual responde José Saramago:

Lanzarote, 25 de setembro de 1994

Queridos Zélia e Jorge,

só na terça é que vou para Lisboa, não mais que o tempo da reunião do Parlamento de Escritores.

(...)

Agradeço-te a confiança de nos teres comunicado a tua declaração do voto na próxima eleição presidencial. Conheço mal as circunstâncias, mas compreendo que tenhas decidido por Fernando Henrique Cardoso. Ainda que não possa deixar de pensar que os males do Brasil não se curam com um presidente da República, por muito democrata e honesto que sejas. E tu bem sabes, melhor que eu, que a democracia política pode ser facilmente um continente sem conteúdo, uma aparência com pouquíssima substância dentro. Quanto à honestidade, Fernando Henrique Cardoso tem uma tarefa gigantesca à sua frente: fazer com que os maus políticos brasileiros não só passem a parecer honestos como o sejam realmente. Que mais posso dizer? Felicidades, Brasil! Não me ocorre outra coisa, mas creio que aí está tudo.

[...]

Para ambos, todos os carinhos de Pilar.

O abraço muito afetuoso do

José Saramago

P.S.: Por graça, junto uma notícia do *ABC de Madri...* (Amado; Capinan; Viel, 2017, p. 52-53)

Ao compartilhar com o amigo sua intenção de voto, Amado o faz em esfera privada, confiando em Saramago tal informação. O interlocutor, por sua vez, agradece a confiança do amigo e dá seu parecer acerca do que lhe foi contado, também de forma individual e privativa.

A carta escrita por José Saramago à Jorge Amado a respeito do Prêmio Camões do ano de 1993 é um outro exemplo da liberdade de expressar as opiniões entre os dois amigos:

Tías, 2 de julho de 1993

Queridos Zélia e Jorge,

acabamos de receber aqui a notícia de que o Camões foi para Rachel de Queiroz. Não discutimos o mérito da premiada, o que não entendemos é como e porque o júri ignora ostensivamente (quase apeteceria dizer: provocadoramente) a obra de Jorge Amado. Esse prêmio nasceu mal e vai vivendo pior.

E os ódios são velhos e não cansam.

Caríssimo Jorge, no mais completo sentido destas palavras, estamos contigo. E também com Zélia que, como tu, estará sofrendo o amargor da ingratidão.

Grade e fraternal abraço,

José (Amado; Capinan; Viel, 2017, p. 24)

Mesmo não questionando os méritos de Rachel de Queiroz, companheira de profissão de Amado e de Saramago, o último polemiza a qualidade do prêmio com o qual Queiroz foi laureada. Tal opinião, provavelmente, não seria manifestada da mesma maneira no

espaço público, por envolver uma terceira pessoa e uma instituição para além dos correspondentes. Os assuntos tratados nestas cartas trazem questões relativas à um espaço público – as eleições de um país, a concessão de um prêmio internacional – mas, por ocorrerem num ambiente privado, amigável, as consequências dessas conversações não afetam outros senão aqueles envolvidos nelas. As discussões estabelecidas não trouxeram nenhuma consequência para além da troca de opiniões e pareceres.

Permanecendo no campo das premiações literárias há, em *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, dois trechos – sendo uma correspondência e uma nota à imprensa, ambas escritas por José Saramago – que também podem ser analisados a partir da perspectiva dicotômica público e privado. Ambas se deram à época do recebimento do mesmo prêmio Camões, dessa vez por Jorge Amado:

Lanzarote, 10 de julho de 1995

Querida Zélia, querido Jorge, em primeiro lugar, a satisfação por sabermos que Jorge está bem. Depois, ainda que atrasados, os parabéns pelo aniversário de Zélia, e também, mas estes a tempo, pelo livro dela que vai sair, *Crônica de uma namorada*. Esperamos, com antecipado prazer, o relato, sentimental pelo título, adivinhando que não só de sentimentos (imediatos) se tratará. Também vão, duplicados, os parabéns pelo prêmio Camões. O pior é que isto de prêmios não é raro que tragam um ressaibo de amargura, e o Camões, não sendo exemplar, é exemplo. Tanta miséria moral mal escondida, tanta inveja, tanto desejo de morte por trás das fachadas compostas de muitos que, num dado momento, vão ser juiz e sentença. Não obrámos nós assim quando estivemos no júri da União Latina. E certamente assim não obrei eu quando me bati pelo prêmio Rainha Sofia para João Cabral... Meu querido Jorge, viveste mais e mais intensamente do que eu, saber como muitas vezes é difícil (ou terrivelmente fácil) compreender certos comportamentos humanos. Quando estiveres a receber o prêmio, pensa só nos teus leitores, São eles que valem a pena.

[...]

Carinhosamente,

José Saramago (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.86)

O texto publicado por José Saramago no Jornal de Lisboa, em 19 de julho de 1995:

Rosa e Espinho – José Saramago

Prêmios são rosas, e este Camões que enfim vai ser entregue a Jorge Amado, de tão puxado e empurrado, de tão reclamado e negado, por muito rosa que dele se pretenda fazer, não esconde um duro e doloroso espinho. A Jorge já eu disse que pense somente nos seus leitores quando lhe puserem o Camões nas mãos, que continue a pensar neles quando chegar à altura dos abraços e dos telegramas de parabéns, todos sinceros certamente, e por isso de agradecer. Mas, por muitos que eles sejam, os parabéns e os abraços, sempre serão uma parte pequena em comparação com os aplausos dos leitores que Jorge Amado tem no mundo em que se escreve (e lê) a língua portuguesa. Esses já lhe tinham dado o prêmio.

Agora o que o júri fez foi estar de acordo. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.87)

Mesmo que o teor dos dois trechos seja o mesmo – Saramago repete na nota pública o conselho que deu a Amado e a crítica ao prêmio Camões –, a forma como os textos foram construídos é diferente. Na correspondência, José Saramago expõe mais claramente seus sentimentos em relação ao prêmio e à instituição que o concede: profere duras críticas àqueles responsáveis pela escolha e os compara a si mesmo e ao amigo quando estes participaram do júri de outro prêmio literário. Na nota à imprensa, onde a opinião dada à Jorge Amado

privativamente fez-se pública em posterior, o linguajar utilizado é mais brando, apesar de tão forte quanto. Arendt (2005) aborda essa diferença entre privado e público:

se uma atividade é realizada em privado ou em público não é, de modo algum, algo indiferente. Obviamente, o caráter do domínio público tem de mudar de acordo com as atividades que nele são admitidas, mas em grande parte, a natureza da própria atividade também muda (Arendt, 2005, p.57)

Desse modo, é possível enxergar a “disposição espacializante” do privado e do público e como os discursos são construídos nesses diferentes lugares (Sodré, 2015). De acordo com Vera França e Paula Simões (2015) “há uma oposição entre abertura e privacidade [que] distingue aquilo que é ou pode ser acessível a todos ou, ao contrário, deve circular numa esfera restrita, em um círculo limitado de pessoas” (França; Simões, 2015, p.72).

Essa mesma oposição se dá, também, em aspectos diferentes dentro de uma mesma privacidade. No livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, constam alguns trechos dos *Cadernos de Lanzarote*, diários de José Saramago. Como exemplo, trazemos aqui um mesmo assunto trazido em uma correspondência Jorge Amado retomado no caderno de foro íntimo do escritor português e tratado de maneiras distintas:

Salvador, 21 de setembro de 1994
Queridos José e Pilar,
não sabemos, Zélia e eu, se vocês já estão em Lisboa para o Parlamento dos Escritores ou se ainda estão na vossa ilha. Na mensagem que enviei para a reunião de Lisboa, disse que pedira a José Saramago que, ao aprovar as conclusões, se as aprovar, o fizesse também em meu nome.
Estaremos na Bahia até março, a não ser que tenhamos que acompanhar o casal a Estocolmo.
Aliás, por falar em Estocolmo, um telefonema de Nova York ontem me fez saber que o próximo prêmio Nobel será o escritor português Lobo Antunes.
Apesar da afirmação ser categórica, tenho dúvidas – aposto noutro romancista, também português.
Beijos de Zélia, saudades do leitor e amigo,
Jorge Amado (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.51)

Na carta, o remetente especula quem será o laureado com o prêmio Nobel (informação, teoricamente, confidencial da Academia Sueca) do ano de 1994. Apesar de não demonstrar admiração pelo possível ganhador, afirma sua preferência por outro, o amigo destinatário. Em trecho escrito no mesmo dia por Saramago em seu diário que citamos anteriormente, lemos:

21 de setembro
Regressado à Bahia, escreve-me Jorge Amado a pedir que o represente no Parlamento Internacional de Escritores, no caso de haver conclusões, o que é pouco provável: esperemos, sim, que venham a tomar-se decisões capazes de transformar-se em ações. De caminho, diz-me que recebeu de Nova York a informação (categórica) de que o Nobel deste ano será para Lobo Antunes. A fonte da revelação, colhida não se sabe de onde, é um jornalista brasileiro que, pelos vistos, bebe do fino. Já sabemos que em Estocolmo tudo pode acontecer, como o demonstra a história do prêmio desde que o ganhou Sully Prudhomme estando vivos Tolstói e Zola. Bom amigo, Jorge insiste que seu favorito é outro. Não falta muito para sabermos. Quanto a mim, de Lobo Antunes, só posso dizer isto: é verdade que não o aprecio como escritor, mas o pior de tudo é não poder respeitá-lo como pessoa. Como não há mal que um bem não traga, ficarei

eu, se se confirmar o vaticínio do jornalista, com o alívio de não ter de pensar mais no Nobel até o fim da vida. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.51)

Em seu espaço íntimo, Saramago se permite fazer considerações negativas não apenas sobre Lobo Antunes, conterrâneo conjecturado como o próximo ganhador do Nobel, mas também a respeito do primeiro vencedor; fala de maneira positiva, porém, de outros que assim como ele ou Amado não haviam sido prestigiados pela Academia Sueca. Tal comportamento evidencia as forças da vida íntima que, conforme Arendt (2005), “levam uma espécie de existência incerta e obscura” que, para aparecer publicamente, devem assumir um aspecto mais adequado (2005, p.61).

5.2 A EMERSÃO DO ÍNTIMO NO ESPAÇO PÚBLICO

Ainda tendo em vista a dicotomia público x privado, França e Simões (2015) contribuem para a discussão ao fazerem emergir o cruzamento dos conceitos de público e privado na vida de figuras públicas na mídia, como é o caso dos escritores aqui tratados. Segundo as pesquisadoras, as figuras públicas são aquelas que possuem grande visibilidade e recebem grande publicidade em cima de si, mesmo que não necessariamente se ocupem de ações que dizem respeito a muitos (p.78):

a questão público-privado atravessa de forma muito evidente a constituição das celebridades contemporâneas: inseridas em campos diversos (artístico, midiático, esportivo, político), elas ocupam o espaço público, são acessadas e vistas por uma grande coletividade. No entanto, com muita frequência, o que é tratado e exibido nesse espaço são aspectos de sua vida privada, de sua intimidade. (França; Simões, 2015, p.71)

Com base nessa concepção, podemos supor que uma vez que tanto Jorge Amado quanto José Saramago tinham uma visibilidade muito maior que seus círculos restritos, ambos podiam ser considerados celebridades com poder de afetar a esfera pública. Logo, eram abordados frequentemente pela mídia em busca de suas opiniões e eram, também, protagonistas de notícias, artigos e até livros sobre eles, conforme podemos ler em carta escrita em setembro de 1994 por Jorge Amado:

Salvador, setembro de 1994

Querido José,

de Espanha, Alemanha, Itália, Argentina e outras distâncias pedem-me entrevistas respondendo sempre o mesmo: se o prêmio este ano for dado à língua portuguesa, o romancista José Saramago tem 45% de possibilidade; o poeta brasileiro João Cabral tem 40%; Torga, 14%; e Jorge 1%. Segundo pesquisas realizadas às vésperas das eleições brasileiras e da concessão do Nobel – veja entrevista anexa.

Quanto às eleições brasileiras, tudo indica que o Fernando Henrique Cardoso será eleito no primeiro turno, com a maioria absoluta dos votos válidos.

Acabo de receber um pequeno livro de Rui Simões, *Depoimento sobre Saramago*. Já o tens?

Beijos de Zélia e meus para Pilar, e abraços afetuosos para ti do amigo (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.56)

Em conformidade com Simões (2010), a produção da mídia é, por vezes, configurada a partir da vida privada dos agentes, afetando esses indivíduos que, por seu turno, agem a partir dessa afetação, como podemos ver pelo pedido de entrevista sobre o Nobel de Literatura à Jorge Amado descrito na carta acima e em matéria de 2017 do jornal *Estadão*. Nela, Pilar del Río, jornalista e viúva de Saramago, afirma que nas vésperas da premiação, que acontece todos os anos no mês de outubro, “os dois [Jorge Amado e José Saramago] se sentiam massacrados pelas perguntas dos nossos colegas jornalistas ou pela intuição dos amigos” pois acreditavam que iriam decepcioná-los caso não recebessem o prêmio como era esperado (Brasil, 2017, Caderno de cultura, n.d.). Paloma, filha de Jorge Amado, no mesmo artigo respalda a fala de Pilar del Río ao dizer que o pai, que já havia sido indicado ao prêmio por mais de 30 anos, já não tinha mais esperanças de recebê-lo, mas ainda assim “o mês de outubro era sempre infernal em nossa casa, porque as pessoas praticamente cobravam o prêmio dele” (Brasil, 2017, Caderno de cultura, n.d.). Simões (2010) explica que tais significados produzidos pela mídia – a “obrigatoriedade” de receber o prêmio ou de falar sobre ele – advém das vivências e das experiências públicas e privadas dos sujeitos, e que são essas ações e reações que “suscitam o interesse dos diferentes veículos por sua narrativa biográfica” (Simões, 2010, p. 76).

Trazendo novamente à discussão a relação da mídia com a vida íntima das celebridades, agora no sentido biográfico, França e Simões (2015) afirmam sobre a maneira como estas ocupam a cena pública:

o que se dá a ver não é apenas (e nem primordialmente) seu desempenho, suas qualidades profissionais, mas também (e em grande medida) sua individualidade, sua vida pessoal. Inúmeros aspectos de sua vida privada povoam o cenário de visibilidade e participam da construção de nosso ‘mundo comum’ (França; Simões, 2015, p.84).

O foco da mídia na vida íntima e privada das figuras públicas e o interesse que elas despertam na sociedade pode afetar positiva ou negativamente aqueles envolvidos: em resposta à pergunta de Jorge Amado sobre suas impressões sobre o livro de Rui Simões sobre o escritor português (citado pela primeira vez na carta de setembro de 1994 copiada acima), Saramago afirma, em 8 de dezembro de 1994:

Lanzarote, 8 de dezembro de 1994

Queridos amigos,

(...)

Recebi o estudo do Rui Simões. Gostei enquanto se manteve no campo estritamente literário, mas lamentei que ele tivesse achado necessário ou oportuno entrar em questões que nada têm a ver com a literatura, que pertencem ao meu foro íntimo, a minha vida particular. Foi uma falta de gosto, para não dizer que é uma falta de respeito. Enfim, nada disso tem importância, mas neste caso viria muito a propósito citar o ditado antigo: ‘Quem sabe da tenda é o tendeiro’.

Rui Simões não sabe do que fala.

Beijos nossos para Zélia, de Pilar para Jorge (e por que raios não damos todos beijos e abraços uns aos outros, sem distinção de sexos?)...

José Saramago (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.74)

O incômodo de Saramago diante da exposição de sua intimidade pode ser pensado como um incômodo em relação ao seu “valor de uso”, expressão utilizada por Sodré (2015) ao relacionar a utilidade de um bem à utilidade de um sujeito, que seria sua imagem, sua reputação; ou seja, sua boa integração na cidadania, algo intrínseco à vida privada (2015, p.19). De acordo com o pensador, tanto “valor de uso” quanto “valor de troca” são expressões marxianas que referem-se, teoricamente, somente à objetos, contudo, à título de exercício, elas poderiam ser aplicadas a pessoas e suas imagens públicas: enquanto o valor de uso teria como base a vida privada de um indivíduo, o valor de troca “seria a medida circulatória de sua imagem cidadã, o que implica avaliação ou reconhecimento por parte de outros, concidadãos, portanto algo basicamente público” (Sodré, 2015, p.19).

A ideia do “valor de troca” pode ser relacionada ao valor econômico que este pode trazer ao sujeito e, dentro do escopo deste trabalho, pode ser pensado no que concerne às premiações recebidas ou não pelos escritores e suas imagens no espaço midiático e, portanto, público.

Podemos perceber, no conteúdo das cartas, que as considerações trocadas entre Jorge Amado e José Saramago eram privadas e, por vezes, um tanto quanto polêmicas: envolviam outras pessoas, tratavam de instituições conhecidas no espaço público. Ao trazerem para a superfície dialógica opiniões e revelações pessoais, podemos considerar que os escritores entendiam aquelas cartas como algo pertencente às esferas privadas de suas vidas, algo como um “refúgio seguro contra o mundo público comum – não só contra tudo o que nele ocorre, mas também contra sua própria publicidade, contra o fato de ser visto e ouvido” (Arendt, 2005, p.87). A leitura das cartas de ambos os literatos, da nota pública e do trecho do diário de Saramago nos permite inferir, também, sobre como essas esferas influenciam a maneira de agir das pessoas, tendo os dois escritores aqui como exemplos: não somente os conteúdos, mas a estrutura e a maneira de dizer se mostraram diferentes em seus respectivos espaços. No espaço da amizade, se mostravam mais livres e seguros de compartilhar suas opiniões e pareceres.

Podemos empreender reflexões sobre a dicotomia público e privado também a partir das conversas dos escritores sobre esse mesmo assunto: ao terem suas vidas íntimas expostas pela mídia, ao verem emergir no espaço público questões privadas, demonstraram um incômodo quando tiveram suas imagens e seus valores de uso expostos. Usando as palavras de Sodré (2015), viram suas vidas públicas – por serem personalidades conhecidas, célebres – convertidas em vidas em público, tanto através das abordagens midiáticas para a concessão de

entrevistas e opiniões sobre assuntos nos quais estavam diretamente envolvidos quanto em relação a textos publicados sobre si mesmos, como no caso do livro *Depoimento sobre Saramago* do escritor Rui Costa, discutido por seu personagem principal e pelo escritor baiano.

A afetação que o espaço público gera sobre Jorge Amado e José Saramago pode ser analisada também a partir de suas argumentações no tocante ao recebimento de prêmios literários por eles e demais escritores em língua portuguesa, trazendo reflexões sobre o valor de troca que estes agregariam ao valor econômico às suas imagens, validando seus “talentos”, por assim dizer.

Ultrapassando as análises relativas ao conteúdo das cartas e tomando, para isso, o pedido de Jorge Amado à Myriam Fraga de não divulgar as cartas por um longo período de tempo como ponto de partida, entendemos como ações realizadas na privacidade podem afetar o espaço público e vice-versa: por conhecer o teor daquilo dito em um círculo restrito de pessoas, Amado se mostrou reticente perante a possibilidade de publicização de seu arquivo epistolar, mas foi refutado pelo argumento dado pela diretora executiva sobre o valor histórico e cultural daquelas missivas. Argumento esse que pode ser validado pela análise feita nesta dissertação, que considera as conversas íntimas dos dois grandes escritores em língua portuguesa vindas à público após a morte de ambos.

Uma vez trazida a revisão bibliográfica dos conceitos norteadores deste trabalho e uma breve análise de do conteúdo do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, no capítulo seguinte apresentamos as ferramentas metodológicas utilizadas para a realização da análise das cartas que citam notícias midiáticas e seus entrecruzamentos com as últimas, apresentada em seguida.

6 QUE FAREI COM ESTE LIVRO? ¹⁶METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS CARTAS E NOTÍCIAS

Para uma melhor compreensão do diálogo travado e sua influência sobre Jorge Amado e José Saramago, realizamos uma pesquisa exploratória, delineada a partir de um levantamento bibliográfico e documental. O levantamento documental contempla não somente papéis escritos, mas qualquer objeto capaz de contribuir para a investigação do fenômeno. As amostras de documentos a serem analisadas foram selecionadas a partir de dois recortes metodológicos principais: tipos de documentos, pessoais e de comunicação de massa; e intervalo de tempo.

Como documentos pessoais foram considerados inicialmente o livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, como material principal. Os documentos colocados em circulação por veículos de comunicação e que serviram como objetos de análise foram, por sua vez, matérias, reportagens e notas veiculadas na imprensa, ligados direta ou indiretamente ou ao acontecimento ou aos próprios autores, sendo tanto aquelas citadas na correspondência quanto outras veiculadas no mesmo período e encontradas durante a pesquisa inicial.

O recorte temporal determinado para a análise documental foram os anos de 1992 a 1998, período em que foram escritas as cartas contidas no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*. Desenvolvemos análises qualitativas das notícias e cartas que compõem o corpus de pesquisa, guiadas pelos operadores conceituais apresentados ao longo da dissertação, a saber : as paisagens textuais, as heterotopias, a amizade e os espaços de sociabilidade criados a partir da amizade nas correspondências – o espaço íntimo e o espaço privado – em contraposição ao espaço público das notícias correlatas.

Como discutimos nos capítulos anteriores, entendemos que as cartas e os demais escritos se configuram como um gênero de escrita que se localiza na interface de diversos campos de estudos; são objetos de estudos históricos, memorialísticos, literários e, principalmente, comunicacionais. Sendo assim, nos valem dessas visadas teóricas para refletirmos sobre nosso objeto de análise. Para observá-lo, seguimos o percurso metodológico descrito a seguir.

¹⁶ SARAMAGO, José. **Que farei com este livro?** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

6.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Iniciamos o desenvolvimento da pesquisa com uma primeira leitura do conteúdo do livro. Discorremos livremente sobre os pontos das correspondências que entendemos como registros históricos de um acontecimento e observamos as menções feitas pelos escritores a notícias, pessoas, lugares e situações.

Em um segundo momento, empreendemos uma pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos norteadores deste trabalho, buscando nossas referências em pensadores de diversos campos da área das Ciências Sociais, no intuito de compreender melhor as concepções de memória, experiência, heterotopia, amizade e a dicotomia entre público e privado. Nesse caminho, percorremos as obras de Pierre Nora, Henri Bergson, Sigmund Freud, Maurice Halbwachs, Joël Candau, Michel Foucault, Aristóteles, Hannah Arendt, dentre outros, conforme apresentamos nos capítulos precedentes, para buscar compreender o nosso objeto de pesquisa de maneira transdisciplinar.

Uma vez que não há um percurso linear e nós intentamos compor um panorama histórico-memorialístico a partir daquilo que observamos da comunicação que se deu entre Amado e Saramago (que vez ou outra trazia matérias e notícias veiculadas nos mais diversos meios de comunicação), realizamos uma segunda leitura, em profundidade, do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, para analisarmos o conteúdo das cartas e identificarmos no diálogo travado os assuntos relacionados às premiações literárias que almejavam e também as notícias que ambos citavam e trocavam juntamente às missivas.

Em seguida, fizemos um mapeamento das notícias citadas nas cartas reproduzidas no livro. Buscamos em todas as cartas publicadas as citações referentes às notícias mencionadas e, então, buscamos nos arquivos de jornais o registro dessas notícias. Após a identificação dessas notícias no texto contido no livro, com o propósito de compreender como as notícias em circulação na mídia são enquadradas no espaço íntimo da troca de cartas dos dois escritores, a pesquisa documental foi realizada nos arquivos virtuais dos veículos de comunicação para buscar as notícias mencionadas.

Fizemos uma leitura pormenorizada destas e cruzamos seus conteúdos com aquilo que foi conversado entre Amado e Saramago no espaço íntimo das correspondências. Dessa forma, buscamos captar a concomitância entre datas, assuntos e contextos no espaço público (mídia) e no espaço privado (correspondências). Essa concomitância, ao nosso ver, cumpre um papel importante na criação de experiências de si e para entender semelhanças e diferenças entre a abordagem no espaço público e no espaço privado de determinados assuntos.

Em um levantamento inicial, encontramos um total de 16 notícias mencionadas na compilação de cartas publicada no livro e, após esse primeiro esforço de busca, encontramos nos mesmos veículos de comunicação outras cinco notícias relacionadas à Jorge Amado, José Saramago e os prêmios literários sobre os quais conversavam em suas correspondências e que foram publicadas durante o período de 1992 a 1998, contabilizando assim 21 notícias no total. Elaboramos um instrumento metodológico para sistematizar o levantamento inicial e nortear a pesquisa nos veículos de comunicação.

Tal instrumento foi desenvolvido sob a forma de um quadro (Tabela 1) com os seguintes campos:

- a) a data das cartas que citavam alguma notícia ou publicação midiática;
- b) a página do livro onde essas cartas estão
- c) o trecho da carta onde a notícia é citada;
- d) o nome do veículo de comunicação onde essas notícias foram divulgadas,
- e) e os links de acesso a essas notícias.

Quadro 1: Instrumento metodológico para pesquisa nos veículos de comunicação

	Data da Carta	Página no livro	Trecho da carta	Notícia	Veículo	Link
1	18 de maio de 1993 – José Saramago, <i>Cadernos de Lanzarote</i>	p.21	Assim são as coisas. Ainda há dez dias eu aqui escrevia umas linhas acerca de Jorge Amado, e acabo de saber que teve um enfarte.”	<i>Mejora el escritor brasileño Jorge Amado tras sufrir un infarto</i>	<i>El País</i>	https://elpais.com/diario/1993/05/16/cultura/737503204_850215.html
	Lanzarote, 1993, dia do aniversário de Jorge Amado	p.29	“Foi lendo <i>El País</i> ontem que Pilar viu que hoje era o teu aniversário”		<i>El País</i>	
2	Lanzarote, 10 de agosto de 1993	p.29	“Querido Jorge, depois de aqui chegar o teu fax, que recebemos como um abraço, vimos em <i>El País</i> (outra vez ele) uma referência ao teu nome. Pensámos que vos gostaria de saber desta lembrança de um leitor espanhol, e portanto aí vai.”	<i>Cartas al director – Opinión Niños de la calle</i>	<i>El País</i>	https://elpais.com/diario/1993/08/10/opinion/744933605_850215.html

3	Paris, 28 de novembro de 1993	p.30	“Queridos Pilar e José, com muitas saudades, aí vão os materiais da Academia Universal das Culturas e o pequeno registro do prêmio da União Latina, em <i>Le Monde</i> .	<i>Prix littéraires</i>	<i>Le Monde</i>	https://www.lemonde.fr/archives/article/1993/11/26/prix-litteraires_3967372_1819218.html
4	Bahia, 2 de fevereiro de 1994	p.34	“Aí vai a página de <i>O Globo</i> de domingo. Obrigada, José, pela referência generosa.”	Entrevista: Saramago fora da ordem (Luciano Triga)	<i>O Globo</i>	https://acervo.globo.globo.com/consulta-acervo/?navegacaoPorData=199019940130
5	Salvador, 18 de abril de 1994	p.43	“Queridos Pilar e José, junto vai matéria publicada em <i>O Globo</i> , de ontem. A presença de José na vida brasileira – e não só na vida cultural – cresce a cada dia.”	Diário: O ajuste de contas de Saramago (Sandra Cohen)	<i>O Globo</i>	https://acervo.globo.globo.com/consulta-acervo/?navegacaoPorData=199019940417
	Lanzarote, 20 de abril de 1994	p.44	“Junto vai uma nota auspiciosa de <i>El País</i> . Vamos ver se a Academia Sueca se decide desta vez.”		<i>El País</i>	
6	Salvador, 22 de abril de 1994	p.44	“Obrigado pela nota de <i>El País</i> : já tive essa ilusão, quando jovem escritor. Já não a tenho, ainda bem.”	Nossos candidatos ao Nobel na berlinda	<i>O Globo</i>	https://acervo.globo.globo.com/consulta-acervo/?navegacaoPorData=199019940422
	Lanzarote, 24 de maio de 1994	p.47	“Junto a notícia e a carta de Vargas Llosa.”			

7	Paris, 17 de junho 1994	p.49	“Queridos amigos, transmitimos, junto a este, página de <i>O Globo</i> , do Rio, onde o nome de José é citado.”	Todas as palavras do mundo – Coletânea de entrevistas publicadas na seção “Livros” do GLOBO reúne 23 dos maiores escritores do mundo (Luiz André Alzer)	<i>O Globo</i>	https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-acervo/?navegacaoPorData=199019940608
8	Salvador, 23 de setembro de 1994	p.52	“Queridos Pilar e José, provavelmente vocês já devem estar em Lisboa, mas José está sempre no Brasil. Ainda ontem, nós lemos seu artigo sobre Lisboa, na <i>Folha de São Paulo</i> .”	O país de Saramago – Transformação de Lisboa daria um filme	<i>Folha de São Paulo</i>	https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=12554&keyword=Saramago&anchor=4964442&origem=busca&originURL=&pd=3ce21f0060e947d24fc36da609729cc3
	Lanzarote, 23 de setembro de 1994	p.52-53	“P.S.: Por graça, junto uma notícia do <i>ABC de Madrid</i> .”		<i>ABC de Madrid</i>	
	Salvador, setembro de 1994	p.56	“Querido José, de Espanha, Alemanha, Itália, Argentina e outras distâncias pedem-me entrevistas respondendo sempre o mesmo: se o prêmio este ano for dado à língua portuguesa, o romancista José Saramago tem 45% de possibilidade; o poeta brasileiro João Cabral tem 40%, Torga, 14%; e Jorge, 1%. Segundo pesquisas realizadas às vésperas das eleições brasileiras e da concessão do Nobel – veja entrevista anexa.”			
	Santiago, Chile, 5 de outubro de 1994	p.56	“Queridos Zélia e Jorge, aí vai algum material de interesse.”			

9	12 de outubro de 1994 – José Saramago, <i>Cadernos de Lanzarote</i>	p.59	“Diz-se em Lisboa que o Nobel está no papo de Lobo Antunes. Pelos vistos, o jornalista brasileiro, conhecido de Jorge Amado, sabia do que falava. Também me dizem que Lobo Antunes já se encontra na Suécia.”.	<i>La lengua portuguesa, favorita al Nobel de Literatura</i>	<i>El País</i>	https://elpais.com/diario/1994/10/13/cultura/782002805_850215.html
10	Salvador, 13 de outubro de 1994	p.64	“Queridos Pilar e José, ainda não será dessa vez que iremos, os quatro, a Estocolmo festejar o Nobel de José: um japonês nos atropelou.”	Portugal se preparou em vão para vencer (Sandra Cohen)	<i>O Globo</i>	https://acervo.globo.com/consulta-acervo/?navegacaoPorData=199019941014
11	Lanzarote, 3 de abril de 1995	p.85	“Querido Jorge, querida Zélia, finalmente o Camões para quem tão esplêndidamente tem servido a ele! Será preciso dizer que nesta casa se sentiu como coisa nossa esse prêmio? Que pessoalmente me sinto orgulhoso do comportamento dos portugueses que passaram pelos júris, e em especial os de agora? Sirva isto de compensação para as decepções e as amarguras que outros causaram a Jorge.”	<i>Otorgan el Premio Camones a Jorge Amado</i>	<i>El País</i>	https://elpais.com/diario/1995/03/29/cultura/796428011_850215.html
	Salvador, 6 de outubro de 1995	p.92	“Queridos Pilar e José, ontem, em certo momento, meu neto Jorginho (onze anos) chamou nossa atenção para o fato de que na televisão estavam falando em nossos nomes – no de José e no meu. Fizemos atenção, Zélia e eu, o locutor reclamava que o prêmio Nobel não tivesse sido concedido a um de nós dois.”			
	Bahia, 8 de novembro de 1995	p.96	“Queridos, no avião em que voltávamos de São Paulo para a Bahia, lemos a notícia da concessão do prêmio Camões a José.”			

12	Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1996	p.100	“Duas palavras sobre José Saramago.”	Um amigo que encontro nas esquinas do mundo	<i>O Globo</i>	https://acervo.globo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019960202
	Salvador, 8 de outubro de 1998	p.115	“Acabo de saber que o prêmio Nobel foi concedido ao escritor português José Saramago. A notícia me causa grande satisfação. Se alguém merece o Nobel, este alguém é José Saramago.”		<i>Nota à imprensa</i>	

Fonte: Amado; Capinan; Viel, (2017)

Das 21 notícias citadas direta e indiretamente em *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, 16 tiveram suas fontes citadas pelos autores no livro, enquanto 5 notícias não havia menções nas cartas acerca do veículo de comunicação em que foram publicadas. Entre as notícias referenciadas, conseguimos encontrar nos acervos dos veículos o arquivo digital de 12 delas. As buscas foram realizadas em jornais de grande circulação nacional e internacional mencionados pelos autores nas cartas. Portanto, consideramos os jornais brasileiros *O Globo* e *Folha de São Paulo*, os jornais espanhóis *El País* e *ABC de Madrid*, e o jornal francês *Le Monde*, como se pode observar na Tabela 1.

Achamos interessante incluir no nosso corpus empírico o arquipélago de textos acionados pelas correspondências, em virtude dos assuntos nelas tratados, que se relacionam diretamente à discussão travada no correio transatlântico entre Amado e Saramago. Essas notícias são fundamentais à análise e ao cruzamento das cartas e da mídia, pois no entroncamento entre elas emergem discussões que evocamos nesta dissertação: a confluência entre experiência, memória e a criação de heterotopias, sempre permeada pela amizade.

Cotejar o texto integral das notícias com as suas menções nas correspondências nos permite entender o que foi destacado e o que foi esquecido pelos escritores em seus diálogos. Essas escolhas podem ser indicadores do enquadramento dos textos midiáticos feito por Amado e por Saramago e servem, também, como um arsenal memorialístico do período e das diferenças e semelhanças de abordagem do mesmo assunto no espaço público e no espaço privado das cartas. Os textos integrais de todas as notícias encontradas foram transcritos e incluídos nos anexos desta dissertação.

Como em nossa análise miramos também a identificação de experiências transformadoras de si, levamos em consideração a forma como os escritores se comunicavam e aquilo que, para além das autoridades sociais postas, Jorge Amado e José Saramago elaboravam e davam a ver durante a relação dos dois: como se dirigiam um ao outro e a ligação entre ambos e o cenário vigente. Nesse aspecto, usamos como base os estudos foucaultianos sobre as experiências de si praticadas pela escrita – o dito e o não dito – e sua posterior confabulação em utopias e heterotopias, sendo as heterotopias o conceito norteador da discussão.

A amizade entre Jorge Amado e José Saramago atuou como o fio condutor das cartas que foram trocadas entre os literatos e, então, traçamos uma linha do tempo do conceito, desde os estudos aristotélicos-ciceronianos até a amizade nos moldes atuais, que pode ser estudada pelo prisma da dicotomia público x privado.

Em nossas escolhas metodológicas, buscamos encontrar e articular na malha das correspondências e notícias, os aspectos praxiológicos e pragmatistas que, juntos, se tornam a rede trançada pelas relações, experiências e memórias de Jorge Amado e José Saramago transformadas em heterotopias.

Para identificarmos a criação de heterotopias literárias, por sua vez, fizemos um mapeamento dos lugares de onde Amado e Saramago escreveram um para o outro; os lugares que eles citaram em suas cartas e aqueles dos quais especulavam – como por exemplo Estocolmo, sede da Academia Sueca – e dos locais aludidos nas notícias. Dando continuidade, observamos também as descrições que os literatos fizeram de outros espaços e situações que passaram, viveram e relataram nas cartas, interessando-nos principalmente pelas paisagens textuais propostas por essas descrições. A presença de terceiros no diálogo também foi considerada para compreender a rede de sociabilidade em que os dois autores se inseriam.

Como as heterotopias são justaposições não somente espaciais, consideramos os recortes temporais que buscamos identificar nas cartas e as considerações dos escritores acerca do passado e do presente e elucubrações sobre o futuro.

7 CLARABOIA¹⁷: ANÁLISE DAS NOTÍCIAS E CARTAS À LUZ DOS CONCEITOS NORTEADORES

Quando nos propusemos a realizar uma análise do conteúdo do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, pensamos não somente no conteúdo das correspondências, mas também no conteúdo das notícias que foram veiculadas na mídia durante o período em que Jorge Amado e José Saramago se corresponderam, dando ênfase àquelas que foram citadas por um dos dois no correio transatlântico, de acordo com os procedimentos metodológicos evidenciados no capítulo anterior. Faremos, a seguir, as análises das notícias citadas nas correspondências cotejadas ao texto das cartas, seguindo a ordem em que apareceram no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*. Os subtópicos de análise foram numerados de acordo com as informações da Tabela 1.

7.1 ANÁLISE DAS PAISAGENS TEXTUAIS DAS CARTAS DE JORGE AMADO E JOSÉ SARAMAGO E DAS NOTÍCIAS REFERENCIADAS NA CORRESPONDÊNCIA

Muitas vezes, as notícias as quais Jorge Amado e José Saramago citavam não diziam respeito às premiações literárias, necessariamente, mas apenas falavam do nome de algum deles. O texto integral das notícias pode ser lido nos anexos desta dissertação e a análise será feita seguindo a ordem cronológica do aparecimento das notícias no livro.

7.1.1 Análise da correspondência e primeira notícia

No dia 8 de maio de 1993, José Saramago escreveu em seu diário:

8 de maio – José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*
 Jorge Amado escrevendo do Brasil: “Aqui o sufoco é grande, problemas imensos, atraso político inacreditável, a vida do povo dá pena, um horror”. Diz-me que até ao fim do mês estará na Bahia, que passará por Lisboa antes de seguir para Paris. Esta vida de Jorge e Zélia parece do mais fácil e ameno, uma temporada aqui, uma temporada ali, viagens pelo meio, em toda parte amigos à espera, prêmios, aplausos, admiradores – que mais podem esses dois desejar? Desejam um Brasil feliz e não o têm. Trabalharam, esperaram, confiaram durante toda a vida, mas o tempo deixou-os para trás, e, à medida que vai ele passando, é como se a própria pátria, aos poucos, se fosse perdendo, também ela, numa irrecuperável distância. Em Paris, em Roma, em Madrid, em Londres, no fim do mundo, Jorge Amado recordará o Brasil e, no seu coração, em vez daquela lenitiva mágoa dos ingênuos, que é a saudade, sentirá a dor terrível de perguntar-se: “Que posso eu fazer pela minha terra?” – e encontrar como

¹⁷ SARAMAGO, José. **Claraboia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

resposta: “Nada”. Porque a pátria, Brasil, Portugal, qualquer, é só de alguns, nunca de todos, e os povos servem os donos dela crendo que servem a ela. No longo e sempre acrescentado rol das alienações, esta é, provavelmente, a maior. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.17)

Dez dias depois, no dia 18, enviou a seguinte carta à Jorge Amado e Zélia Gattai:

Tias (Lanzarote), 18 de maio de 1993

Querido Jorge, querida Zélia,

a inquietação é muita, mas a esperança é maior. Uma torre como essa não cai assim. Não tardará a recuperação e o regresso da saúde, e se certamente já não poderemos encontrar-nos em Lisboa, no princípio de junho, pronto virão outras ocasiões.

Se o espírito serve para alguma coisa nestes casos, asseguramos-te, querido Jorge, que o nosso está a usar de toda a força para te ajudar, em união com teus infinitos amigos e leitores.

Para ambos, Zélia, Jorge, todo o nosso carinho.

Seguiremos daqui o evoluir do acidente,

preocupados, mas confiantes.

Pilar, José. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.17)

E no mesmo dia escreveu novamente, no primeiro dos *Cadernos de Lanzarote*:

18 de maio – José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*

Assim são as coisas. Ainda há dez dias eu aqui escrevia umas linhas acerca de Jorge Amado, e acabo de saber que teve um enfarte. Fiz o que estava ao meu alcance, mandei-lhe duas palavras de ânimo: “Uma torre dessas não cai assim”, disse – e espero que não caia mesmo. Morre-se sempre demasiado cedo, ainda que seja aos oitenta anos. Mas o Jorge escapará desta, tenho a certeza. Agora, com a convalescença e o obrigado repouso, não poderá fazer a viagem a Paris que tinha aprezado para o princípio de junho (encontrar-nos-íamos em Lisboa, na passagem). Se não puder antes, voltaremos a estar juntos em Roma, no prémio da União Latina

[...]

(Amado; Capinan; Viel, 2017, p.21)

Saramago relata que soube do incidente de saúde de Jorge Amado, porém não comenta onde obteve a informação, se esta veio por telefone, carta ou algum outro meio de comunicação de massa. Enquanto realizávamos a pesquisa midiática encontramos, contudo, uma notícia publicada pelo jornal *El País* (Anexo 1) acerca da saúde do baiano e achamos por bem trazê-la aqui como material à dissertação. Ela foi publicada no dia 15 de maio de 1993, três dias depois do infarto de Jorge Amado e três dias antes de José escrever a nota em seu diário e enviar a carta à Jorge:

Escritor brasileiro Jorge Amado melhora após sofrer um infarto

EFE

Salvador da Bahia – 15 MAIO 1993 – 19:00 BRT

O escritor brasileiro Jorge Amado, internado na sexta-feira após sofrer um infarto agudo do miocárdio, está se recuperando satisfatoriamente, segundo seu médico do hospital Allianz, em Salvador da Bahia (Brasil). Amado, de 80 anos, é o escritor vivo mais popular entre os brasileiros. Sua obra, com 28 romances publicados, foi traduzida para 40 idiomas e publicada em 50 países.¹⁸(El País, 1993, Cultura, n.d.) (Tradução nossa)

¹⁸ Original em espanhol: *Mejora el escritor brasileño Jorge Amado tras sufrir un infarto*

EFE- Salvador de Bahia – 15 MAY 1993 – 19:00 BRT

El escritor brasileño Jorge Amado, hospitalizado el viernes tras sufrir un infarto agudo de miocárdio, se repone de modo satisfactorio, según aseguró su médico del hospital Alianza de Salvador de Bahia (Brasil). Amado, com 80 años de edad, es el escritor vivo más popular entre los brasileños. Su obra, com 28 novelas publicadas, há sido traducida a 40 idiomas y editada em 50 países. (El País, 1993, Cultura, n.d.)

Tanto nos trechos dos *Cadernos de Lanzarote* quanto na carta enviada a Amado, observamos vários pontos proeminentes à nossa análise. Na anotação feita nos *Cadernos de Lanzarote* no dia 8 de maio, Saramago menciona o itinerário do casal de Salvador (Bahia, Lisboa, Paris) e elenca os nomes de várias capitais e países (“em Paris, em Roma, em Madrid, em Londres, no fim do mundo”, “porque a pátria, Brasil, Portugal, qualquer”). A justaposição destas alocações, juntamente com expressões abstratas sobre espaço e temporalidade, como por exemplo “o tempo deixou-os para trás, e, à medida que vai ele passando, é como se a própria pátria, aos poucos, se fosse perdendo, também ela, numa irrecuperável distância”, nos propõe a formação de uma heterotopia, um espaço outro onde encontram-se diversos lugares e pessoas – “o povo” também é citado na anotação.

A frase “uma torre dessas não cai assim”, escrita por Saramago na carta enviada a Amado em seu diário pessoal, é a materialidade mais proeminente dos trechos trazidos neste ponto da análise. Como uma torre em uma cidade repleta de casas baixas, tal materialidade se sobrepõe ao restante da paisagem textual. Os sentidos são concebidos por quem lê, e nós relacionamos a frase de José como se este se comparasse o amigo à uma torre, o que entendemos ser uma referência à grandeza de Jorge Amado enquanto escritor e personalidade brasileira.

Mais adiante, nas despedidas, Saramago termina: “e o espírito serve para alguma coisa nestes casos, asseguramos-te, querido Jorge, que o nosso está a usar de toda a força para te ajudar, em união com teus infinitos amigos e leitores”. Podemos entender os desejos de boa recuperação escritos desta forma a partir de uma visada foucaultiana da heterotopia: num espaço abstrato, diferentes de todos os lugares reais, os espíritos de José Saramago e Pilar del Río encontram-se com aqueles dos amigos e leitores de Amado que, juntos, aspiram pelo bem do escritor baiano.

Já notícia quanto ao infarto de Jorge Amado publicada no *El País*, apesar de mais direta, nos permite também uma análise sob a luz dos conceitos trazidos nesta dissertação. Na pequena nota publicada pelo jornal constam a idade de Jorge Amado, que naquela época alcançava 80 anos de idade, e fala sobre sua importância na área: o escritor vivo mais popular entre os brasileiros, com 28 romances, tendo sua obra traduzida em 40 idiomas e publicadas em 50 países. O infarto do literato alcançou os tabloides internacionais e ficou registrado devido à sua grande dimensão enquanto escritor de obras que obtiveram tiveram vasto alcance mundial, ou seja, é também um registro histórico e memorialístico sobre a vida de Jorge Amado.

Se considerarmos todo o contexto desta época da vida de Amado, conseguimos observar que a experiência vivida por ele contemplava, mais uma vez, uma série de viagens profissionais ao redor do mundo, desta vez interrompida por problemas de saúde. Em 1994,

Jorge Amado tinha 81 anos e já era amigo de Saramago há dois anos. Ambos se afetavam mutuamente. Percebemos a amizade materializada no intuito de se encontrarem e na preocupação demonstrada por José em relação à saúde do amigo.

7.1.2 Análise da correspondência e segunda notícia

No dia 10 de agosto de 1993, Saramago escreve a Amado:

[Lanzarote], 10 de agosto [de1993]

Querido Jorge,

Depois de aqui chegar o teu fax, que recebemos como um abraço, vimos em *El País* (outra vez ele) uma referência ao teu nome. Pensámos que vos gostaria saber desta lembrança de um leitor espanhol, e portanto aí vai.

La dame de l'académie já me tinha escrito um cartão a agradecer a biografia, dizendo que esperava que se realizasse em dezembro *'le voeu de m. Amado'* ... A ti e só a ti se deverá.

Um beijo direto à Zélia. Antes ficou nos gerais.

Alegrias, José. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.29)

A matéria de *El País* (Anexo 2) enviada por Saramago era a carta de um leitor ao editor do jornal, publicada no dia anterior ao envio da correspondência e fazia referência a um crime ocorrido no Brasil, onde sete meninos em situação de rua foram assassinados. Lê-se:

Meninos de rua

CARTAS PARA O EDITOR

Madri. – 09 AGOSTO 1993 - 19:00 BRT

Nos últimos dias, imagens dos corpos de sete crianças brasileiras assassinadas a sangue frio se espalharam pelo mundo, e termos como "esquadrões da morte" ou "meninos de rua" têm sido usados por aqueles que, na ânsia de explicar o ocorrido, conseguiram reduzir à descrição de um acontecimento atroz e sem precedentes. Porém, não devemos esquecer que já em 1937 um dos melhores narradores contemporâneos, Jorge Amado, denunciou em sua obra "Capitães da Areia" as condições desumanas em que lutavam milhares de jovens no Brasil.

Como se não bastasse, alguns números podem ajudar-nos a reconhecer a magnitude do problema. Por exemplo, em abril do ano passado, o Congresso dos Deputados do Brasil publicou um relatório no qual foi reconhecido o assassinato de mais de 4.600 crianças entre 1989 e 1991. Nesse mesmo relatório, as declarações de um membro de um esquadrão da morte segundo as quais a taxa por matar uma criança chegou a 460 dólares, além de apoio policial ou pelo menos impunidade; Por outro lado, fez-se referência ao fato de que cinco redes de supermercados de El Salvador (capital do Estado da Bahia e importante centro turístico) possuíam câmaras de tortura próprias para punir e intimidar crianças suspeitas de roubos e outras transgressões. Meses depois, uma pesquisa realizada pela Info-Globo afirmou que cerca de 27% dos policiais militares do Rio de Janeiro foram convidados a integrar os esquadrões da morte, enquanto 30% dos policiais cometeram homicídios e 25% conheciam os membros ativos. dos esquadrões.

Não há dúvida, portanto, da magnitude do problema, e não devemos ser tolos o suficiente para localizá-lo no Brasil: em maio do ano passado, uma reunião de especialistas patrocinada pelo Conselho Latino-Americano de Igrejas foi concluída em Honduras, e no seu relatório final calculou que 50 milhões de crianças viviam nas ruas no subcontinente latino-americano, expostas à miséria, ao abuso sexual e à perseguição. De qualquer forma, só espero que estas linhas possam acabar com a

*frieza de algumas imagens transmitidas pela televisão*¹⁹. - (El País, 1993, Equipe de Opinión s.d.). (Tradução nossa)

A publicação do dia 9 de agosto traz informações acerca do assassinato de vários meninos em situação de rua. A carta do leitor não faz referência ao local exato onde o crime aconteceu, diz somente que foi no Brasil e fala sobre a situação das crianças de rua no país enquanto um problema político: a quantidade, as condições precárias em que vivem e, principalmente, a ação da polícia contra essas crianças. Se considerarmos a data e a repercussão da notícia – que chegou aos meios de comunicação espanhóis – podemos supor que a carta falava da Chacina da Candelária, crime ocorrido no Rio de Janeiro na madrugada do dia 23 de julho de 1993, quando meninos e meninas menores de idade em situação de abandono e que dormiam em frente à Igreja da Candelária foram mortos a tiros de fuzil por policiais à paisana.

Ao discorrer sobre o acontecimento, o autor da carta (cujo nome não foi citado pelo jornal) faz referência ao livro *Capitães da Areia*, romance de Jorge Amado publicado em 1937. O leitor do jornal traz o baiano como um dos “maiores narradores contemporâneos” e relaciona sua obra – que já denunciava na década de 1930 as condições inumanas em que milhares de crianças vivem no Brasil – com o fatídico acontecimento que chocou o mundo.

Nesse sentido, podemos interpretar essa carta dentro de um panorama histórico-memorialístico: o livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* contém em suas linhas registros de situações históricas imbricadas nas relações de amizade e memória entre os escritores lusófonos. Saramago enviou a notícia a Amado devido ao fato de seu nome ter sido

¹⁹ Original em espanhol: *Niños de la calle*

CARTAS AL DIRECTOR

Madrid. - 09 AGO 1993 - 19:00 BRT

Durante los últimos días, las imágenes de los cadáveres de siete niños brasileños asesinados a sangre fría han recorrido el mundo, y términos como escuadrones de la muerte o niños de la calle han sido utilizados por quienes, en su afán de explicar el suceso, han conseguido reducirlo a la descripción de un suceso atroz y sin precedentes. Sin embargo, no hay que olvidar que ya en 1937 uno de los mejores narradores contemporáneos, Jorge Amado, denunciaba en su obra Capitanes de arena las inhumanas condiciones en las que se debatían millares de jóvenes en Brasil.

Por si ello no bastara, algunas cifras nos pueden ayudar a reconocer la magnitud del problema. Por ejemplo, en abril del pasado año, el Congreso de los Diputados brasileño hizo público un informe en el que se reconoció el asesinato de más de 4.600 niños entre los años 1989 y 1991. En ese mismo informe se recogieron las declaraciones de un integrante de un escuadrón de la muerte según las cuales la tarifa por matar a un niño alcanzaba los 460 dólares, además del apoyo policial o por lo menos la impunidad; por otra parte, se hacía referencia a que cinco cadenas de supermercados de El Salvador (capital del Estado de Bahía e importante núcleo turístico) tenían sus propias cámaras de tortura para castigar e intimidar a los niños sospechosos de robos y otras transgresiones. Meses más tarde, una encuesta realizada por Info-Globo aseguraba que cerca del 27% de la policía militar de Río de Janeiro había sido invitada a formar parte de los escuadrones de la muerte, mientras que el 30% de los policías había cometido algún asesinato y el 25% conocía a los integrantes activos de los escuadrones.

No hay duda, pues, de la magnitud del problema, y no hay que cometer la torpeza de localizarlo en Brasil: en mayo del pasado año finalizaba en Honduras una reunión de expertos auspiciada por el Consejo Latinoamericano de Iglesias, y en su informe final calculaba en 50 millones los niños que vivían en la calle en el subcontinente latinoamericano, expuestos a la miseria, el abuso sexual y la persecución. En fin, sólo espero que estas líneas puedan acabar con la frialdad de unas imágenes transmitidas por televisión.- (El País, 1993, Equipo de Opinión n.d.)

citado como um grande escritor num veículo de vasta circulação. O que podemos entender dessa proposição e como podemos relacioná-la tanto à carta enviada por Saramago no dia 10 de agosto de 1993 quanto à notícia veiculada no jornal *El País* no dia anterior?

No dia em que a carta do José Saramago foi enviada a Jorge Amado, coincidentemente, o baiano, nascido no mesmo 10 de agosto, completava 81 anos. Nessa época já era considerado um dos maiores escritores em língua portuguesa e sua obra já alcançava quase todo o globo terrestre, sua amizade com Saramago já datava de mais de um ano e suas conversas acerca do mundo literário já se desenvolviam livremente entre as missivas.

Considerando especificamente esta carta, podemos sublinhar alguns pontos relevantes. Em primeiro plano: a notícia sobre morte das crianças, que marcou triste e mundialmente a história do Brasil e, dentro desta notícia, a citação sobre *Capitães de Areia*, romance significativo dentro da extensa obra de Jorge Amado. Em segundo plano, mas não menos importante, a informação que Saramago deu à Amado sobre o retorno recebido da Academia Universal das Culturas, instituição para a qual foi indicado pelo amigo baiano. Todos esses acontecimentos são relevantes, se olharmos de uma perspectiva histórica. E se consideramos o livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* como um dispositivo memorialístico, eles podem ser, também, registros da memória dos escritores e de seus entornos.

A chacina acontecida no Rio de Janeiro, segundo a matéria *Chacina da Candelária* (feita pela Rede Globo de Comunicação e publicada na sessão *Memória Globo*), “motivou um protesto formal da Comunidade Econômica Europeia. [...] 12 países do grupo, em documento divulgado em Bruxelas, pediram às autoridades brasileiras que tomassem providências para punir culpados e livrar crianças da violência” (Memória Globo, 2021, Seção de coberturas, n.d.). Além disso, emissoras de TV e a imprensa escrita de diversos países do hemisfério norte continuavam a dar destaque ao crime; a Anistia Internacional de Londres chegou a acionar os ministérios da Justiça e de Relações Exteriores brasileiros. Considerando que a carta enviada à Jorge Amado por Saramago continha, anexa, a comentário de um leitor de *El País* sobre a chacina, podemos entender que o livro contém então um apontamento sobre esse acontecimento, se tornando assim, um registro sobre a memória do crime.

Uma vez que a carta do leitor cita igualmente Jorge Amado e seu livro *Capitães da Areia*, também entendemos as cartas – do leitor publicada no jornal e de José Saramago à Jorge Amado – como um registro sobre a memória deste romance. De acordo com informações

disponíveis no site da Fundação Casa de Jorge Amado - FCJA²⁰, o romance foi traduzido para o alemão, árabe, croata, francês, grego, húngaro, inglês, italiano, japonês, libanês, norueguês, russo, tcheco e ucraniano e espanhol, o que valida a fala de José e a leitura do romance por um cidadão hispânico – “pensámos que vos gostaria saber desta lembrança de um leitor espanhol”. Ainda dentro da perspectiva do alcance e da memória ao redor da literatura amadiana, entendemos que a fala do leitor de *El País* corrobora com aquilo que é posto acerca da obra de Jorge Amado: o livro, lançado há mais de 50 anos antes da matéria jornalística, era (e ainda é) lembrado como grande referência no âmbito das desigualdades sociais e é retomado, como pode ser percebido na carta do leitor, quando se fala de uma questão que se repete há muito tempo.

Pensando agora na segunda parte da carta, onde Saramago relata a Jorge Amado o recebimento de um cartão da Academia Universal de Culturas sobre sua candidatura, enxergamos aí mais um registro memorial. Nessa carta de agosto de 1993, José fala de um processo que teve início em um momento anterior àquele, e não dá mais informações além do que está escrito. Nesse sentido, podemos supor que uma série de eventos se deu entre o início desse processo e o que foi posto na carta do dia 10 de agosto, ou seja, há um registro, mesmo que incompleto, de uma ação em desenvolvimento naquele tempo. Essa ação, vista da atualidade, pode ser considerada como o apontamento de um acontecimento passado cuja história se perpetuou devido às escrituras trocadas entre Jorge Amado e José Saramago. Sem a publicização das missivas trocadas entre os escritores, talvez não saberíamos que a indicação de Saramago para a Academia foi feita por Jorge Amado; não saberíamos, também, que o português considerava o seu possível aceite como resultado unicamente das ações de Amado – “a ti e só a ti se deverá”.

Perante o que foi posto sobre esse diálogo em específico, podemos julgá-lo como a materialização não somente de uma memória, mas sim de um lugar de memória: para além do que está registrado nos anais da história da Academia Universal de Culturas (a indicação de Amado, o aceite de Saramago), sabemos, a partir do livro, os sentimentos de Saramago (sua gratidão à Amado) e os sentimentos de “*la dame de l’académie*” (que deixa claro, de acordo com o português, que esperava que se realizasse “o desejo do senhor Amado”), primordiais para que um lugar de história possa ser considerado, enfim, um lugar de memória.

Trazendo a análise da carta de 10 de agosto de 1993 e da notícia (carta do leitor publicada) anexa para se pensar nas heterotopias evocadas pela carta de Saramago que reproduz a carta do leitor, partimos, primeiramente, da questão espacial.

²⁰ Informações retiradas do site da Fundação Casa de Jorge Amado, disponível no endereço eletrônico: <https://www.jorgeamado.org.br/livros/capitales-da-areia/>. Acesso em 20 set. 2022.

Na carta em questão, percebemos algumas abstrações espaciais: logo no primeiro parágrafo escreve José: “depois de aqui chegar o teu fax, que recebemos como um abraço...”. Nessa frase, temos a ideia de um deslocamento metafísico: o fax enviado por Jorge chega à Lanzarote como um abraço do remetente aos destinatários. Como sabemos, não há um contato físico nesse momento, ou seja, mesmo que o fax seja somente a representação de um abraço dado por Jorge Amado, sua presença é tida como real no espaço criado por ambos na escritura das correspondências, mesmo os escritores estando em diferentes alocações: Jorge Amado possivelmente na Bahia e José Saramago em Lanzarote.

Além disso, conseguimos identificar na mesma carta diferentes territórios: Lanzarote, nas Ilhas Canárias, de onde escrevia Saramago; a Espanha, de onde partiu a notícia que foi enviada a Jorge Amado; Paris, na França, sede da Academia Universal de Culturas. Se considerarmos também o conteúdo da notícia anexa, temos: Brasília, onde se encontra o Congresso Nacional dos Deputados; Salvador, capital do estado da Bahia (grafada erroneamente como *El Salvador*); a cidade do Rio de Janeiro, palco do crime hediondo; e Honduras, país da América Central onde foi realizado o Conselho Latino-Americano de Igrejas, evento citado na carta enviada pelo leitor ao jornal *El País*. Levando em conta somente esses, temos sete localizações diferentes justapostas no espaço heterotópico da carta. Se nos interessarmos também por *Capitães da areia*, mencionado no artigo enviado ao *El País*, temos ainda outros: também segundo o site da Fundação Casa de Jorge Amado – FCJA, o romance começou a ser escrito na cidade de Estância, interior de Sergipe, e teve sua redação finalizada a bordo do navio *Rakuyo Maru*, em viagem ao México, sendo lançado em setembro de 1937 no Rio de Janeiro.

Constatamos, também, diferentes tempos contidos no excerto do dia 10 de agosto de 1993: quando fala do fax de Jorge Amado recebido anteriormente à data; da notícia de *El País* que foi veiculada no dia 9; do cartão da Academia Cultural recebido em um momento não determinado; do aceite de José na instituição previsto para o mês de dezembro seguinte. Na notícia anexa, fala-se da chacina acontecida no mês anterior; do romance de Amado publicado, na época, há mais de 50 anos, em 1937; do informe publicado pelo Congresso dos Deputados em abril de 1992, que por sua vez trazia dados do período entre 1989 e 1991 e, por fim, de maio de 1993, quando aconteceu o Conselho Latino-Americano de Igrejas. Segundo Foucault (2012),

as heterotopias estão associadas, muito frequentemente, a recortes do tempo; isto é, elas se abrem para o que se poderia chamar, por pura simetria, de heterocronias. A heterotopia se põe a funcionar plenamente quando os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com o seu tempo tradicional. (Foucault, 2012, p.118)

Sendo assim, partindo desta pluralidade de locais e tempos acionados pela carta de Saramago à Amado e pela carta do leitor ao jornal, entendemos tanto a carta do dia 10 de agosto de 1993 – escrita por Saramago e enviada a Jorge Amado– quanto a carta do leitor publicada anexa à correspondência (*Niños de la calle – cartas al director*), como exemplos de um acúmulo de tempos e espaços. Em outras palavras, entendemos os dois textos – um deles publicado no espaço público de um jornal e reproduzido no espaço privado da correspondência entre os dois autores e o segundo, inscrito inicialmente (antes da publicação do livro) neste espaço privado como heterotopias: uma experiência temporal, por acionar múltiplas temporalidades, e espacial, por acionar múltiplos espaços.

7.1.3 Análise da correspondência e terceira notícia

A segunda notícia encontrada durante a pesquisa foi citada na carta enviada por Jorge Amado a Saramago no dia 28 de novembro de 1993, reproduzida abaixo:

Paris, 28 de novembro de 1993

Queridos Pilar e José, com muitas saudades, aí vão materiais da Academia Universal das Culturas e o pequeno registro do prêmio da União Latina, em *Le Monde*.

Depois de amanhã, terça (30), sairemos para Portugal e, de lá, na madrugada de 7 de dezembro, iremos para a Bahia no voo direto da TAP, Lisboa-Salvador.

Beijos e saudades de Zélia, o abraço afetuoso do velho

Jorge (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.30)

A nota enviada por Amado foi publicada no jornal francês no dia 26 de novembro de 1993. Encontramos seu registro no arquivo online do jornal, com o título *Prêmios Literários* (Anexo 3). Conforme a transcrição:

O prêmio Roger-Caillois foi concedido ao escritor colombiano Álvaro Mutis. O prêmio Chateaubriand foi atribuído a Jean-Marie Rouart por Gosto do Infortúnio (Gallimard). Além disso, os dois prêmios Chateaubriand-La Vallée-aux-Loups foram atribuídos, respectivamente, a Nicolas Baverez pela sua biografia de Raymon Aron publicada pela Flammarion (Grande Prêmio de História) e a Henri Suhamy pela sua obra Sir Walter Scott, publicada pela De Fallois (Prêmio de Romantismo). O Prêmio Alemão Nelly-Sachs foi atribuído a Juan Goytisolo por todo o seu trabalho, saudando o seu desejo de diálogo entre culturas e a sua luta pela liberdade e tolerância. Por último, o júri do prêmio internacional da União Latina premiou o escritor espanhol Gonzalo Torrente Ballester pela “extraordinária importância” da sua obra e pela “singularidade do seu universo literário”²¹(Le Monde, 1993, Arquivos s.d.) (Tradução nossa)

²¹ Original em francês: *Le prix Roger-Caillois a été décerné à l'écrivain d'origine colombienne Alvaro Mutis. Le prix Chateaubriand a été attribué à Jean-Marie Rouart par le Goût du malheur (Gallimard). D'autre part, les deux prix Chateaubriand-La Vallée-aux-Loups ont été remis, respectivement, à Nicolas Baverez pour sa biographie de Raymon Aron parue chez Flammarion (Grand Prix d'histoire) et à Henri Suhamy pour son ouvrage Sir Walter Scott, publié par De Fallois (Prix du romantisme). Le prix allemand Nelly-Sachs a été décerné à Juan Goytisolo pour l'ensemble de son oeuvre, saluant ainsi sa volonté de dialogue entre les cultures et sa lutte en faveur de la liberté et de la tolérance. Enfin, le jury du prix international de la Union Latine a récompensé l'écrivain espagnol Gonzalo Torrente Ballester pour “l'importance extraordinaire” de son oeuvre et la “singularité de son univers littéraire” (Le Monde, 1993, Archives n.d.)*

Diferentemente da primeira notícia encontrada, esta não faz menção a nenhum dos escritores, nem Amado nem Saramago. Menciona, contudo, o Prêmio da União Latina, o qual os dois escritores foram jurados em anos anteriores e onde a amizade de ambos se estabeleceu. A nota é uma relação dos nomes dos escritores laureados em diversos prêmios literários e cita, enfim, o vencedor do prêmio internacional da União Latina daquele ano: o espanhol Gonzalo Torrente, pela “importância extraordinária” de sua obra e a “singularidade de seu universo literário”. Não é possível sabermos as opiniões de Amado e Saramago acerca da premiação do ano de 1996, uma vez que nenhum dos dois ofereceu uma resposta ao outro por escrito – o que nos remete aos estudos sobre memória, quando trazem à tona questões como a importância de registros, por escrito, de um acontecimento ou situação, para se ter conhecimento do fato num futuro.

Partindo desse ponto, porém, é possível entendermos esse diálogo como um possível lugar de memória: na carta, Jorge Amado se refere ao “pequeno registro do Prêmio da União Latina, em *Le Monde*” e, na notícia, observamos o registro histórico da premiação – que chega a ultrapassar o assunto principal dos escritores, já que menciona outros prêmios para além daquele da União Latina. Sabemos que os prêmios literários eram assuntos recorrentes nas conversas entre Amado e Saramago, e por isso o envio de uma notícia acerca da premiação – que mais uma vez não tinha escritores lusófonos entre os vencedores – traz consigo um entendimento para além dos nomes listados na notícia: os lusófonos lutavam pela valorização da língua portuguesa enquanto literatura e conversar sobre as premiações nos mostra que nesse período a pauta ainda era relevante para ambos.

A carta do dia 28 de novembro nos fornece ainda material para uma análise heterotópica do texto. Escrita de Paris, a carta fala mais uma vez da Academia Universal das Culturas, cuja sede é também na capital francesa e do itinerário de Jorge Amado e Zélia Gattai: o casal encontrava-se na França, mas viajaria posteriormente à Portugal e seguiria de lá para a Bahia. Além do espaço, há referências acerca do tempo: “depois de amanhã, terça (30)” e “na madrugada de 7 de dezembro”. A partir da notícia do jornal *Le Monde* conseguimos identificar outros lugares a partir da origem dos premiados: Alvaro Mutis (Colômbia); Jean-Marie Rouart, Nicolas Beverez e Henri Suhamy (França); e Juan Goytisolo e Gonzalo Torrente Ballester (Espanha). Os escritores, seus espaços de origem e o ir e vir do casal baiano, terminando no “voo direto da TAP, Lisboa-Salvador” nos mostra a sobreposição heterotópica de pessoas, tempos e espaços.

A primeira frase da carta, contudo, é o relevo que melhor caracteriza as heterotopias nesta paisagem textual em específico. Observamos o trecho da carta Amado e conseguimos

inferir, a partir do que foi escrito, um sentido para além do que está literalmente grafado. Quando Amado diz: “com muitas saudades, aí vão materiais da Academia Universal das Culturas e o pequeno registro do prêmio da União Latina”, conseguimos estabelecer uma relação entre os escritores e ativar referências outras, como por exemplo, o fato de os escritores terem se conhecido em uma cerimônia do Prêmio da União Latina de Literaturas Românicas, em 1990; a situação em que se encontravam, naquele momento, da indicação de Saramago à Academia Universal das Culturas por parte de Jorge Amado e, em primeiro plano, a conjuntura da situação: por estarem há muito sem se encontrarem, Jorge enviou junto aos materiais, de maneira abstrata, as saudades que sentia do amigo.

O cenário proposto pelos dispositivos de memória, os diversos espaços e as paisagens textuais desse fragmento perfazem a formação de uma heterotopia literária, promovem o registro histórico a um lugar de memória – que possibilita lembranças outras – e explicitam a experiência dos lusófonos na situação, através da descrição do contexto em que estavam inseridos e da relação de amizade estabelecida entre ambos, perceptível através do tratamento dado um ao outro na correspondência privada.

7.1.4 Análise da correspondência e quarta notícia

Passando para a terceira notícia mencionada no livro e encontrada na pesquisa, lemos na carta de fevereiro de 1994:

[Bahia,] [2 de fevereiro de 1994]

Queridos amigos, saudades, muitas! O nosso fax da Bahia incendiou (isto mesmo: pegou fogo e botou fumação) no domingo, somente hoje reassume o posto (como conseguimos viver tanto tempo sem fax?).

Foi um belo espetáculo: o fax parecia um vulcão, fez-nos falta. Vale dizer que, além do fax, os peritos eletricitas de uma tevê conseguiram colocar fora de uso os três aparelhos de tevê, a secretária eletrônica, um computador e os jogos (vários) eletrônicos do neto Jorginho, uma catástrofe.

Aí vai a página de *O Globo* de domingo. Obrigada, José, pela referência generosa.

Desejo saber se José comparecerá, como me informaram, a um encontro de escritores ibero-americanos, a 3 e 4 de maio, em Lisboa.

Obrigada pela informação.

Para o casal lindo, beijos e abraços de Zélia (dela é a expressão “casal lindo”, assim se refere a Pilar e José), Paloma, João Jorge e do velho

Jorge (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.34)

A página de *O Globo* mencionada na carta é uma entrevista dada por Saramago ao repórter Luciano Triga (Anexo 4), cujo título é *José Saramago fora da ordem*²², (Figura 8).

Transcrevemos aqui o trecho onde o português cita o escritor baiano:

²²Para maior fluidez do texto, no caso das notícias e matérias longas decidimos transcrevê-las no corpo do trabalho somente os trechos onde o nome dos dois autores é citado. As transcrições completas dos textos estão nos anexos desta dissertação.

O GLOBO – Nos últimos anos o senhor visitou o Brasil com frequência. Que autores brasileiros aprecia? Considera que está havendo uma renovação na literatura brasileira?

SARAMAGO – Não sei o bastante para dizer se há ou não uma renovação na literatura brasileira. Por exemplo, o meu conhecimento das gerações mais novas é insuficiente. Quanto aos outros, os mais velhos, a lista seria longa. Ponho à cabeça aquele a quem chamamos “Amado Jorge” e confio na perspicácia de quem me lê para imaginar que outros nomes mencionaria. (Triga, O Globo, 1994, Livros, p.5)

Figura 8: Entrevista “José Saramago fora da ordem” em O Globo



Fonte: Acervo O Globo, 1994.

No plano memorialístico do entrecruzamento entre a carta de Jorge Amado do dia 2 de fevereiro e a entrevista de Saramago publicada no dia 30 de janeiro de 1994, ressaltamos o encontro de escritores ibero-americanos que aconteceria em maio de 1994 e a afirmação de que Jorge Amado encabeçaria a lista de “novos” escritores brasileiros dada por José Saramago. Tanto o acontecimento citado na carta quanto a fala do português podem ser considerados registros históricos, considerando que naquele contexto ambos já eram escritores reconhecidos internacionalmente da língua de Camões.

Em relação às heterotopias, encontramos diversas tessituras que compõem a passagem analisada. Na carta, primeiramente, temos, como marcas de temporalidade: a) o incêndio do fax acontecido no domingo anterior, dia 30, mesma data em que a entrevista de Saramago foi publicada; e b) a pergunta acerca do encontro que aconteceria dali a três meses. Observamos também a presença abstrata dos eletricitistas responsáveis pelo conserto do aparelho e do neto Jorginho (donos dos jogos eletrônicos), assim como a de José Saramago e Pilar del Río, os destinatários, e o próprio Jorge Amado, sua esposa Zélia Gattai e os filhos Paloma e João Jorge, os remetentes. Além disso, como marcas dos diferentes espaços, encontramos a Bahia, local de origem da carta, e Lisboa, sede do encontro de escritores daquele ano. Na entrevista, distinguimos o fato de o entrevistador afirmar que Saramago teria vindo ao Brasil repetidas vezes, ou seja, as viagens frequentes do português ao país sul-americano.

Como paisagens textuais diversas tecidas nesta carta, consideramos principalmente os textos escritos entre parênteses, que dão à narrativa uma pessoalidade maior. Amado tece comentários pessoais para além do acontecimento: “pegou fogo o botou fumação” nos remete à cena da casa esfumaçada e do susto daqueles que assistiram; “como conseguimos viver tanto tempo sem fax?” é uma pergunta retórica que realça o diálogo; “vários” nos mostra que a quantidade dos jogos do neto era algo impressionante para Jorge Amado. A afirmação final, já fora dos parênteses, resume bem toda a situação que conseguimos imaginar a partir do que é descrito por Amado: “uma catástrofe”. São partes do texto cujo relevo é maior que o restante: materialidades que saltam aos nossos olhos, por se tratarem de expressões que demonstram a informalidade com a qual os dois escritores se tratavam. Tal linguajar nos permite vislumbrar um sentido maior: amigos há tanto tempo, Amado e Saramago já dispensavam certas formalidades.

A amizade dos escritores e a mútua afetação entre eles é percebida nas entrelinhas da carta: os vocativos “queridos amigos”, “casal lindo” e a exposição dos sentimentos “saudades, muitas!” nos permitem observar como se dava a relação deles e suas respectivas famílias no espaço privado que compartilhavam; se observamos as declarações de um sobre o outro nas matérias midiáticas ou entrevistas, por exemplo, vemos tratamentos interpessoais muito mais formais. Tais sinais, juntamente com as informações sobre o universo literário brasileiro dadas na entrevista nos sugerem o contexto em que acontecia o correio transatlântico, ou seja, como era a experiência de Jorge e José naquela conjuntura.

7.1.5 Análise da correspondência e quinta notícia

A próxima trama textual a ser analisada se encontra na carta do dia 18 de abril de 1994, quando Amado envia, juntamente com a correspondência, uma matéria à Saramago publicada no dia anterior, 17 de abril, também no jornal *O Globo* (Anexo 5). Reproduzimos a seguir a íntegra da carta publicada:

Salvador, 18 de abril de 1994

Queridos Pilar e José, junto vai matéria publicada em *O Globo*, de ontem.

A presença de José na vida brasileira – e não só na vida cultural – cresce a cada dia. Desde os tempos de Ferreira de Castro, que possui grande público brasileiro, nenhum escritor português teve no Brasil tantos leitores e admiradores entusiastas. Acima do prestígio que Ferreira de Castro alcançou em seu tempo e que José alcança nos tempos de hoje, apenas permanece, eterno, o grande Eça de Queiroz.

Não sei se José é devoto do autor de *Os Maias*, eu o sou, devotíssimo.

Dia 1º de maio, Zélia e eu tomaremos o avião de Recife para Lisboa.

A 2 e 4, participaremos de um Congresso de Escritores Ibero-Americanos; e a 5, pela manhã, tomaremos o avião para Madri onde falarei, à tarde, na Real Academia Espanhola. Esperamos estar em vossa casa de Paris no dia 8 de maio.

Abrços, beijos e saudades de Zélia e do velho amigo. Cada vez mais, Jorge Amado
P.S.: Esqueci de agradecer a citação, agradeço em *post-scriptum*, sabe melhor.
(Amado; Capinan; Viel, 2017, p.43)

A resposta de José Saramago veio dois dias depois e menciona também uma notícia publicada em no jornal espanhol *El País*, que não foi encontrada durante a pesquisa:

Lanzarote, 20 de abril de 1994

Queridos Zélia e Jorge, acabo de chegar de um rápido “tour” de conferências por Madrid, Valência e Palma de Maiorca e encontro o vosso fax, de que já me havia falado Pilar, desta vez a guardar a casa. Tomamos nota de que contam estar em Paris naquele dia 8 de maio que combinámos. Por nossa parte, chegaremos a 2 e partiremos a 9 para Praga.

Seria uma pena se nos desencontrássemos.

Junto vai uma nota auspiciosa de *El País*. Vamos a ver se a Academia Sueca se decide desta vez.

Sobre o Eça, onde está o bárbaro capaz de não reconhecer a grandeza desse senhor, até agora não igualada?

Todos os carinhos do mundo dos vossos Pilar e José.

José Saramago (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.44)

A matéria de *O Globo* enviada por Jorge Amado se encontra no Segundo Caderno, na seção Diário, e apresentava o título *O ajuste de contas de Saramago* (Figura 9).

palavras do próprio escritor, aquilo que foi discutido no primeiro capítulo desta dissertação: a importância de “liberar” a memória através da escrita para que ela permaneça durando através dos tempos. O português, ao retomar a escrita de seu diário, nos mostra como o registro é importante para que os fatos, sentimentos e ações acontecidos no passado permaneçam no presente e ganhem um novo significado a partir daí. Alguns trechos dos *Cadernos de Lanzarote* fazem parte do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, inclusive o fragmento em que comenta da carta em que Jorge Amado manifesta sua insatisfação com os problemas brasileiros.

Este, por sua vez, é também um registro histórico-memorialístico de uma determinada época: em 1994, o Brasil passava por grande instabilidade econômica. De acordo com o site do Banco Central do Brasil, naquele ano começava o processo de estabilização econômica no país, que pôs em circulação o Real, moeda usada a partir de junho de 1994. Antes disso, a inflação chegou a 916%²³. Ante o exposto, temos a carta de Jorge Amado, registrada não somente em *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* como também nos *Cadernos de Lanzarote* e na matéria publicada pelo jornal *O Globo*, como um registro histórico da economia brasileira naquele período.

Considerando as duas cartas relacionadas a esta matéria e a este contexto econômico brasileiro, analisamos primeiramente a carta de Jorge Amado. Nela, encontramos mais uma vez uma menção ao Encontro de Escritores Ibero-Americanos daquele ano e o diálogo acerca de outros escritores portugueses cuja fama alcançou o continente sul-americano: “acima do prestígio que Ferreira de Castro alcançou em seu tempo e que José alcança nos tempos de hoje, apenas permanece, eterno, o grande Eça de Queiroz”. Tais registros comunicacionais são registros históricos da vida cultural dentro do universo literário em língua portuguesa não só daquela época quanto de épocas anteriores: em 1994, ano em que a correspondência analisada estava acontecendo, Eça de Queiroz já tinha morrido há mais de 90 anos²⁴ e Ferreira de Castro há quase 20 anos²⁵, enquanto José Saramago publicava continuamente no Brasil e no mundo.

As abstrações temporais e espaciais desses excertos, no caso, são muitas. Começando pelos pontos discutidos no parágrafo anterior, temos a presença de quatro dos maiores escritores em língua portuguesa: o próprio Jorge Amado e os lusitanos José Saramago,

²³ Informação do site oficial do Banco Central do Brasil, disponível no link: bcbr.gov.br/controlainflacao/planoreal.

²⁴ Informação retirada do site da editora Porto, disponível em: portoeditora.pt/autor/eca-de-queiroz/3880247.

²⁵ Informação retirada do site da Penguin Livros, disponível em: penguinlivros.pt/autores/ferreira-de-castro.

Ferreira de Castro e Eça de Queiroz. Jorge Amado e José Saramago, apesar de contemporâneos, têm diferentes idades e origens, enquanto Eça de Queiroz morreu no final do século XIX, antes mesmo de Ferreira de Castro nascer. Todavia, os quatro encontram-se no mesmo espaço e tempo: a carta do dia 18 de abril de 1994. Junto a eles estão Zélia Gattai e Pilar del Río.

Em relação à temporalidade e ao deslocamento, percebemos alguns relevos: o trajeto de Jorge Amado e Zélia Gattai, que contempla Salvador – Recife – Lisboa – Madri – Paris. É interessante observar a diferença na grafia do nome da capital espanhola. Jorge Amado, brasileiro, escreve “Madri”, enquanto Saramago, português, em sua carta-resposta (a ser analisada em breve) escreve “Madrid”. São pequenas marcas das materialidades que compõem a paisagem textual e nos propõem um sentido: apesar de compartilharem um mesmo idioma, os escritores possuem entre si diferenças relativas às suas origens latino-americanas e europeias.

Chegando na carta do dia 20 de abril de 1994, escrita por Saramago, encontramos novamente a “presença” de Eça de Queiroz (“sobre o Eça, onde está o bárbaro capaz de não reconhecer a grandeza desse senhor, até agora não igualada?”) e Pilar del Río (“Pilar, desta vez a guardar a casa”) e o roteiro de viagens do casal europeu. Saramago acabava de voltar de Madrid, Valência e Palma de Maiorca e, com Pilar, em breve passaria por Paris e Praga. Saramago fala também da Academia Sueca. O português expressa o temor de um desencontro, já que o ir e vir dos escritores e suas esposas é constante e de ritmo irregular. Essas corporeidades e incorporeidades presentes nesses excertos propõem paisagens e abstrações de múltiplas naturezas, fabulando assim um cenário heterotópico. Saramago cita ainda uma nota saída no jornal *El País* sobre o Nobel de Literatura, porém tal nota não foi encontrada durante a pesquisa nos acervos dos jornais.

Conseguimos observar o desenvolvimento da experiência de Jorge Amado e José Saramago no diálogo que travavam a partir do compartilhamento de informações de seus foros íntimos, como o desejo do encontro e, as conversas sobre o universo literário que compartilhavam (pauta recorrente entre Amado e Saramago) a amizade entre os dois e as considerações que faziam acerca de suas vidas profissionais e pessoais (quando expõem a admiração por Eça de Queiroz, por exemplo). Prosseguiremos com a análise da carta/notícia seguinte.

7.1.6 Análise da correspondência e sexta notícia

Passemos ao cruzamento da carta do dia 22 de abril de 1994 e a respectiva notícia relacionada. No período entre os dias 20 e 22 de abril de 1994, Jorge e José trocaram cartas

onde o assunto principal era o Prêmio Nobel de Literatura daquele ano. Na carta do dia 20 daquele mês, José enviou à Jorge uma notícia espanhola sobre o tema, que não foi encontrada durante a pesquisa nos acervos dos jornais. Na resposta de Jorge, no dia 22 de abril, este diz:

Salvador, 22 de abril de 1994

Queridos Pilar e José, nosso encontro do dia 8 de maio está de pé, ansiamos vê-los, matar as saudades. Em verdade chegaremos a Paris no dia 7, no final da tarde. Já poderemos atender o telefone a partir das 20h30 do dia 7. Se puderem, nos chamem. Obrigado pela nota de *El País*: já tive essa ilusão, quando jovem escritor. Já não a tenho, ainda bem.

Todo o carinho de Zélia e do amigo Jorge Amado.

Beijos de Zélia (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.44).

No mesmo dia, contudo, saiu uma matéria no jornal brasileiro *O Globo* (Anexo 6) que falava sobre a possibilidade de a premiação contemplar, enfim, Jorge Amado. Escrita pelo jornalista Eros Ramos de Almeida, foi intitulada *Nossos candidatos ao Nobel na berlinda* (Figura 10).

Figura 10: Matéria "Nossos candidatos ao Nobel na berlinda" em O Globo

Nossos candidatos ao Nobel na berlinda

Jorge Amado e João Cabral são tema de debates

EROS RAMOS DE ALMEIDA

Luzes e letras sobre os dois mais prováveis candidatos brasileiros ao Prêmio Nobel de Literatura. A partir de hoje o "Projeto IBM - Encontro Marcado com a Arte" realizará quatro mesas-redondas sobre a vida e a obra dos imortais Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto. Os debates marcam o início do 12º ano do projeto, que ao longo de 1994 percorrerá 20 universidades nacionais promovendo palestras com alguns dos principais escritores brasileiros.

Josué Montello, profundo conhecedor da obra e amigo do escritor baiano, adianta que vai dar destaque ao lado lírico da literatura do autor.

— A despeito da importância do engajamento político do trabalho de Jorge Amado, vou enfatizar o cenário, o político de sua obra — assina Montello.

Segundo a coordenadora do Projeto "IBM - Encontro Marcado com a Arte", Elisabeth Caligaris, o evento visitará universidades nos quatro cantos do país, de Natal a Mossoró, de São Luís a Botucatu.

— Além dos escritores, levamos conosco um acervo com cerca de 16 videodocumentários que registram a vida e a obra dos mais importantes literatos do país — explica.

Na próxima sexta-feira, no mesmo horário e local, João Cabral é o tema do encontro. Proença Filho será novamente o mediador dos debates entre Ivo Barbieri, ex-reitor da UERJ, Zélio Vianna, diretor do filme "Morte e vida severina", e Luiz Costa Lima, professor de literatura da UERJ.

Nesta segunda-feira, a mesa-redonda sobre Jorge Amado rumará para o Memorial da América Latina, em São Paulo. Duas de maio é a vez de João Cabral de Melo Neto ser debatido pelos paulistas.

O Amado lírico ganha destaque

João Cabral: poesia em questão

Fonte: Acervo *O Globo*, 1994.

A notícia trata não somente de Jorge Amado como também do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto:

Nossos candidatos ao Nobel na berlinda
 Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto são tema de debates
 Eros Ramos de Almeida

Luzes e letras sobre os dois mais prováveis candidatos brasileiros ao Prêmio Nobel de Literatura. A partir de hoje o "Projeto IBM - Encontro Marcado com a Arte" realizará quatro mesas-redondas sobre a vida e a obra dos imortais Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto. Os debates marcam o início do 12º ano do projeto, que ao longo de 1994 percorrerá 20 universidades nacionais promovendo palestras com alguns dos principais escritores brasileiros.

A mesa-redonda que abre a série acontecerá hoje, a partir das 18h30m, no CCBB, e gira em torno de Jorge Amado. Participarão do encontro o presidente da Academia Brasileira de Letras, Josué Montello, o professor de literatura brasileira da UFRJ Maurício Gomes de Almeida, e o ator Mauro Mendonça, que atuou em "Seara vermelha" e "Dona Flor e seus dois maridos", filmes baseados na obra de Jorge. O mediador será o professor de literatura da UFF Domício Proença Filho.

Josué Montello, profundo conhecedor da obra e amigo do escritor baiano, adianta que vai dar destaque ao lado lírico da literatura do autor

— A despeito da importância do engajamento político do trabalho de Jorge Amado, vou enfatizar o onírico, o poético de sua obra — anuncia Montello.

Segundo a coordenadora do Projeto “IBM – Encontro Marcado com a Arte”, Elizabeth Caligaris, o evento visitará universidades nos quatro cantos do país, de Itajaí a Mossoró, de São Luiz a Botucatu.

— Além dos escritores, levamos conosco um acervo com cerca de 50 videodocumentários que registram a vida e a obra dos mais importantes literatos do país — explica.

Na próxima sexta-feira, no mesmo horário e local, João Cabral de Melo Neto é o tema do encontro. Proença Filho será novamente o mediador dos debates entre Ivo Barbieri, ex-reitor da UERJ, Zelito Viana, diretor do filme “Morte e vida severina”, e Luiza Costa Lima, professor de literatura da UERJ.

Nesta segunda-feira, a mesa-redonda sobre Jorge Amado rumará para o Memorial da América Latina, em São Paulo. Dia 2 de maio é a vez de João Cabral de Melo Neto ser debatido pelos paulistas. (Almeida, 1994, O Globo, Segundo Caderno, p.3)

Na carta de Jorge Amado, identificamos algumas abstrações temporais e espaciais.

Começando pelas abstrações temporais, o escritor baiano dá informações sobre a viagem que aconteceria dali a um tempo: no mês seguinte, chegariam ao destino no dia 7, mas poderiam atender o telefone somente a partir da 20h30. No dia seguinte, 8, encontrar-se-iam com o amigo português. Os comentários acerca do tempo continuam quando Jorge Amado fala que já teve a ilusão do Nobel num tempo anterior, quando ainda era jovem. Naquela época, já octogenário, não nutria mais nenhuma esperança. Em relação às abstrações espaciais, temos uma carta escrita de Salvador, no Brasil, com destino à Lanzarote, na Espanha, que falava sobre um encontro em Paris, na França. Percebemos aqui uma série de diferentes localizações em um mesmo espaço - a carta enviada.

Sobre a notícia, apesar do título aludir ao Prêmio Nobel de Literatura, o corpo do texto não chega a ter muitas informações sobre a premiação. No primeiro parágrafo, é dada a informação de que os dois escritores serão, provavelmente, os dois representantes brasileiros ao prêmio, mas, a partir de então, o jornalista discorre somente sobre uma série de eventos em homenagem aos dois expoentes da literatura nordestina.

Podemos considerá-la como parte do contexto histórico da época pois é o registro de um assunto recorrente naquele ano: Amado e Saramago ansiavam por um prêmio para a língua portuguesa já há algum tempo e, em 1994, o tema era comum não só entre os dois como também na mídia. Inclusive, posteriormente, em carta de setembro de 1994, como já mencionamos anteriormente, Jorge Amado escreveu a José Saramago sobre as especulações acerca do prêmio, citando João Cabral de Melo Neto: “se o prêmio este ano for dado à língua portuguesa, o romancista José Saramago tem 45% de possibilidade; o poeta brasileiro João Cabral tem 40%; Torga, 14%; e Jorge, 1%” (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.56).

Dentre os relevos da paisagem textual percebidos, um deles se destaca, logo na primeira frase: “luzes e letras sobre os dois mais prováveis candidatos brasileiros ao Prêmio Nobel de Literatura”. A frase nos indica que Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto, os dois candidatos brasileiros, encontram-se naquele momento sob os holofotes da imprensa, principalmente a brasileira. As letras, no caso, se referem ao tipo de evento que está acontecendo e àqueles que junto aos escritores percorrerão o Brasil: profissionais relacionados à literatura e ao teatro. A materialidade das palavras escolhidas nos remete à intelectualidade e à cultura, ambas em destaque naquele momento: a reportagem marca o início do Projeto IBM – Encontro Marcado com a Arte, que iria rodar o país e que entendemos, diante dos conteúdos dos demais textos das cartas e notícias mencionadas no livro, como um movimento em prol dos dois escritores brasileiros cotados ao prêmio Nobel de Literatura do ano de 1994.

Assim como nas demais notícias e conversas dos literatos, o ir e vir deles pelo mundo é um ponto relevante e, dessa vez, Jorge Amado (e também João Cabral de Melo Neto) continuam a transitar pelos espaços, agora dentro do Brasil. Conforme a matéria, os dois passariam por 20 universidades brasileiras, “nos quatro cantos do país, de Itajaí a Mossoró, de São Luiz a Botucatu” e seriam acompanhados por uma série de intelectuais, acadêmicos e artistas brasileiros. O fato de o Prêmio Nobel estar no centro das discussões de Amado, Saramago e da mídia brasileira e estrangeira nos leva a pensar que esse universo era, naquele tempo, um espaço onde trafegavam todos aqueles que se interessavam pela área.

Enxergamos a formação de heterotopias a partir das localizações e tempos sobrepostos tanto na carta enviada por Jorge Amado quanto na notícia publicada no jornal *O Globo*. Ambas nos permitem enxergar o contexto em que Amado estava inserido: sob os holofotes da imprensa brasileira enquanto indicado ao Prêmio Nobel; rodando o país em eventos literários, juntamente com João Cabral de Melo Neto, outro indicado; as conversas constantes com Saramago, também outro indicado, sobre o prêmio para a língua de Camões. A amizade entre ambos se mostra sempre dentro do âmbito privado das cartas: suas opiniões são dadas abertamente um ou outro.

7.1.7 Análise da correspondência e sétima notícia

Em junho de 1994, dessa vez Zélia Gattai escreve à Pilar e à José Saramago:

[Paris,] 17 de junho [de 1994]
De Zélia e Jorge Amado
Para Pilar e José Saramago
Queridos amigos,
transmitimos, junto a este, página de *O Globo*,

do Rio, onde o nome de José é citado.

Andamos aqui chateados, pois Jorge não está podendo trabalhar com problemas na retina. Anda às voltas, com oftalmologistas e uma bateria de exames. Vamos ver que bicho dá.

Beijos de Zélia e abraços afetuosos,

Zélia, Jorge

P.S.: Não conseguimos passar pelo fax o recorte de *O Globo*, de 8 de junho, embolou tudo. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.49)

O recorte de *O Globo* que não foi enviado à José Saramago e Pilar del Río devido a problemas no aparelho de fax é uma matéria acerca de uma coletânea de entrevistas intitulada *23 dos maiores escritores do mundo* publicadas na seção “Livros” do jornal e então reunidas no livro *O GLOBO: Grandes Entrevistas – Os escritores* (Anexo 7), organizado pelo coordenador da seção Luciano Trigo. O título da matéria é *Todas as palavras do mundo* e é assinada por Luiz André Alzer. A matéria cita a entrevista dada ao jornal por Saramago no dia 17 de abril e já trazida aqui (*O ajuste de contas de Saramago*) e um trecho da entrevista dada ao mesmo jornal por Jorge Amado, em uma data não determinada. Para nossa análise, utilizaremos esses dois trechos.

Na carta de Zélia Gattai, temos o comentário da escritora acerca da presença do nome de José Saramago. mais uma vez, em um jornal brasileiro. Mesmo tendo vindo de uma citação feita por Amado, demonstra o quanto a entrevista ainda reverberava na mídia, sendo a última a ser publicada no jornal e no livro que estava em processo de lançamento. Zélia Gattai ainda manda notícias sobre a saúde dos olhos de Jorge Amado. Levando em consideração outras informações dadas em *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* em momentos posteriores, tais problemas na retina sofreram uma piora. Sobre as abstrações espaciais, observamos que carta de Zélia Gattai foi escrita em Paris, onde ela e Jorge Amado mantinham residência, e cita também o Rio de Janeiro, local onde o jornal *O Globo* foi publicado. Sobre as abstrações espaciais, o fato de a carta ter sido escrita no dia 17 de junho e a matéria enviada junto à ela quase 10 dias antes, no dia 8 de junho.

Não identificamos nesse trecho nenhum fragmento que possa ser considerado um registro histórico relevante, mas o entendemos como o relato de um momento notadamente significativo na vida do baiano: a impossibilidade de trabalhar e a tristeza advinda desse fato.

Dentre as paisagens textuais percebidas, destacamos a expressão “vamos ver que bicho dá”, comum às terras brasileiras, e “embolou tudo”, que remete à tentativa frustrada de envio da notícia via fax. Ambas as expressões dão ênfase ao modo de falar do português brasileiro, que em muitos momentos se difere do português de Portugal. É interessante percebermos que esta carta em específico foi escrita por Zélia Gattai e não por Jorge Amado e,

mesmo assim, o tom informal permanece. Esses pontos nos demonstram a proximidade dos remetentes e seus destinatários, mesmo estando eles em diferentes países.

Essa proximidade se faz perceptível também na matéria intitulada *Todas as palavras do mundo*, (Figura 11).

Figura 11: Matéria "Todas as palavras do mundo" em O Globo



Fonte: Acervo O Globo, 1994.

Começando pelo primeiro trecho selecionado, aquele onde o nome de José Saramago é citado, temos:

Foi assim que William Styron revelou que os remédios que tomou contra a depressão quase o levaram ao suicídio e que Jorge Amado confessa sua “tendência a vagabundar”. A entrevista do baiano, aliás, foi a única de um brasileiro incluída na coletânea.

— Sou um admirador das entrevistas publicadas no GLOBO. A entrevista com Saramago, inclusive, eu fiz questão de mandar para ele. Fico honrado por fazer parte da coletânea, mas sem desmerecer a literatura estrangeira, seria importante terem escolhido entrevistas com outros brasileiros — observa. (Alzer, 1994, O Globo, Segundo Caderno, p.1)

O fragmento traz informações sobre as entrevistas de outros dois escritores, William Styron²⁶ e Jorge Amado, e uma fala do último em relação à entrevista de José

²⁶ Escritor norte-americano.

Saramago. Amado conta ao jornalista sua opinião sobre a coletânea e especificamente sobre entrevista do português, demonstrando proximidade de ambos ao revelar que enviou o recorte ao amigo. Ainda na matéria, o jornal traz recortes de entrevistas anteriores, inclusive a do próprio Jorge Amado:

JORGE AMADO (sobre a crítica) – “Eu nunca tive unanimidade da crítica. ‘O país do carnaval’ foi meu único livro unanimemente elogiado. E eu era um menino, tinha 18 anos. Desde então, tenho levado pau. A crítica sempre foi polêmica em torno do meu trabalho.” (Alzer, 1994, O Globo, Segundo Caderno, p.1)

Enquanto entrevistado, Amado fala de sua experiência como escritor no Brasil e da posição da crítica perante sua obra. Este fragmento pode ser pensado através do prisma da memória: Jorge Amado relembra que sua única obra aceita de maneira unânime pela crítica foi *O país do carnaval*, livro publicado em 1931 – tendo em conta que a entrevista foi feita entre os anos de 1990 e 1993²⁷. O livro foi lançado há quase 60 anos e, depois dele, dezenas de outros romances do autor já tinham sido publicados. Podemos considerar a fala de Amado ao jornal *O Globo* como um registro memorialístico de como o escritor enxergava a crítica literária daquela época e vice-versa.

Na tessitura da correspondência dos escritores e a matéria *Todas as palavras do mundo*, observamos a presença de Amado e Saramago tanto no correio transatlântico quanto na página do jornal e, ainda, no livro que foi lançado pelo *O Globo*. Além disso, diversos lapsos temporais – as entrevistas de Jorge Amado e de José Saramago, a fala de Amado sobre a crítica às suas obras. A presença do norte-americano William Styron é também um ponto relevante enquanto abstração espacial. Sendo assim, podemos considerar esses pontos como componentes de uma heterotopia literária formada tanto no diálogo dos escritores quanto na entrevista publicada por *O Globo*.

Mais uma vez, a amizade e as experiências de Amado e Saramago podem ser observadas através da escrita da carta de Zélia Gattai, que desvela a esfera íntima ao contar sobre a saúde de Jorge Amado e pela informalidade da carta, quanto dos depoimentos de Amado na matéria: este fala do recebimento de sua obra por parte da crítica desde 1931, ano do lançamento de seu primeiro livro, e da proximidade que tinha com Saramago, a ponto de enviar a este a entrevista publicada em um jornal de circulação brasileira.

²⁷ Informação da matéria *Todas as palavras do mundo*, cuja transcrição está disponível na íntegra nos anexos desta dissertação.

7.1.8 Análise da correspondência e oitava notícia

Já a próxima carta a ser analisada foi enviada por Jorge Amado no dia 23 de setembro de 1994 e chegou ao destinatário acompanhada de outra notícia sobre José Saramago.

Escreveu Jorge Amado:

Salvador, 23 de setembro de 1994

Queridos Pilar e José, provavelmente vocês já devem estar em Lisboa, mas José está sempre no Brasil. Ainda ontem, nós lemos seu artigo sobre Lisboa, na *Folha de São Paulo*.

Aproveito para também [dar] a minha “declaração de voto” para as eleições de 3 de outubro.

Beijos de Zélia para Pilar e você, e um abraço afetuoso do Jorge Amado. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.52)

A resposta de José veio no dia 25:

Lanzarote, 25 de setembro de 1994

Queridos Zélia e Jorge,

Só na terça-feira que vou para Lisboa, não mais que o tempo da reunião do Parlamento de Escritores.

Ali, com todo o gosto, e honra também, te representarei, no caso de serem votadas conclusões. Depois, volto a casa para sair outra vez daí a dois dias. A Santiago do Chile, à homenagem a José Donoso, embora igualmente possa suceder que não chegue a partir. Imagina que me mandaram um bilhete que tem, como aeroporto de saída, Palma de Maiorca... Se não o corrigirem a tempo, não haverá viagem. Vamos a ver no que dará isto.

Agradeço-te a confiança de nos terem comunicado a tua declaração do voto na próxima eleição presidencial. Conheço mal as circunstâncias, mas compreendo que tenhas decidido por Fernando Henrique Cardoso. Ainda que não possa deixar de pensar que os males do Brasil não se curam com um presidente da República, por muito democrata e honesto que seja. E tu bem sabes, melhor que eu, que a democracia política pode ser facilmente um continente sem conteúdo, uma aparência com pouquíssima substância dentro. Quanto à honestidade, Fernando Henrique Cardoso tem uma tarefa gigantesca à sua frente: fazer com que os maus políticos não só passem a parecer honestos como o sejam realmente. Que mais posso dizer? Felicidades, Brasil! Não me ocorre outra coisa, mas creio que aí está tudo.

Quanto ao Nobel, como dizia o outro, que seja o que Deus quiser. Talvez o Colchie (foi ele o da notícia, não foi?) tenha razão: já há anos que o Lobo Antunes andava por aí a dizer (em entrevistas, em colóquios, em toda parte) que o seu objetivo era o Nobel. Continuaremos, os outros, a viver tranquilamente. Mas não há dúvida de que esse prêmio é uma invenção diabólica...

Vai dando notícias dos teus olhos.

Para ambos, todos os carinhos de Pilar.

O abraço muito afetuoso do

José Saramago

P.S.: Por graça, junto uma notícia do *ABC de Madrid*... (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.52-53)

As cartas de Amado e Saramago nos permitem diversas interpretações e análises, a começar pelo contexto histórico. As eleições de 1994 foram as primeiras após o *impeachment* de Fernando Collor de Mello, primeiro presidente eleito após a redemocratização do país. Sendo assim, a escolha de Amado por Fernando Henrique Cardoso – confirmada na carta-resposta de Saramago – pode ser considerada um registro histórico tendo em vista não somente este

contexto político como também a posição política do baiano, que foi eleito ao cargo de deputado federal por São Paulo em 1945, pelo Partido Comunista Brasileiro²⁸.

Pensando a partir de uma perspectiva heterotópica, observamos nas cartas de ambos os escritores menções a viagens à diversos destinos, trajetos dos dois e suas esposas pelo mundo – Saramago está em Lanzarote, vai para Lisboa, retorna à ilha e posteriormente segue rumo ao Chile – e, principalmente, a dupla presença de José Saramago em Portugal e no Brasil: “você já devem estar em Lisboa, mas José está sempre no Brasil”. A correspondência fala também sobre o Brasil, cujas eleições se aproximam, e mais uma vez sobre o Prêmio Nobel de Literatura. Nesse momento, Saramago retoma um assunto tratado anteriormente: a possibilidade de outro português recebê-lo. São citados os nomes de Pilar del Río, Zélia Gattai, João Donoso²⁹, Fernando Henrique Cardoso, Colchie³⁰ e Lobo Antunes³¹, além dos jornais *Folha de São Paulo* e *ABC de Madrid*, bem como Salvador, origem da correspondência, e Lanzarote, seu destino.

Pensando nesses pontos, enxergamos um movimento heterotópico já na “presença” de José Saramago em dois países simultaneamente. Essa possibilidade de existência de um outro mundo possível, onde Saramago estaria em Portugal e no Brasil ao mesmo tempo, é atributo das heterotopias pensadas por Foucault, bem como os atravessamentos dos indivíduos em diferentes tempos e espaços – presentes tanto na matéria quanto nas cartas trocadas.

Considerando então à notícia enviada por Jorge Amado junto à carta, esta era, na verdade, um pequeno ensaio de José Saramago para a *Folha de São Paulo*, cujo título é *Transformação de Lisboa daria um filme* (Anexo 8), transcrita abaixo:

Transformação de Lisboa daria um filme
José Saramago, do *El País*

Houve uma época em que Lisboa ainda não havia recebido esse nome. Já a chamavam de Olisipo quando os romanos chegaram. Olisabona quando a tomaram os mouros, que em seguida diziam Aschbouna, quem sabe por não saberem pronunciar a bárbara palavra. Quando, em 1147, após um sofrido cerco de três meses, os mouros foram vencidos, o nome da cidade certamente não mudou na hora seguinte: se dom Afonso Henriques enviou uma carta à família naquela altura, deve haver escrito no alto dela "Aschbouna", 25 de outubro, ou quem sabe "Olisibona", mas nunca "Lisboa". Quando foi, então, que Lisboa começou a ser Lisboa de fato e de direito? Os historiadores com certeza o sabem, mas não é uma informação que conste nas enciclopédias ao alcance dos comuns. Sem dúvida alguns anos tiveram que se passar antes que pudesse nascer o nome novo, como também foram necessários alguns anos para que os bisonhos conquistadores galegos comessem a se tornar portugueses. Dir-se-ia que pouco interessam essas miudezas históricas. Estou de acordo, mas interessaria muito – a mim, pelo menos – não apenas saber, mas também ver, no sentido mais exato da

²⁸ Informação retirada do site da Câmara dos Deputados, disponível em: camara.leg.br/deputados/3056/biografia.

²⁹ Escritor chileno.

³⁰ Thomas Colchie, agente literário.

³¹ Escritor português.

palavra, como Lisboa vem mudando daqueles tempos remotos até hoje. Se o cinema tivesse existido na época, se as mil e uma transformações de Lisboa ao longo dos séculos tivessem sido registradas por esse meio poderíamos agora, em duas horas, assistir a essa Lisboa de oito séculos crescer e mover-se como um ser vivo. Igual a essas flores que a televisão nos mostra abrindo-se em poucos segundos. Creio que amaria essa Lisboa acima de todas as coisas. Sendo óbvio que habitamos fisicamente um espaço, sentimentalmente somos habitados por uma memória. Memória esta que vai crescendo constantemente e também reduzindo-se, no interior da qual vivemos, como numa ilha flutuando entre dois mares: um ao qual chamamos passado, outro que chamamos de futuro. Esse filme único comprimiria o tempo e expandiria o espaço. Representaria a memória perfeita. O lugar estava ali, a pessoa apareceu e depois partiu, o lugar continuou, o lugar havia feito a pessoa, a pessoa transformou o lugar. Quando um dia tive que recriar o espaço e o tempo de Lisboa onde iria fazer o personagem Ricardo Reis viver seu último ano, eu sabia de antemão, ao voltar 50 anos atrás no tempo, que em quase nada poderiam coincidir duas percepções de lugar e de tempo necessariamente diferentes. A do adolescente tímido que fui, encerrado em uma condição social inferior, e a de um poeta lúcido e genial que frequentava, como por direito próprio, as regiões mais elevadas do espírito. (Saramago, 1994, Folha de São Paulo, Turismo, n.p)

A matéria escrita por Saramago nos permite discutir muitos dos conceitos trazidos nesta dissertação. Ao tratar do assunto, afirma que a transformação da cidade daria um filme, fala sobre a história de Lisboa, das transformações que a cidade sofreu ao longo dos séculos e de como um registro seria importante para que se soubéssemos como aconteceram os fatos, ou seja, um registro histórico e memorialístico. Complexifica a tessitura da paisagem textual ao acionar tempos diversos da cronologia da cidade, formas de habitar uma cidade e a relação estreita do espaço urbano com a memória.

Para pensarmos a matéria *Transformação de Lisboa daria um filme* sob o prisma da heterotopia, destacamos alguns relevos perceptíveis na paisagem do texto: a cronologia de invasões do território – primeiro pelos romanos, seguidos pelos mouros e enfim pelo galegos, que se tornariam os portugueses de hoje em dia; a mudança dos nomes da cidade – Olisipo, Olisabona, Aschnouna e finalmente Lisboa; a presença relevante de dom Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal; o personagem Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, recriado no romance de Saramago intitulado *O ano da morte de Ricardo Reis* e, finalmente, sua fala sobre si mesmo, “o adolescente tímido” do passado contraposto ao “poeta lúcido e genial”, Fernando Pessoa, que frequentava outros territórios da cidade e do espírito.

Prosseguimos essa análise a partir de um trecho específico do texto que alude a seu título (“daria um filme”) tendo, paralelamente, as reflexões de Talitha Ferraz sobre o elo entre cinema e heterotopia. De acordo com a pesquisadora, o cinema é uma “espécie de portador de ‘outros mundos possíveis’, no sentido de uma heterotopia. [...] ao entrarmos em um cinema, tomamos contato com outras ordens de espaço e tempo” (Ferraz, 2020, p.137).

Quando o português expõe sua vontade de assistir à transformação de Lisboa em um filme, diz o seguinte:

mas interessaria muito – a mim, pelo menos – não apenas saber, mas também ver, no sentido mais exato da palavra, como Lisboa vem mudando daqueles tempos remotos até hoje. Se o cinema tivesse existido na época, se as mil e uma transformações de Lisboa ao longo dos séculos tivessem sido registradas por esse meio poderíamos agora, em duas horas, assistir a essa Lisboa de oito séculos crescer e mover-se como um ser vivo (Saramago, 1994, Folha de São Paulo, Turismo, n.p).

Ferraz (2020) trata em seus estudos o cinema como um “equipamento coletivo de lazer e promotor de encontros e agenciamentos entre diversos elementos humanos e não-humanos” (Ferraz, 2010, p.145) e, por isso, ao vincularmos a vontade de Saramago àquilo que é defendido por Ferraz (2010), enxergamos aí o desejo do português em assistir à formação da cidade de Lisboa num formato onde há abstração completa do tempo e do espaço. Saramago explicita sua vontade numa frase que podemos considerar como uma síntese da relação entre memória e heterotopia:

sendo óbvio que habitamos fisicamente um espaço, sentimentalmente somos habitados por uma memória. Memória esta que vai crescendo constantemente e também reduzindo-se, no interior da qual vivemos, como numa ilha flutuando entre dois mares: um ao qual chamamos passado, outro que chamamos futuro. Esse filme único comprimiria o tempo e expandiria o espaço. Representaria a memória perfeita. O lugar estava ali, a pessoa apareceu e depois partiu, o lugar continuou, o lugar havia feito a pessoa, a pessoa transformou o lugar (Saramago, 1994, Folha de São Paulo, Turismo, n.p).

Em outras palavras, a curta matéria escrita por Saramago possui uma série de tônicas que nos permitem analisá-la como um espaço heterotópico que explica a si mesma, além de nos dar margem, dessa vez juntamente com as cartas escritas por si mesmo e por Jorge Amado, para interpretações memorialísticas e acerca da paisagem textual.

O contexto da correspondência, cruzado com a matéria *A transformação de Lisboa daria um filme*, referente à experiência dos escritores, se mostra de diferentes maneiras: na amizade cúmplice entre os dois, quando Jorge Amado diz ao amigo o candidato que escolheu votar nas eleições presidenciais; o aceite de José Saramago em representar Amado, “com todo o gosto, e honra também”, no Parlamento dos Escritores; e a conversa íntima dos dois sobre o Prêmio Nobel de Literatura – nesse ponto, é possível inclusive recuperarmos a amizade tal como considerada na Antiguidade, uma relação privada; e por fim nas reflexões, principalmente por parte de José sobre os problemas políticos do Brasil. Na matéria escrita por Saramago, sobre a forma como Lisboa se desenvolveu, a experiência pode ser observada pela descrição do contexto do estabelecimento da capital portuguesa tal qual ela é hoje.

7.1.9 Análise da correspondência e nona notícia

Com a aproximação da data de anúncio dos vencedores do Nobel, que geralmente acontece em outubro, o assunto voltou a aparecer nas escritas dos lusófonos. Em 12 de outubro de 1994, dia do anúncio oficial do prêmio, Saramago anotou em seu diário:

12 de outubro – José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*
 Diz-se em Lisboa que o Nobel está no papo de Lobo Antunes. Pelos vistos, o jornalista brasileiro, conhecido de Jorge Amado, sabia do que falava.
 Também me dizem que Lobo Antunes já se encontra na Suécia. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.59)

No mesmo dia, o jornal espanhol *El País* publicou a seguinte nota (Anexo 9):

A língua portuguesa, favorita ao Prémio Nobel da Literatura
 Ricardo Moreno
 Estocolmo – 12 de outubro de 1994 – 20:00 BRT

Um dos segredos mais bem guardados da Suécia, o nome do escritor que ganhou o Prémio Nobel de Literatura deste ano, será revelado hoje ao meio-dia pelo secretário permanente da Academia Sueca. Nas horas anteriores, a especulação não incluía praticamente nenhum escritor ou escritora que falasse inglês.

É importante lembrar que os escritores de língua portuguesa nunca receberam o Prémio Nobel, e o nome do brasileiro Jorge Amado surge como um concorrente com possibilidades. Outros autores bem colocados nesta língua são Antonio Lobo Antunes e José Saramago.

Entre os demais europeus, os nomes preferidos são o belga Hugo Claus, o alemão Peter Handke e os franceses Julien Gracq e Nathalie Sarraute.

Fora da Europa, e menos conhecido no mundo ocidental, é mencionado o nome do japonês Kenzaburo Oe. Também não faltam suecos, e o poeta desta nacionalidade, Tomas Tranströmer, está entre eles. O Prémio Nobel de 1994 recebe sete milhões de coroas (cerca de 120 milhões de pesetas).

*Outros autores que entram no grupo do Nobel são o irlandês Seamus Heaney, o albanês Ismail Kadaré, o holandês Cees Nooteboom e o chinês Bej Dao, sem esquecer os forasteiros Günter Grass e Milan Kundera³². (Moreno, 1994, *El País, Cultura, n.p*) (Tradução nossa)*

³² Original em espanhol: *La lengua portuguesa, favorita al Nobel de Literatura*
 Ricardo Moreno

Estocolmo – 12 OCT 1994 – 20:00 BRT

Uno de los secretos mejor guardados de Suecia, el nombre del escritor o escritora que ha merecido el Premio Nobel de Literatura correspondiente a este año, será desvelado al mediodía de hoy por el secretario permanente de la Academia Sueca. En las horas previas, las especulaciones no incluyen prácticamente escritores de habla inglesa ni mujeres.

Se recuerda que escritores de lengua portuguesa nunca han recibido el Nobel, y el nombre del brasileño Jorge Amado surge como un competidor con posibilidades. Otros autores en este idioma bien colocados son Antonio Lobo Antúnez y José Saramago.

Entre los otros europeos, los nombres favoritos son el del belga Hugo Claus, el alemán Peter Handke y los franceses Julien Gracq y Nathalie Sarraute.

Fuera de Europa, y menos conocido en el mundo occidental, se menciona el nombre del japonés Kenzaburo Oe. No faltan tampoco los suecos, y el poeta de esta nacionalidad Tomas Tranströmer figura entre ellos. El premio Nobel de 1994 está dotado con siete millones de coronas (unos 120 millones de pesetas).

Conseguimos identificar, através do diário de Saramago e da matéria de *El País* o quanto as especulações ao redor da premiação reverberavam no meio cultural e como um prêmio para a literatura escrita em português era especulado com frequência pela mídia e pelo público, mesmo o nome do premiado sendo um dos segredos “mais bem guardados da Suécia”. O nome de Lobo Antunes é citado tanto na anotação de Saramago como na notícia, que reforça a informação de que nenhum lusófono havia sido laureado até então e traz Lobo Antunes, Jorge Amado e José Saramago como fortes candidatos. Menciona outros possíveis candidatos das nacionalidades belga, alemã, francesa, sueca, irlandesa, albanesa, holandesa, tcheca, japonesa e chinesa. Era este o contexto da época em que Amado e Saramago se encontravam inseridos. A vida de ambos era diretamente afetada por essas especulações, transformando assim a experiência de cada um.

Um relevo interessante observado na paisagem da notícia, lida mais de dez anos depois de sua publicação, é o valor do prêmio: em 1994, o valor era o equivalente a 120 milhões de pesetas, moeda espanhola utilizada antes da chegada do Euro, a moeda atualmente corrente em 20 países da União Europeia e que entrou em vigor a partir de 1º de janeiro de 1999³³. A mudança da moeda compõe a experiência dos escritores candidatos e vencedores do prêmio: assim como a moeda, a organização política e econômica da Europa se modificou ao longo dos anos. O contexto em que essas mudanças aconteceram é um ponto relevante de considerarmos que a vida dos escritores, nesse tempo, se alterava também.

Outro ponto é a característica dada a Milan Kundera e Günter Grass, *outsiders*; o termo significa, em tradução nossa, “forasteiros”, e tem um significado compreendido como aquelas pessoas que tangenciam os sistemas vigentes ou não se incluem no enquadramento de certos grupos. Entendemos, nesse caso, que ela quer dizer que tanto Kundera quanto Grass eram escritores cujas obras se diferenciavam daquelas normalmente premiadas no Nobel. Além disso, reparamos na única menção à uma mulher entre os preferidos: a francesa Nathalie Sarraute.

Considerando estes apontamentos, assimilamos a historicidade presente nos excertos trazidos acima, bem como o aspecto heterotópico gerado pelo entrecruzamento entre eles. A anotação particular de Saramago e a notícia têm origem no dia da divulgação do resultado do Prêmio Nobel de Literatura de 1994 – porém ainda antes do resultado oficial – e

Otros autores que entran en la quiniela de los Nobel son el irlandés Seamus Heaney, el albanés Ismaíl Kadaré, el holandés Cees Nooteboom y el chino Bei Dao, sin olvidar a los outsiders Günter Grass y Milan Kundera. (Moreno, 1994, *El País*, Cultura, n.p)

³³ Informação retirada do site oficial da União Europeia, disponível em: https://european-union.europa.eu/institutions-law-budget/euro/history-and-purpose_pt.

confirma que desde aquela época o prêmio a um escritor em língua portuguesa era esperado. Alude à predominância da Europa em relação aos indicados, bem como a quase inexistência do sexo feminino neste mesmo âmbito.

A multiplicidade de escritores mencionados na notícia é interessante para apreendermos o alcance do prêmio mundialmente: os possíveis vencedores são oriundos de diversos continentes – mas encontravam-se todos numa mesma carta e no universo incorpóreo do Prêmio Nobel de Literatura, que foi anunciado ao meio-dia daquele 12 de outubro de 1994: o vencedor foi o japonês Kenzaburo Oe, “menos conhecido no mundo ocidental”.

7.1.10 Análise da correspondência e décima notícia

No dia seguinte, após a divulgação do resultado, Jorge Amado e José Saramago já comentavam sobre o acontecido. Primeiramente escreveu Jorge Amado:

Salvador, 13 de outubro de 1994
 Queridos Pilar e José,
 ainda não será dessa vez que iremos, os quatro, a Estocolmo festejar o Nobel do José: um japonês nos atropelou. Mesmo assim, podemos fazer uma boa festa – em lugar do gelo de Estocolmo, o sol da Bahia.
 Pensamos estar aqui até os fins de fevereiro, por que vocês não vêm festejar conosco? Passei três dias fazendo exames na vista no Centro Brasileiro de Cirurgia de Olhos, um extraordinário instituto na cidade de Goiânia, em Goiás, hoje de renome mundial. Fui fazer o controle da aplicação do laser, tudo bem, o trabalho do professor Coscas foi admirável, salvou-me uma parte da visão central do olho direito. Aproveitei para estudar com os médicos do Centro os recursos que me possibilitarão ler e escrever. Deram-me óculos com os quais consigo ler sem maior esforço.
 Começarei, na próxima semana, a trabalhar com um computador adaptado às minhas necessidades.
 Todos aqui de casa, a começar por Zélia, juntam-se a mim num abraço afetuoso e saudoso para vocês dois, com muito carinho.
 Vosso, devoto, Jorge Amado.
 P.S.: Para dizer toda a verdade, devo convir que os 950 mil dólares do Nobel cairiam muito bem no bolso de um romancista português ou brasileiro, pobre de marré, marré. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.64)

José Saramago respondeu no dia 14 de outubro:

Lanzarote, 14 de outubro de 1994
 Zélia, Jorge, queridos amigos,
 pois foi, o sol nasceu para o japonês. Quando vosso fax chegou, a cinco minutos, estava Pilar dizendo-me o que já vinha dizendo desde ontem: “Vamos escrever a Zélia e Jorge”, e, precisamente quando eu ligava o computador, eis que a máquina começa a produzir vossa carta. Viva o japonês feliz, que nós quatro fazemos o possível. Não sei o que se passa aí, mas em Portugal dizem-me que por lá está toda a gente indignada. Sinceramente, acho que não vale a pena. O dinheiro é dos suecos, eles decidem o uso que querem dar-lhe. E nós não podemos viver como se a salvação das nossas duas pátrias dependesse de termos ou não Prémio Nobel. Mas como cairia bem esse dinheiro!... Queres saber, querido Jorge, o que penso? Que o Nobel deveria ser-nos atribuído em conjunto, a ti e a mim, pois claro, metade para cada um. Não haveria solução melhor.
 Ficamos muito contentes com as boas notícias dos olhos do Jorge. Depois do susto, só aliviados por esperanças que nunca se perderam, agora há consoladoras certezas.

E se o trabalho já é outra vez possível, então tudo corre bem. Ir à Bahia? Quem sabe? Tal como as coisas estão neste momento, seria complicado, mas nunca se sabe. Pilar abraça-vos com todo o carinho e eu não lhe fico atrás, comovidamente vosso, José Saramago.

P.S.: Enquanto eu esperava que o telefone ficasse livre, Pilar falava com o presidente da fundação César Manrique. E agora diz-me que se Jorge quiser, na visita próxima à Europa, fazer uma conferência na dita Fundação, será estupendo. Caso queira, o convite seguirá em poucos dias (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.65)

Encontramos em nossas pesquisas uma matéria publicada no jornal *O Globo* no dia 14 de outubro (Anexo 10), logo depois do resultado ser anunciado. Escrita pela jornalista correspondente Sandra Cohen, é intitulada *Portugal se preparou em vão para vencer* (Figura 12)

Figura 12: Matéria "Portugal se preparou em vão para vencer" em O Globo

Realismo grotesco marca a obra do Prêmio Nobel Kenzaburo Oe

Literatura do exorcismo

LUCIANO TRIGO

Kenzaburo Oe, autor de "O grito silencioso", é o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura deste ano. Oe, que surgiu e se afirmou no pós-guerra, ao lado de Yukio Mishima e Shusako Endo, é o principal escritor japonês vivo e o segundo a ganhar o Nobel (o primeiro foi Yasunari Kawabata, em 1968). Marcada por reflexões filosóficas, por um rico simbolismo e pela ruptura formal com o naturalismo japonês da primeira metade do século, sua obra realiza uma deliberada conciliação de influências do Oriente e do Ocidente. Oe, de 59 anos, vai ganhar 7 milhões de coroas, cerca de US\$ 860 mil. Em sua justificativa de praxe, a Academia Sueca sublinhou o mundo imaginário criado por Oe, no qual "a vida e o mito se condensam para formar uma pintura desconcertante da dignidade humana".

Kenzaburo Oe nasceu em 1935 em Oe, na ilha de Shikoku, filho de uma próspera família de proprietários rurais que perdeu tudo na Segunda Guerra. A princípio fascinado pela tradição milenar de seu país, Oe travou contato com o existencialismo sartreano e se tornou, em meados dos anos 50, um dos jovens mentores da chamada Nova Esquerda japonesa. Em 1964 foi estudar Literatura Francesa em Tóquio e antes mesmo de se formar fez sua estréia aos 28 anos, com "Memushiri Kouchi" e "Shilku" ("A captura"), sobre uma criança japonesa raptada por um piloto americano durante a guerra, romance que ganhou em 1968 o Prêmio Akutagawa, o mais importante de seu país.

Refratário ao lirismo que caracterizava a literatura japonesa do pré-guerra, Oe desenvolveu um estilo áspero e impessoal, bem apropriado para a temática da maioria de seus livros: um coquetel de violência, conflitos familiares, suicídios, neuroses e alcoolismo. É o caso de "O grito silencioso", de 1967, seu único li-

vro publicado no Brasil (pela Francisco Alves). Oe conta a história de dois irmãos que, desiludidos com o progresso dos grandes centros, voltam à aldeia onde nasceram com o aparente propósito de reconstruir suas vidas. O romance é cheio de ingredientes desagradáveis, um dos irmãos tem um filho mongolóide, e ocorrem estupros e outras barbaridades que levaram o próprio autor a identificar em sua obra um "realismo grotesco", próximo ao de Rabelais.

Crianças anormais aparecem em outros livros de Oe, que nos anos 60 teve um filho com lesão cerebral. Como lembra a Academia Sueca, a literatura para Oe

é uma forma de exorcizar seus demônios pessoais. Mas é também uma forma de exorcizar o passado japonês, principalmente a humilhação da derrota na Segunda Guerra, bem como a renúncia do imperador japonês a sua natureza divina.

A capitulação japonesa se deu quando Oe tinha 10 anos, e ele ficou profundamente marcado pela experiência. "Notas sobre Hiroshima", de 1972, é o relato da visita do escritor à cidade destruída pela bomba atômica. A partir dos anos 70, Oe se engajou crescentemente no combate à violência, às armas nucleares e à defesa do Terceiro Mundo, no qual ele inclui o Japão.

AP



Kenzaburo Oe realiza em sua obra uma conciliação deliberada de influências do Ocidente e do Oriente

Portugal se preparou em vão para vencer

SANDRA COHEN
Correspondente

LISBOA — No dia em que os portugueses quase ganharam o Nobel de Literatura, a euforia acabou em fado. Bastou a agência de notícias alemã DPA soltar um informe apontando o escritor português Antonio Lobo Antunes como o grande favorito ao prêmio para que a expectativa se alastrasse sem controle até dar lugar à decepção. As 15h de ontem, ouvidos colados nos rádios, os portugueses receberam a curta e seca notícia: o Nobel foi para um japonês e não para Lobo Antunes, José Saramago ou Miguel Torga — os três nomes citados nos últimos dias pelos noticiários como potenciais vencedores.

Lobo Antunes, que passou a véspera pendurado ao telefone, jurou ao GLOBO que ninguém o encontraria caso ganhasse, mas a precavida editora Dom Quixote já agendava uma coletiva para ontem à tarde, se as previsões se confirmassem. E a diretora de sua editora na Suécia dizia à rádio TSF que o champagne já estava na geladeira.

Como é que pode? Eu só comencerei quando a coisa é certa — disse o escritor ao GLOBO quarta-feira à noite.

Surpreso? Que nada: há dois anos, observou Lobo Antunes, seu nome é cotado para o Nobel, que ele diz merecer.

— Mas geralmente o Nobel é dado a velhos. Ainda sou um bebê — brincou o escritor, de 52 anos, também psiquiatra e autor de dez livros.

Gravemente doent? Torga não foi impo? sua casa em Lanzar nárias, onde se radi anos, gato escaldado conditudo ao Nobel, Saramago se recusou a entrar no debate.

— É perda de tempo — alegou, em entrevista ontem de manhã à TSF, antes de a Academia Sueca anunciar o sonho do Nobel de Literatura para Portugal.

Fonte: Acervo *O Globo*, 1994.

LISBOA – No dia em que os portugueses quase ganharam o Nobel de Literatura, a euforia acabou em fado. Bastou a agência de notícias alemã DPA soltar um informe apontando o escritor Antonio Lobo Antunes como grande favorito ao prêmio para que a expectativa se alastrasse sem controle até dar lugar à decepção. Às 13h de ontem, ouvidos colados nos rádios, os portugueses receberam a curta e seca notícia: o Nobel

foi para um japonês e não para Lobo Antunes, José Saramago ou Miguel Torga – os três nomes citados nos últimos dias pelos noticiários como potenciais vencedores.

Lobo Antunes, que passou a véspera pendurado ao telefone, jurou ao GLOBO que ninguém o encontraria caso ganhasse, mas a precavida editora Dom Quixote já agendava uma coletiva para ontem à tarde, se as previsões se confirmassem. E a diretora de sua editora na Suécia dizia à rádio TSF que o champanhe já estava na geladeira.

— Como é que pode? Eu só comemoro quando a coisa é certa — disse o escritor ao GLOBO quarta-feira à noite.

Surpreso? Que nada: há dois anos, observou Lobo Antunes, seu nome é cotado para o Nobel, que ele diz merecer.

— Mas geralmente o Nobel é dado a velhos. Ainda sou um bebê. — brincou o escritor, de 52 anos, também psiquiatra e autor de dez livros.

Gravemente doente, Miguel Torga não foi importunado. De sua casa em Lanzarote, nas Canárias, onde se radicou há dois anos, gato escaldado e eterno candidato ao Nobel, Saramago se recusou a entrar no debate.

— É perda de tempo — alegou, em entrevista ontem de manhã à TSF, antes de a Academia Sueca detonar o sonho do Nobel de Literatura para Portugal. (Cohen, 1994, O Globo, Segundo Caderno, p.2)

As cartas de outubro de 1994 têm suas paisagens textuais repletas de relevos que nos levam a compreender o sentido formado pelas palavras, expressões e textualidades postas no trecho.

Começando pela carta de Jorge Amado, lemos a seguinte frase: “ainda não será dessa vez que iremos, os quatro, a Estocolmo festejar o Nobel do José: um japonês nos atropelou. Mesmo assim, podemos fazer uma boa festa – em lugar do gelo de Estocolmo, o sol da Bahia”. Alguns pontos se destacam em relação ao todo: a Academia Sueca passou por cima das esperanças alimentadas no íntimo de Amado e Saramago e a língua portuguesa teve seu reconhecimento adiado mais uma vez: a frase dita por Jorge nos permite vislumbrar a frustração do baiano diante do resultado. A sentença seguinte demonstra que, mesmo diante da frustração, há ainda um caminho mais otimista a seguir: ao invés do da gélida Estocolmo, uma festa no calor da Bahia. Jorge Amado sugere que ele e José Saramago troquem o lugar da comemoração, uma vez que aquela sueca não contemplará nenhum dos dois. Amado termina a carta em um *post-scriptum*, onde diz que “os 950 mil dólares do Nobel cairiam muito bem no bolso de um romancista português ou brasileiro, pobre de marré, marré”, fazendo referência aos versos de uma cantiga de roda muito comum no Brasil, trecho relevante na paisagem textual.

A resposta enviada por José Saramago é formada, também, por abundantes materialidades da paisagem textual. O português também viu suas expectativas caindo por terra, mas de seu lado expôs reações mais pessimistas: “pois foi, o sol nasceu para o japonês”. A fala de Saramago permite que aludamos à “terra do sol nascente”, alcunha do Japão no ocidente, e nos dá dicas de sua reação diante do malogro da língua portuguesa; neste dia, houve sol para

Kazamuro, não para Saramago. Confirmamos nossas suposições sobre os sentimentos de Saramago quando diz “viva o japonês feliz, que nós quatro fazemos o possível”. Assim como Amado, Saramago se mostra desapontado com o resultado. Intuímos esses sentidos a partir da forma como a carta foi escrita, de determinados pontos que se mostraram salientes em relação aos demais. José Saramago conta à Jorge Amado que em Portugal as pessoas estão indignadas, mas que para ele tal reação não vale a pena. A resignação de Saramago é percebida a partir do momento em que conseguimos articular os relevos percebidos em sua escrita: eles nos direcionam a esse entendimento. A tessitura formada por essas paisagens aguça os sentidos de quem lê e propõe relações entre as paisagens textuais.

Percebemos então que essa porção do território da paisagem textual, articulada com o restante da paisagem textual das correspondências, constitui um sentido muito maior do que aquele proposto nesta carta em específico, pois encontramos, paralelamente a ela, a notícia publicada no jornal *O Globo*. De autoria da correspondente Sandra Cohen, a notícia relata como foi aquele 12 de outubro de 1994 em Portugal. Percebemos, logo de início, o tom leve e bem-humorado (ou irônico) que se acentuaria no restante do texto, o relato da situação em curso (que não era uma das mais felizes em Portugal).

Cohen começa a matéria com a seguinte frase: “no dia em que os portugueses quase ganharam o Nobel de Literatura, a euforia acabou em fado”. O fado, música típica portuguesa, é o primeiro dos relevos percebidos na matéria. O gênero musical evoca temas de emergência urbana, narrativas do cotidiano e está associado, majoritariamente, aos contextos sociais³⁴. As composições, em geral, apresentam a predominância de tons menores, evocando assim a melancolia ou tristeza, também presentes nas letras. Assim, diante do desencanto lusitano com a perda do prêmio para um japonês, através da expressão escolhida, Cohen nos conta qual foi a reação dos compatriotas de José Saramago. O depoimento da jornalista vai em direção daquele dado por José, quando este diz que “por lá toda a gente está indignada”. As paisagens textuais convergem a um mesmo ponto.

A correspondente dá seguimento à matéria trazendo informações sobre os três candidatos portugueses ao prêmio, começando por Lobo Antunes, que também era pauta recorrente nas conversas entre Saramago e Jorge Amado. No tom de descontração da matéria, afirma que Lobo Antunes “passou a véspera pendurado ao telefone” e que o autor, que acreditava ser merecedor do prêmio, afirmou que “geralmente o Nobel é dado a velhos. Ainda sou um bebê”. Quando fala de Saramago, a jornalista utiliza o dito “gato escaldado” e “eterno

³⁴ Informação do site do Museu do Fado, disponível em: <https://www.museudofado.pt/historia-do-fado>.

candidato ao Nobel” e afirma que o português de Azinhaga se recusou a entrar no debate, que considerava “perda de tempo”. A utilização de expressões corriqueiras da linguagem informal são pontos salientes nos textos e tais relevos também nos levam a uma mesma direção: havia expectativa por parte de Lobo Antunes e Jorge Amado e que, de forma mais descontraída que Saramago, também se resignaram diante do resultado.

A justaposição de espaços e pessoas – ou a heterotopia fabulada – é também percebida na carta e na notícia a ela vinculada. Começando pela que foi escrita por Jorge Amado, diretamente de Salvador, temos a Estocolmo, a Bahia e a cidade de Goiânia, em Goiás, no centro-oeste brasileiro. O baiano fala do japonês vencedor do prêmio e do médico que o acompanhou durante o tratamento oftalmológico. Menciona Zélia, sua esposa, e Pilar. O mesmo se dá na resposta de José Saramago, vinda de Lanzarote, que menciona também as respectivas esposas e Kenzamura, o japonês. Fala sobre as instituições Academia Sueca e Fundação César Manrique, a primeira localizada na Suécia e a segunda na ilha de Lanzarote (Espanha), além de mencionar Portugal, terra do povo que, naquele momento, estaria indignado.

A historicidade da conversa, em nossa visão, se faz relevante por ser uma grande premiação, esperada ansiosamente no meio literário todos os anos. O resultado foi marcante para o mundo literário no geral, bem como para os escritores protagonistas deste trabalho, que mais uma vez viram suas expectativas frustradas. Este contexto, é fundamental para nosso entendimento a respeito da experiência de Amado e Saramago. A premiação afetava ativamente os dois, cuja amizade mostrava-se ainda mais notável neste momento. Podemos observar a liberdade em que tratavam do assunto, chegando ao ponto de sequer citar o nome do premiado daquele ano: a frustração se torna quase tangível. A sugestão dada por Saramago, de dividir o prêmio entre os dois casos este viesse às mãos de algum deles, dá margem para que enxerguemos aí o forte vínculo de amizade entre os dois.

7.1.11 Análise da correspondência e décima primeira notícia

Dentre as notícias citadas no correio de Jorge Amado e José Saramago, a décima primeira encontrada na pesquisa nos acervos de jornais se refere ao recebimento do Prêmio Camões pelo primeiro. O baiano recebeu o prêmio referente ao ano de 1994, mas a cerimônia se deu em 1995. Em notícia no jornal *El País*³⁵ :

Prêmio Camões é atribuído a Jorge Amado
EFE

³⁵ A transcrição completa da notícia está disponível no Anexo 11 desta dissertação.

28 DE MARÇO DE 1995 - 19:00 BRT

Escritores de Portugal e dos países de língua portuguesa de África juntaram-se ontem em calorosos aplausos na entrega do VII Prémio Luís de Camões, o mais importante galardão da língua portuguesa, ao brasileiro Jorge Amado³⁶. (El País, 1995, Cultura, n.d.) (Tradução nossa).

No dia 30 de março de 1995, José Saramago escreveu em seu diário:

30 de março – José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*

Nos cinco metros de “faxes” que estavam à nossa espera em casa, encontramos a informação de que Jorge Amado ganhou, por unanimidade, o prémio Camões. Finalmente. Esse fruto precisou de quantos outonos para amadurecer... O que me alegra é pensar que o voto dos jurados brasileiros não terá sido dado com mais entusiasmo que o dos portugueses. E atrevo-me a suspeitar (para não dizer que o tenho por certo) que do Brasil foi que vieram, em anos passados, os obstáculos a um prémio que chegou manifestadamente fora do horário da tabela. Vale mais tarde do que nunca, dirá o otimismo daqueles que nunca sofreram injustiças. Mas esses não podem saber quanto elas doem (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.83)

A carta para Jorge Amado foi enviada quatro dias depois:

Lanzarote, 3 de abril de 1995

Querido Jorge, querida Zélia,

finalmente o Camões para quem tão esplendidamente tem servido a língua dele! Será preciso dizer que nesta casa se sentiu como coisa nossa esse prémio? Que pessoalmente me sinto orgulhoso do comportamento dos portugueses que passaram pelos júris, e em especial os de agora? Sirva isto de compensação para as decepções e as amarguras que outros causaram a Jorge.

Tantas vezes estamos ou passamos por Madrid, e não tivemos o gosto de assistir ao ato da Casa de la América. Pela descrição que Juan Cruz dele fez em *El País*, deve ter sido do mais saboroso.

Este fax vai para o Brasil, porque não temos o número de fax de Paris. Esperámos até hoje porque vocês tinham dito que estariam em Espanha até o dia 1º. Portanto, telefonámos ontem e hoje para a rue Saint-Paul, mas ninguém respondeu.

Queríamos comunicar a nossa alegria de viva voz.

Assim, as palavras, para chegarem onde vocês neste momento estão, devem precisar de dar meia volta ao mundo, mas nem por isso as tereis menos carinhosas.

Parabéns, aplausos, abraços,
muchos, muchos, Pilar

José

P.S.: Afinal, Pilar tinha o número do fax de Paris!

2º P.S.: Pelo sim, pelo não, vai também para a Bahia. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.85)

A concessão do Prémio Camões, o maior para a literatura em língua portuguesa, é por si só um acontecimento histórico e Jorge Amado foi o terceiro brasileiro a recebê-lo.

A notícia publicada em *El País* foi curta, trazia apenas um curto relato sobre a premiação, mesmo assim conseguimos identificar pontos relevantes na escrita. Em seu conteúdo soubemos que escritores portugueses e dos países lusófonos da África se uniram em um “caloroso aplauso” à Jorge Amado, o brasileiro destinatário do galardão. A escolha pelo

³⁶ Original em espanhol: Ortogan el Premio Camones a Jorge Amado

EFE - 28 MAR 1995 - 19:00 BRT

Escritores de Portugal y los países lusófonos de África se unieron ayer em um caluroso aplauso a la conseción del VII Premio Luis de Camones, el más importante galardón de la lengua portuguesa, al brasileño Jorge Amado. (El País, 1995, Cultura, n.d.)

adjetivo “caloroso” nos leva a crer que a escolha do júri foi acertada e bem recebida pelos demais escritores em lusoparlantes.

A anotação no diário de José Saramago e a carta que enviou a Amado nos levam a um mesmo caminho, com apenas alguns trilhos a mais. José se mostra satisfeito com a notícia, apesar de acreditar que o fato poderia ter-se dado antes. As palavras escolhidas pelo português nos levam a conclusões sobre seu pensamento no que se refere à premiação e possui elementos que se relacionam uns aos outros e propõem sentidos para além do que está escrito. Quando escreve “finalmente. Este fruto precisou de uns quantos outonos para amadurecer...”, nos dá margem para interpretar que sim, há muito tempo a escolha por Jorge Amado como destinatário do prêmio deveria ter sido feita, que o fruto já tinha nascido, porém demorou mais tempo que o esperado para amadurecer e chegar enfim às mãos do baiano. Quando diz que foram necessários “uns quantos outonos” Saramago desperta em nós, os leitores, a sensação de uma lenta passagem das estações, do tempo acontecendo vagarosamente. Esta afirmação que repete mais além, quando fala do “prêmio que chegou manifestadamente fora do horário da tabela”.

José Saramago continua seu posicionamento ao expor o que pensa: “vale mais tarde do que nunca, dirá o otimismo daqueles que nunca sofreram injustiças. Mas esses não podem saber o quanto elas doem”. Este trecho forma, juntamente com outros relevos, uma paisagem textual maior. Em carta do ano anterior, do dia 2 de julho, quando Rachel de Queiroz foi a laureada com Prêmio Camões, Saramago já havia se mostrado insatisfeito: “não discutimos o mérito da premiada, o que não entendemos é como e porque o júri ignora ostensivamente (quase apeteceria dizer: provocadoramente) a obra de Jorge Amado” (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.24).

A notícia justapõe em seu texto diferentes alocações: Portugal, os países lusófonos de África e o Brasil, terra natal do vencedor daquele ano. José, escrevendo de Lanzarote, mais uma vez fala do Brasil e de Portugal, comenta da peça baseada na obra de Jorge Amado em cartaz em Madrid e ainda sobre o faz enviado para a residência de Jorge Amado e Zélia Gattai em Paris, na França. Envia sua mensagem, como já dito, a dois lugares que entre si possuem meio mundo de distância. É possível percebermos, diante do que foi posto, a formação de uma heterotopia literária a partir do correio e da notícia trazida.

Quando escreveu para Jorge Amado, Saramago reafirma sua posição perante a demora no reconhecimento do amigo e evidencia sua felicidade ao saber da notícia: “será preciso dizer que nesta casa se sentiu como coisa nossa esse prêmio?”. Envia a carta à Bahia, por não ter o contato da casa do casal baiano em Paris e por não poder “comunicar a nossa alegria [dele, José, e de Pilar] de viva voz”. A carta precisaria “dar meia-volta ao mundo” até

chegar ao destinatário, mas as palavras, para o português, não chegariam menos carinhosas por este motivo.

Analisando tais palavras, enxergamos uma série de unidades de sentido que, conectadas, nos propõem um cenário onde a glória de um é comemorada ostensivamente pelo outro, mesmo havendo meio mundo de distância entre os dois. O trajeto da carta, enviada à Bahia e à Paris, o ir e vir de conversas e premiações, se mostra num espaço metafísico, porém real àqueles que dele fazem parte. José Saramago comemora o prêmio de Jorge Amado como se fosse dele próprio, o que nos leva a crer que um prêmio dado à um escritor em língua portuguesa é também um prêmio dado a todos aqueles que escrevem na língua de Camões.

7.1.12 Análise da correspondência e décima segunda notícia

Dentre as notícias e matérias mencionadas no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, a última delas não chegou a ser enviada por correio. Refere-se a uma matéria escrita por Jorge Amado e veiculada no jornal *O Globo* no dia 6 de fevereiro de 1996, na ocasião da visita de José Saramago ao Brasil para o recebimento do Prêmio Camões. O conteúdo consta tanto no livro, com o título *Duas palavras sobre José Saramago*, quanto no acervo do jornal *O Globo* (Anexo 12), com o título *Um amigo que encontro nas esquinas do mundo* (Figura 13).

Figura 13: Matéria "Um amigo que encontro nas esquinas do mundo" em O Globo



Fonte: Acervo *O Globo*, 1994.

Transcrevemos o texto tal como publicado no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*:

Duas palavras sobre José Saramago

José Saramago é um dos grandes ficcionistas da língua portuguesa (das línguas portuguesas), situa-se entre os maiores. Não sendo um escritor fácil é, no entanto, um escritor extremamente popular. Seus romances – *Memorial do Convento*, *Jangada de pedra*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, *Ensaio sobre a cegueira* – são bestsellers no Brasil e em Portugal, seu público multiplica-se de livro para livro.

O romancista português não se projetou apenas no Brasil. Seus livros vêm sendo traduzidos para as línguas mais importantes. Com as traduções, a obra de Saramago projetou-se internacionalmente; o romancista português é hoje um dos mais reconhecidos mestres da ficção contemporânea.

Sou leitor de Saramago há muitos anos e há muitos anos somos amigos. Nos encontramos nas mais diversas esquinas do mundo, numa convivência cada vez mais cordial e alegre.

Que dizer mais? Quero dizer ainda que José Saramago é o feliz marido da sevilhana Pilar, tão radical espanhola que ainda não fala português. Uma mulher bela, inteligente, culta, apaixonada. Já que falo na mulher de Saramago, termino falando na minha, dona Zélia. Também ela é leitora entusiasta dos romances do mestre português; sofreu com a leitura cruel do *Ensaio sobre a cegueira*, não largou do livro antes de chegar à última linha. Estamos felizes, Zélia e eu, de passearmos com Pilar e José nas ladeiras do Pelourinho. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.100)

No curto depoimento de Jorge Amado sobre José Saramago, alguns pontos prevalecem acima dos outros, como relevos de uma grande paisagem que contempla a amizade dos dois grandes escritores. Amado, num primeiro momento, fala de Saramago como escritor. Exalta o amigo como “um dos grandes ficcionistas da língua portuguesa” e, entre parênteses, tece um comentário que, na nossa visão, se consagra como uma das mais importantes materialidades do texto: a expressão “línguas portuguesas”. Saramago estava no Brasil para receber o Prêmio Camões – como já dito, o mais relevante dado a escritores dos países lusófonos, que se estendem pela Europa, África e América do Sul – e, por isso, acreditamos que a escolha de Jorge Amado pelo uso do plural foi algo pensado, feito para direcionar o entendimento dos leitores, ainda mais se pensarmos que, apesar de compartilharmos o mesmo idioma, nossa fala se difere bastante do português falado em outros países.

Amado se confessa leitor de Saramago há muitos anos e, mais do que isso, amigo do português também há muito tempo. Conta que se encontram “nas mais diversas esquinas do mundo”, o que entendemos como um espaço vasto e diverso, onde ambos transitaram anteriormente e continuavam a transitar no tempo presente das correspondências, em um ir e vir constante. Cita o Brasil, Portugal e Sevilla, terra de Pilar Del Río. São mencionadas, ainda, Pilar del Río (“tão radical espanhola que ainda não fala português”, outra materialidade relevante, por demonstrar que apesar do contexto de vida de Pilar del Río – casada há anos com um lusoparlante – ainda não tinha proficiência em português) e Zélia Gattai, esposas de José Saramago e Jorge Amado. O baiano assume a felicidade em poder passear com o casal europeu pelas ruas do Pelourinho. Se levarmos em consideração também as cartas, notícias, notas e

matérias em que Jorge Amado e José Saramago se encontravam juntos já analisadas neste trabalho, podemos entender essas esquinas também num espaço abstrato e atemporal, “cada vez mais cordial e alegre”.

Concebemos a notícia como um registro histórico da mais longa visita de José Saramago, quando este recebeu das mãos de Fernando Henrique Cardoso, então presidente do Brasil, o Prêmio Camões de Literatura. A historicidade do acontecimento se mistura com a experiência dos escritores naquele momento da amizade. Amado havia recebido o Camões no ano anterior, em Lisboa, e agora tinha a oportunidade de receber Saramago e Pilar del Río como hóspedes e amigos no Brasil, mais precisamente na Bahia. Amado e Saramago há muito tempo conversavam sobre premiações literárias à língua portuguesa e puderam enfim prestigiar um ao outro durante uma dessas distinções. Além disso, pelo texto escrito por Jorge podemos perceber o forte vínculo de amizade entre ambos, peça fundamental para que a experiência dos dois se tornasse completa.

Considerando as notícias citadas na correspondência transatlântica de Jorge Amado e Saramago e aquelas que, apesar de não citadas, relacionam-se com os dois, terminam aqui nossas análises. Buscamos analisá-las reconhecer nelas os relevos de maior destaque e, então, identificarmos se são possíveis as fabulações de heterotopias literárias no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*. No capítulo seguinte, apresentamos as considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida.

A LUZ NO TÚNEL³⁷: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: 'não há mais o que ver', sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já.

José Saramago em Viagem a Portugal

Tudo que é bom, tudo que é ruim também termina por acabar.

Jorge Amado em Gabriela, Cravo e Canela

É tempo de retomar o trajeto percorrido. Nosso objetivo neste trabalho foi entender como as cartas e notícias trocadas entre Jorge Amado e José Saramago fabulam heterotopias literárias a partir dos dispositivos de memória acionados no correio e, ainda, como a experiência dos escritores foi alterada e constituída durante este processo. Buscamos também identificar as materialidades da paisagem textual presente nos excertos trazidos no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* (2017), publicado pela Companhia das Letras e, através delas, traçarmos uma cartografia do universo compartilhado pelos dois escritores.

Inicialmente, no capítulo 1, *Terras do sem-fim: discussões acerca da memória*, fizemos um levantamento bibliográfico do conceito, na tentativa de situar não somente a ideia de memória nas ciências sociais, mas também o registro comunicacional, como elementos da formação de dispositivos memorialísticos capazes de trazer para o presente fatos e ações passados. Assim, dando início ao caminho trilhado ao longo deste trabalho, buscamos entender como são criados os « lugares de memória », conceito cunhado por Pierre Nora e que contempla espaços heterogêneos (materiais, simbólicos e funcionais), capazes de receber diferentes interpretações e complementos. Para tanto, buscamos costurar os estudos de vários pensadores que se debruçaram sobre o conceito de memória e, a partir desta tessitura, pudemos compreender que sua constituição é sempre incompleta e passível de modificações ao longo do tempo, de modo que fizemos destas conclusões nossa rota inicial.

Nas análises que realizamos tentamos aproximar o nosso objeto de pesquisa dessas reflexões, buscando no conteúdo das cartas as materialidades que nos possibilitam entender o

³⁷ AMADO, Jorge. *A luz no túnel*. Companhia das Letras, 2011

correio transatlântico como registro histórico e memorialístico de acontecimentos relevantes para o cenário literário mundial, tais como: a conversa entre dois grandes escritores em língua portuguesa e a busca pelo reconhecimento desta através de premiações, as eleições brasileiras que ocorreram logo depois do *impeachment* do primeiro presidente eleito após a ditadura civil-militar do país, o infarto de Jorge Amado e as viagens dos escritores ao redor do mundo. Considerando os hiatos entre as correspondências e a ausência dos elos de informação que geralmente existem nos registros históricos oficiais, podemos entender que o registro memorial dá espaço a interpretações e sentidos outros, além de apresentar a aura característica dos « lugares de memória », uma vez que o que está registrado nos textos do livro acrescenta novas camadas de sentido aos registros oficiais da história.

Tais interpretações e sentidos outros aos quais a memória se abre nos permitiu entendê-la, concordando com os pensadores estudados no primeiro capítulo, como uma faculdade passível de reconstruções e invenções contínuas. Assim como o poeta brasileiro Waly Salomão, em seu poema *Carta aberta a John Ashbery*, que diz que “a memória é uma ilha de edição” (Salomão, 2014, p.274), entendemos que os diálogos travados entre Amado e Saramago – registrados no livro da Companhia das Letras – e as notícias publicadas nos jornais não contemplam a totalidade dos fatos, mas são feitos de cortes, de escolhas de ângulos, de uma verdadeira decupagem de cenas da realidade em registros editados. São compostos pela presença e pela ausência de determinadas informações, das visões e dos entendimentos dos escritores e da mídia que, conscientemente ou não, escolheram quais fariam parte da narrativa epistolar ou do enquadramento das matérias publicadas nos veículos de comunicação.

Como numa câmara de ecos, os registros presentes nas cartas e nas notícias analisadas nos permitem vislumbrar, diante de uma espécie de desassossego do mundo, a possibilidade de um futuro diante do que atormenta, ou seja, a memória incompleta do passado que é reconfigurada no presente. Tratar da memória materializada no livro num sentido artístico é organizá-la diante dessa tessitura possível: configurar a memória dentro do movimento de refletir sobre a vida e o gesto literário, ação recorrente de Jorge Amado e José Saramago, é também empreender um sentido que a toma realmente como uma ilha de edição. O entrecruzamento das cartas e das notícias é revelador disso e, o verso de Waly Salomão, juntamente com as teorias e expressões utilizadas ao longo deste capítulo, nos deram força para compor metodologia utilizada na análise do material.

Dessa forma, diante das lacunas e da plasticidade da memória, ainda hoje, 25 anos após o fim da correspondência entre Jorge Amado e José Saramago e da premiação do português com o Nobel de Literatura, os fatos ocorridos naquela época podem ser repensados

e ressignificados no presente, seja a partir dos registros memorialísticos, seja da interpretação daqueles que, como nós, se debruçam na leitura das cartas e das notícias do período.

No capítulo 2, *A bagagem do viajante: experiência, experiência interior e experiência transformadora*, trouxemos as reflexões de Georges Bataille e Michel Foucault sobre as práticas de si, que abordam como o contexto em que estão inseridos os sujeitos e a escrita como uma prática transformadora influenciam e alteram a experiência dos indivíduos. A articulação das visadas teóricas conformou a bagagem que nos permitiu entender que, através da linguagem, materializada nas correspondências e notícias, as experiências dos escritores os afetaram mutuamente. Ao falarem nas cartas sobre a forma como eram vistos pela mídia e como viam a si mesmos, ao exporem suas opiniões acerca dos assuntos tratados, Amado e Saramago puderam criar um contexto que contribuiu para a subjetivação de si mesmos, bem como para o fortalecimento da relação amistosa que construíram ao longo dos anos. Percebemos que as discussões sobre as premiações, por exemplo, alcançavam tons pessoais e permitiam aos dois um certo acolhimento recíproco, tornando seus entendimentos mais fáceis.

Além disso, o fato de os escritores dividirem seus sentimentos enquanto autores em língua portuguesa alimentou não somente uma relação profissional, mas também amistosa. Este processo dialógico, estabelecido por meio das correspondências nas quais tratavam de assuntos pessoais e discutiam as notícias publicadas acerca de si mesmos na mídia, afetou a existência dos dois dentro do contexto em que estavam inseridos.

Ao observarmos as apostas discursivas feitas por Jorge Amado e José Saramago, desvela-se o sentimento compartilhado por ambos em relação à leitura do mundo naquele momento. O sentimento de desterro – imagem recorrente na história da literatura, como nas canções de exílio e nas dificuldades de voltar à pátria presentes em diversos romances, inclusive naqueles escritos pelos protagonistas desta dissertação – é o que aflige os dois intelectuais no lugar da impossibilidade de receber uma premiação.

As cartas trocadas entre Amado e Saramago atravessavam não somente o Atlântico, mas os próprios escritores. O mar, como intervalo temporal e espacial entre remetente e destinatário, atuou de maneira simbólica na relação entre eles: a estrada do mar transportava o afeto, o desejo, a angústia, o *querer* que incutia nos eternos candidatos o sentimento de desterro que gerava uma vontade de acolher e abraçar um ao outro – mesmo estando os dois a quilômetros de distância –, por saberem, os dois, que compartilhavam sentimentos semelhantes.

No capítulo 3, *Navegação de cabotagem: heterotopias e espaços outros a partir de Foucault*, desenvolvemos um percurso pelos conceitos de paisagem textual e heterotopia, para compreender como, através das materialidades da escrita e da justaposição de tempos e espaços,

é possível criarmos espaços outros, reais ou metafísicos, onde lugares e pessoas inicialmente incompatíveis podem se encontrar.

Sobre as paisagens textuais, para além daquelas materializadas nos relevos textuais e esmiuçadas ao longo do trabalho, as entendemos também como um desenlace das experiências vividas e trocadas por Jorge Amado e José Saramago. Neste ponto, pensamos a paisagem no sentido provocativo de *como* pensar uma transformação diante do que é sempre o mesmo: apesar do atravessamento temporal e de uma ordem espacial estabelecida, nada muda – como as premiações literárias para a língua portuguesa, por exemplo e as expectativas de recebimento do prêmio Nobel por parte dos escritores, frustradas reiteradamente ao longo dos anos em que se corresponderam. José Saramago, inclusive, faz coro à nossa percepção em um trecho dos *Cadernos de Lanzarote*, mencionado anteriormente neste trabalho : “como não há mal que um bem não traga, ficarei eu, se se confirmar o vaticínio do jornalista, com o alívio de não ter de pensar mais no Nobel até o fim da vida” (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.51).

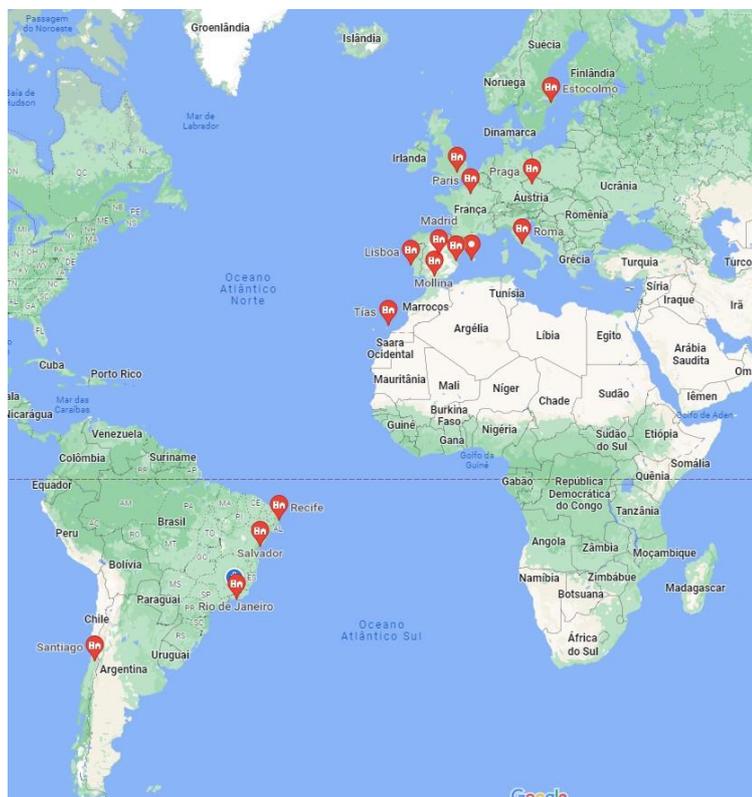
Mais uma vez, entendemos que a paisagem do correio transatlântico, composta não somente pelos relevos textuais mas também pela experiência da troca de cartas, incute sentimentos compartilhados pelos escritores, como amizade, companheirismo e, também, angústia.

Para pensarmos nas heterotopias, utilizamos como base teórica a obra foucaultiana para descobrir esses espaços outros formados tanto pela correspondência quanto pela produção midiática relativa a Jorge Amado e a José Saramago. Traçamos uma cartografia dos lugares onde Amado e Saramago estavam enquanto escreviam as cartas, os lugares onde as notícias foram publicadas, bem como os lugares que visitaram e citaram na correspondência. São eles:

- 1) Estocolmo, na Suécia;
- 2) Lisboa, em Portugal;
- 3) Londres, na Inglaterra;
- 4) Madrid, Mollina, Palma de Maiorca e Valência, na Espanha;
- 5) Paris, na França,
- 6) Praga, na República Tcheca;
- 7) Recife, Rio de Janeiro e Salvador, no Brasil;
- 8) Roma, na Itália;
- 9) Santiago, no Chile;
- 10) Tías, em Lanzarote, nas Ilhas Canárias.

Eles podem ser visualizados no mapa abaixo (Figura 14):

Figura 14: Mapa dos lugares referenciados nas cartas



Fonte: Google Maps, 2023.

Conseguimos perceber, através do mapa, o emaranhado de lugares visitados por Jorge Amado e José Saramago referenciados no compilado de cartas contido em *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* que, analisados a partir de uma perspectiva foucaultiana, configuram-se num grande entrecruzamento de heterotopias. Tendo em conta que a relação de amizade estabelecida entre estes autores deu-se, principalmente, pelo fato de ambos serem falantes do português e lutarem “ombro com ombro” pela valorização do idioma dentro do universo literário, entendemos as heterotopias criadas pelas correspondências como um território abstrato habitado por eles.

Tais constatações são corroboradas, mesmo que de maneira também abstrata, nas cartas trocadas quando Saramago foi finalmente laureado com prêmio Nobel de Literatura, em 8 de outubro de 1998. Quando Jorge Amado soube que a Academia Sueca havia dado a seu amigo o prêmio máximo das literaturas, ditou uma nota à imprensa:

Acabo de saber que o prêmio Nobel foi concedido ao escritor português José Saramago. A notícia me causa grande satisfação. Se alguém merece o Nobel, este alguém é José Saramago.

Ao premiar a Literatura Portuguesa através de José Saramago, um dos mais expressivos escritores do mundo contemporâneo, o prêmio Nobel finalmente faz justiça à Língua Portuguesa.

Ficamos, Zélia e eu, duplamente felizes pois, além de um grande escritor, o prêmio foi concedido a um grande e querido amigo (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.115)

A nota ditada por Amado e a carta por ele enviada no mesmo dia ao português, onde diz que, ao escrever a nota para a imprensa, “não poderia deixar de dizer a todos o quanto estamos felizes por esta vitória, sua pessoal e da literatura em língua portuguesa” (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.115), nos fizeram perceber, mais uma vez, a língua portuguesa enquanto um território comum a ambos, onde os dois estabeleceram uma relação da amizade para além da profissão que compartilhavam e dos prêmios que almejavam.

Em 10 de dezembro de 1998, na ocasião do banquete do prêmio Nobel daquele ano, José Saramago também trouxe à tona a ideia da língua enquanto território heterotópico, conforme trabalhamos nesta dissertação:

Não estão esquecidos os agradecimentos. Em Frankfurt, onde estava no dia 8 de outubro, as primeiras palavras que disse foram para agradecer à Academia Sueca a atribuição do prêmio Nobel de literatura. Agradei igualmente aos meus editores, aos meus tradutores e aos meus leitores. A todos volto a agradecer. E agora quero também agradecer aos escritores portugueses e de língua portuguesa, aos do passado e aos de agora: é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles veio se juntar. Disse naquele dia que não nasci para isto, mas isto foi-me dado. Bem hajam, portanto (Viel, 2018, p.172).

Portanto, assim como o poeta lusitano Fernando Pessoa um dia afirmou, Jorge Amado e José Saramago – bem como todos os lusoparlantes espalhados pelos cinco continentes – também poderiam afirmar: “minha pátria é a língua portuguesa” (Pessoa, 2006, p.260). Mesmo estando os dois em diferentes lugares do mundo, estavam sempre unidos, em diferentes instâncias, por esta realidade abstrata.

Seguindo a rota traçada nos capítulos anteriores, em *Provavelmente alegria: reverberações acerca da amizade e Os subterrâneos da liberdade: o íntimo e o privado permeados pelo espaço público*, respectivamente capítulos 4 e 5, desenvolvemos um estudo sobre a genealogia da amizade e sua posterior privatização, que nos levou à dicotomia público x privado. Estes capítulos trazem conceitos e reflexões que permeiam toda a discussão desenvolvida neste trabalho, uma vez que a correspondência entre os lusófonos se deu também por compartilharem a mesma profissão, mas principalmente pelo fato de terem estabelecido uma relação íntima e privada, baseada em afinidades pessoais e na busca pelo reconhecimento da língua em que escreviam dentro do cenário literário mundial.

Sempre como plano de fundo e base do correio, a amizade entre Amado e Saramago se fez presente em toda a dissertação. Tendo como suporte a fundamentação teórica deste capítulo, conseguimos identificar que a relação de amizade estabelecida entre os escritores permitiu a abertura de um novo espaço entre eles: o espaço privado das correspondências, onde confidenciaram um ao outro opiniões e posicionamentos que não fariam em um espaço público, como aquele midiático das notícias acerca dos dois. Amado e Saramago, inclusive, discutiam

neste ambiente privado da amizade as questões trazidas do espaço público e, nesse sentido, consideramos as cartas como agentes revolucionários daqueles que, naquele momento, estavam “conspirando nos breus das tocas”, nas conversas de alcova.

O tom amigável empregado pelos literatos em suas conversas nos permitiu enxergar a amizade como mobilizadora da possibilidade de encontros futuros (tanto pessoais quanto profissionais), que foi transformada em um sentimento guia por parte dos dois. Além disso, ao estabelecerem uma comunicação particular, os escritores agiam de maneira próxima e amistosa, traziam suas respectivas esposas para o diálogo e tratavam de seus limites de engajamento e comprometimento literários num embaralhamento entre o público e o privado. Conseguimos observar a *persona* dos autores no espaço público, que acabava se emaranhando às suas posturas no espaço privado: as falas de Amado e Saramago tinham uma força pública revestida por esse lugar do intelectual nos espaços íntimo e privado.

Após a apresentação e discussão dos conceitos que orientam este trabalho em perspectiva com o tema da pesquisa, no capítulo 6, *O que farei com este livro?: metodologia de análise das cartas e notícias*, explicitamos a metodologia utilizada no processo de análise das cartas e notícias enviadas na prática missivista de Amado e Saramago, constituído a partir de algumas diretrizes, sendo elas: a leitura em profundidade das cartas, a identificação daquelas que mencionavam publicações midiáticas, a pesquisa por elas nos acervos dos meios de comunicação e sua posterior organização. As cartas e notícias foram organizadas em uma tabela contendo todas as notícias referenciadas nas cartas, tanto aquelas diretamente mencionadas quanto aquelas referenciadas indiretamente, mas que conversavam com aquilo que era tratado nas missivas de Amado ou Saramago. Das 21 notícias referenciadas no livro, somente 12 delas foram encontradas durante a pesquisa e incorporadas ao trabalho.

Neste capítulo, desenhamos nosso percurso metodológico e elencamos os conceitos norteadores da análise, a saber: memória, heterotopia, paisagem textual e experiência. Fazendo uso deste percurso, apesar das lacunas temporais existentes no período das correspondências e de não termos encontrado todas as notícias relacionadas às cartas, acreditamos que conseguimos fazer o entrecruzamento entre o material encontrado e as cartas do livro com os conceitos operadores da análise. A partir do conteúdo do material, analisamos no capítulo seguinte as ações ocorridas no período em que os escritores se corresponderam e observamos os registros memorialísticos da época, bem como os lugares acessados pelo correio transatlântico.

No capítulo 7, *Claraboia: análise do objeto à luz dos conceitos norteadores*, debruçamo-nos na análise das cartas e as respectivas notícias a elas associadas. Nosso esforço se deu no sentido de identificar: a) as materialidades das paisagens textuais formadoras de

heterotopias literárias, como elas apareciam no texto e como poderiam relacionar-se entre si; b) encontrar, no diálogo travado e nas notícias midiáticas, registros da memória daquele tempo e entender como o livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, por ser a materialização de uma ação comunicacional, colabora para o estabelecimento de um « lugar de memória » sobre a amizade entre Jorge Amado e José Saramago, bem como sobre a língua portuguesa dentro do universo literário mundial; e c) como as práticas de si, realizadas através da escrita, transformaram a experiência dos agentes, levando em consideração o contexto em que estavam inseridos e quais eram os comportamentos, seus e da mídia, naquele momento. Apesar dos hiatos de informações, identificamos os trajetos percorridos pelo diálogo de Amado e Saramago, fabulando heterotopias, e fomos capazes de confirmar que a relação de ambos ultrapassava o âmbito profissional, ancorando-se, então, numa relação de amizade. Por meio da análise em profundidade do texto das cartas e notícias, conseguimos reconhecer a mútua afetação retroalimentada pelas experiências de Amado e Saramago, trazendo à tona nuances que ultrapassam os registros históricos oficiais e que nos permitem vislumbrar uma faceta relacional que se revela a eles sobreposta.

Também encontramos nas análises alguns assuntos recorrentes nas correspondências e notícias que fazem parte do nosso recorte metodológico. Os prêmios literários são assunto predominante no diálogo travado entre Amado e Saramago. Os escritores mencionam premiações como o prêmio da União Latina, o prêmio Camões e o prêmio Nobel de Literatura, o galardão máximo. Sobre o último, falam principalmente sobre a possibilidade de a língua portuguesa ser laureada. Nas notícias, percebemos um volume maior de menções às premiações no ano de 1994, em que havia mais de um escritor da língua de Camões na disputa. Entre as cartas e notícias analisadas, as premiações literárias foram citadas cerca de 13 vezes. Os eventos literários e as menções às suas próprias obras e às obras de outros escritores são também assunto recorrente, aparecendo apenas duas vezes menos que as premiações: identificamos 11 menções ao assunto. Amado e Saramago tratavam também de questões pessoais e visões particulares nas correspondências: assuntos como política e saúde apareceram quatro e cinco vezes, respectivamente. As viagens e itinerários dos escritores ao redor do mundo eram abordados com frequência.

Permeando todo o conteúdo analisado, observamos nomes de diversas outras personalidades comuns aos escritores, fatos históricos, descrições de paisagens e acontecimentos que só pudemos compreender, em conjunto, em suas materializações no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* e seu cruzamento com as notícias mencionadas.

O livro da Companhia das Letras detém em si um universo de tempos, espaços, sujeitos e experiências, todas elas materializadas em suas páginas. O conteúdo do livro contempla o período de cinco anos, quatro atores principais – Jorge, José, Zélia e Pilar –, diversos atores coadjuvantes, espaços e localizações várias e um número indeterminado de paisagens e memórias, sejam as últimas individuais ou coletivas.

E, diante do que foi lido, discutido e analisado durante este trabalho, podemos retomar a hipótese de Pierre Nora (1993), que afirma que “desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (Nora, 1993, p.9). A memória da amizade entre os escritores, as informações que trocavam entre si e as notícias que eram veiculadas na grande mídia sobre os dois são, de fato, registros que podemos considerar como dispositivos de memória e de história sobre aquela determinada época, as personalidades do período, a forma de se relacionar no mundo. Porquanto, nem as cartas nem as notícias trazem em si mesma a totalidade dos acontecimentos e registros, podemos entender o compilado como um espaço, um « lugar de memória ». A partir da leitura do livro, ficamos sabendo de alguns acontecimentos e inferimos tantos outros: dotamos a memória registrada de uma aura simbólica que ultrapassa o registro oficial.

Para além, as cartas e notícias que compõem o objeto perscrutado neste trabalho possuem em suas linhas diversas materialidades, como conjuntos de palavras, expressões, imagens, textualidades que conformam as paisagens textuais do dispositivo e, de acordo com Mello Vianna, Vaz e Santos (2018), “o texto ativa a relação com o sujeito, tomando a paisagem textual como o local onde diferentes relevos se encontram. A paisagem textual vai potencializar essa ativação, possibilitando ao sujeito estabelecer muito mais relações” (Mello Vianna; Vaz, Santos, 2018, p.117), promovendo uma relação entre quem escreve (Amado, Saramago e a mídia) e quem lê (também os escritores e nós mesmos, observadores do diálogo), constituindo sentidos e criando experiências, individuais ou coletivas.

Tais experiências coletivas podem ser pensadas se considerarmos a fala de outro vencedor do Prêmio Camões, Chico Buarque. Em 24 de abril de 2023, o escritor, cantor e compositor brasileiro recebeu o maior prêmio da literatura em Língua Portuguesa em Sintra, Portugal, onde agradeceu a presença de políticos e artistas brasileiros, lusitanos e de outros países lusoparlantes. Em seu discurso (Anexo 13), Chico Buarque destacou questões relacionadas ao exílio, ao desterro, às ditaduras, às impossibilidades e projetos dos países interditados e o intervalo marítimo que separa e une, ao mesmo tempo, metrópole e ex-colônias. Tais questões permitem o contato entre as literaturas brasileira e portuguesa, sendo a

língua portuguesa o limite que estabelece esse contato, como se deu no caso de Jorge Amado e José Saramago.

O artista citou também o nome de diversas personalidades advindas dos países falantes do português, de outros vencedores do prêmio que estava recebendo e das relações políticas e culturais entre as pátrias ali representadas, dando a entender que a experiência partilhada por aqueles que têm o português como idioma se assemelha de alguma forma, afinal temos a língua portuguesa como território comum.

Em 7 de dezembro de 1997, quando recebeu em mãos o prêmio Nobel de Literatura, José Saramago pronunciou um discurso cujo conteúdo falava tanto de suas experiências pessoais quanto de suas obras, através de personagens reais – como sua família e colegas de profissão – e aqueles fictícios presentes em seus livros. Um trecho, em específico, parece-nos, de certa forma, uma síntese poética daquilo que tentamos alcançar neste trabalho a respeito do nosso objeto de pesquisa:

Muitos anos depois, escrevendo pela primeira vez sobre este meu avô Jerónimo e sobre esta minha avó Josefa (faltou-me dizer que ela tinha sido, no dizer de quantos a conheceram quando rapariga, de uma formosura invulgar), tive consciência de que estava a transformar as pessoas comuns que eles haviam sido em personagens literários e que essa era, provavelmente, a maneira de não os esquecer, desenhando e tornando a desenhar os seus rostos com o lápis sempre cambiante da recordação, colorindo e iluminando a monotonia de um quotidiano baço e sem horizontes, como quem vai recriando, por cima do instável mapa da memória, a irrealidade sobrenatural do país em que decidiu passar a viver (Viel, 2018, p.155).

Assim, as cartas trocadas por Amado e Saramago e seu entrecruzamento com as notícias sobre os dois reunidas no livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas* perenizam o “mapa instável da memória” por meio dos dispositivos memorialísticos acionados pelo livro. A sobreposição de paisagens, sujeitos, tempos e espaços desse registro comunicacional fabulam, em nosso entendimento, heterotopias literárias. Foucault (2012) defende que as heterotopias são uma alteridade de espaços e utiliza como exemplo, para explicá-las, um barco: “e se imagina, enfim, que o barco é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado sobre si e é entregue, ao mesmo tempo, ao infinito do mar [...], de porto em porto, de bordo em bordo, de bordel em bordel” (Foucault, 2012, p.121).

Logo, entendemos que o conjunto textual, a partir de suas paisagens, registros históricos, memoriais e experiências compartilhadas dentro da relação de amizade conformam uma heterotopia literária, uma vez que todos esses acontecimentos e lugares reais, encontram-se num abstrato que ultrapassa o espaço físico do livro: a “irrealidade sobrenatural” do território da língua portuguesa, habitado por Amado e Saramago, mesmo que os dois estivessem em diferentes lados do Atlântico.

Portanto, concluimos que a nossa contribuição nesta pesquisa foi descortinar o correio de Jorge Amado e José Saramago e as notícias acionadas nesse espaço íntimo. Correio que tantas vezes atravessou o oceano como os barcos, constituindo-se como um lugar fora de todos os outros, mas que contém em si uma infinidade de tempos, espaços e sujeitos: heterotopias entregues ao infinito.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O amigo. Tradução: Marcus V. Oliveira. **Civilistica.com**, Rio de Janeiro, a. 1, n. 2, jul.-dez./2012. Disponível em: <http://civilistica.com/o-amigo/>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinicius N. Honesco. Chapecó: Argos, 2009.
- ALMEIDA, E. R. de. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de abr. de 1994. Segundo Caderno. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em 17 jun. 2023.
- ALVES, I. Paisagem, aceleração e poesia - por uma geografia das emoções. **Revista de Letras UFC**, Fortaleza, v. 1, n. 34, p. 27-38, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2402/1863>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- ALVES, I. Em torno da paisagem: literatura e geografia em diálogo interdisciplinar. **Revista da Anpoll**, [S. I.], v. 1, n.35, p. 181-202, 2013. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/650>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- ALZER, L. A. Todas as palavras do mundo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 de jun. de 1994. Segundo Caderno. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em 17 jun. 2023.
- AMADO, J. Um amigo que encontro nas esquinas do mundo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de fev. de 1996. Segundo Caderno. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em 17 jun. 2023.
- AMADO, P. J; CAPINAN, B; VIEL, R. (org.). **Com o mar por meio** – uma amizade em cartas. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ARENDT, H. **A condição Humana**. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.
- ARIÈS, P. Por uma história da vida privada. In: **História da vida privada 3: Da renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 9-20.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Tradução: Mário G. Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- BARBOSA, M. C. Comunicação, história e memória diálogos possíveis. **Matrizes**, São Paulo, v. 13, n.1, p.13–25, 2019.
- BARBOSA, M. C. **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória**. 1.ed. Niterói: EdUFF, 2007.
- BATAILLE, Georges. **A experiência interior: seguida de Método de Meditação e Postscriptum**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BEZERRA, C. E. O; SILVA, T. M. A correspondência de escritores brasileiros como fonte de pesquisa para os estudos literários e históricos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 1, n. 1, p.61-74,

2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2339>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BEZERRA, C. E. A literatura de viagens como heterotopia literária: corpo e gênero em experiências literárias e diálogos interdisciplinares. **Abralic**, Porto Alegre, v. 18, n. 29, p. 1-24, 2016. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/403>. Acesso em: 14 ago. 2021.

BORGES, J.L. Funes, o memorioso. In: _____. **Ficções**. São Paulo: Editora Globo, 7ª ed, 1997.p.109-117

BRASIL, U. Correspondência entre José Saramago e Jorge Amado revela uma enorme cumplicidade entre eles. **Estadão**, 22 jul. 2017. Cultura. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,correspondencia-entre-jose-saramago-e-jorge-amado-revela-uma-enorme-cumplicidade-entre-eles,70001899697>. Acesso em: 25 ago. 2021.

CANDAU, J. A memória e o princípio de perda. **Diálogos**, Maringá, v.16, n.3, p. 843-872, set-dez, 2012.

CANDAU, J. Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holísticas. In: _____. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CHACINA na Candelária. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 out. 2021. Seção Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/chacina-na-candelaria/noticia/chacina-na-candelaria.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2022.

COHEN, S. O ajuste de contas de Saramago. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 de abr. de 1994. Livros. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em 17 jun. 2023.

COHEN, S. Portugal se preparou em vão para vencer. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de out. de 1994. Segundo Caderno. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

COLLOT, M. Introdução. In: _____. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

DEFERT, D. Heterotopia: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles. In.: FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

DEWEY, J. Em busca do público. In: FRANCO, A.; POGREBISCHI, T. **Democracia Cooperativa**: escritos políticos escolhidos de John Dewey. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

FERRAZ, T. As potências criativas da sala de cinema: pesquisas sobre histórias e memórias das salas de exibição e audiências cinematográficas. In.: PINHEIRO, M. de A. P; MACHADO, M. (Orgs). **Do contemporâneo: mediações socioculturais**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p.144-162.

FOUCAULT, M. As heterotopias. *In:* _____. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, M. De espaços outros. **Estudos Avançados**, [S. I.], v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705>. Acesso em: 14 ago. 2022.

FRANÇA, V. e SIMÕES, P. Celebridade: quando o privado atravessa o público (e vice-versa). *In:* CASTRO, P. (org.). **Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?** Maceió: Edufal, 2015.

FREUD, S. Construções na análise (1937). *In:* **Obras Completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de análise e outros textos (1937-1939)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p.327-344.

FREUD, S. Notas sobre o “Bloco Mágico” (1925). *In:* **Obras completas, volume 16: O eu e o ID, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.267-274.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 1.ed. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

IONTA, M. Derivas da escrita de si. *In:* RESENDE, H. de (Org.). **Michel Foucault: política, pensamento e ação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p.147-162.

LAVAL, C. Foucault e a experiência utópica. *In:* FOUCAULT, M. **O enigma da revolta: entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana**. São Paulo: N-1 edições, 2019, p.103-142.

LE GOFF, J. Memória-História. *In:* **Imprensa Nacional. Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Casa da Moeda, 1996.

LEIA na íntegra o discurso de Chico Buarque no Prêmio Camões. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 de abr, de 2023. Política. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/04/24/interna_politica,1485316/leia-na-integra-o-discurso-de-chico-buarque-no-premio-camoes.shtml. Acesso em: 12 de nov. de 2023

MARTINS, V. G. D. Diálogos entre história e literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado. **Vozes dos Vales: publicações acadêmicas**, Diamantina, n. 2, p. 1–12, 2012. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Di%20z%C3%A1logos-entre-hist%C3%B3ria-e-literatura-a-escrita-epistolar-como-recurso-de-constru%C3%A7%C3%A3o-do-passado_vanessa.pdf. Acesso em: 9 ago. 2021.

MEJORA el escritor brasileño Jorge Amado tras sufrir un infarto. **El País**, Salvador de Bahia, 15 de mai. de 1993. Cultura. Disponível em: https://elpais.com/diario/1993/05/16/cultura/737503204_850215.html. Acesso em: 17 jun. 2023.

MELLO VIANNA, G.; VAZ, P.; SANTOS, H. Sobre texto visual, som e imagem: novas paragens para as paisagens textuais. *In*: LEAL, B; CARVALHO, C. A; ALZAMORRA, G. (Org.) **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom/UFMG, 2018.

MORAES, M. A. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2021.

MORENO, R. La lengua portuguesa, favorita al Nobel de Literatura. **El País**, Estocolmo, 12 de out. de 1994. *Cultura*. Disponível em: https://elpais.com/diario/1994/10/13/cultura/782002805_850215.html. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

NIÑOS de la calle. **El País**, Madrid, 09 ago. 1993. Cartas al director. Disponível em: https://elpais.com/diario/1993/08/10/opinion/744933605_850215.html. Acesso em: 17 set. 2022.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v.10, p.7-28, 1993.

ORTEGA, F. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

OTORGAN el Premio Camones a Jorge Amado. **El País**, Madrid, 28 de mar. de 1996. *Cultura*. Disponível em: https://elpais.com/diario/1995/03/29/cultura/796428011_850215.html. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

PEREIRA, D. C. Literatura, lugar de memória. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, n.28, 344-355, jul-dez, 2014.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

POGREBINSCHI, T. A matriz filosófica do pragmatismo. *In*: _____. **Pragmatismo**, Teoria social e política. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005. p. 23-72.

PRIMO, J. S. **Amizade, espaço de pensamento e alteridade: uma análise das cartas de Freud a Fliess**. 2015. (137p) Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

PRIX littéraires. **Le Monde**, Paris, 26 de nov. de 1993. *Archives*. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/1993/11/26/prix-litteraires_3967372_1819218.html. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

PROUST, M. **No caminho de Swann** (em busca do tempo perdido vol.1). Tradução: Mario Quintana. 12.ed. São Paulo: Globo, 1990.

RIBEIRO, A. P. G.; LEAL, B. S.; GOMES, I. A historicidade dos processos comunicacionais: elementos para uma abordagem. *In*: MUSSE, C. F.; VARGAS, H.; NICOLAU, M. **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador: Edufba, 2017. p.37-58.

SALOMÃO, W. **Poesia Total**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTOS, C. N. N. dos; FERREIRA, J. L.; BATISTA, R. M. Registro de amizade e vida intelectual. *In*: ARAÚJO, H. H. DE (Org.). **Cartas e escritores: vida literária em epistolografia**. 1 Ed. v.01, Natal: EDUFRN, 2017, p.91-113.

SARAMAGO, J. Transformação de Lisboa daria um filme. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 de set. de 1994. Turismo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/22/turismo/23.html>. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

SIMÕES, P. G. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. **Logos** [S.1.], v. 16, n.2, p.67-79, mar. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/339>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SODRÉ, M. Do segredo ao público/privado. *In*: CASTRO, P. (org.). **Dicotomia público/privado estamos no caminho certo?** Maceió: Edufal, 2015.

TRIGA, L. José Saramago fora da ordem. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 de jan. de 1994. Livros. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em 17 jun. 2023.

VASCONCELLOS, E. Intimidade das confidências. **Teresa**, São Paulo, n. 8–9, p. 372-389, 2008. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/download/116762/114319>. Acesso em: 13 ago. 2021.

VIEL, R. **Um país levantado em alegria**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ANEXOS

ANEXO 1

Mejora el escritor brasileño Jorge Amado tras sufrir un infarto

EFE

Salvador de Bahia – 15 MAY 1993 – 19:00 BRT

El escritor brasileño Jorge Amado, hospitalizado el viernes tras sufrir un infarto agudo de miocárdio, se repone de modo satisfactorio, según aseguró su médico del hospital Alianza de Salvador de Bahia (Brasil). Amado, con 80 años de edad, es el escritor vivo más popular entre los brasileños. Su obra, con 28 novelas publicadas, ha sido traducida a 40 idiomas y editada en 50 países. (El País, 1993, Cultura, n.d.)

ANEXO 2

Opinión

Niños de la calle

CARTAS AL DIRECTOR

Madrid. - 09 AGO 1993 - 19:00 BRT

Durante los últimos días, las imágenes de los cadáveres de siete niños brasileños asesinados a sangre fría han recorrido el mundo, y términos como escuadrones de la muerte o niños de la calle han sido utilizados por quienes, en su afán de explicar el suceso, han conseguido reducirlo a la descripción de un suceso atroz y sin precedentes. Sin embargo, no hay que olvidar que ya en 1937 uno de los mejores narradores contemporáneos, Jorge Amado, denunciaba en su obra *Capitanes de arena* las inhumanas condiciones en las que se debatían millares de jóvenes en Brasil.

Por si ello no bastara, algunas cifras nos pueden ayudar a reconocer la magnitud del problema. Por ejemplo, en abril del pasado año, el Congreso de los Diputados brasileño hizo público un informe en el que se reconoció el asesinato de más de 4.600 niños entre los años 1989 y 1991. En ese mismo informe se recogieron las declaraciones de un integrante de un escuadrón de la muerte según las cuales la tarifa por matar a un niño alcanzaba los 460 dólares, además del

apoyo policial o por lo menos la impunidad; por otra parte, se hacía referencia a que cinco cadenas de supermercados de El Salvador (capital del Estado de Bahía e importante núcleo turístico) tenían sus propias cámaras de tortura para castigar e intimidar a los niños sospechosos de robos y otras transgresiones. Meses más tarde, una encuesta realizada por Info-Globo aseguraba que cerca del 27% de la policía militar de Río de Janeiro había sido invitada a formar parte de los escuadrones de la muerte, mientras que el 30% de los policías había cometido algún asesinato y el 25% conocía a los integrantes activos de los escuadrones.

No hay duda, pues, de la magnitud del problema, y no hay que cometer la torpeza de localizarlo en Brasil: en mayo del pasado año finalizaba en Honduras una reunión de expertos auspiciada por el Consejo Latinoamericano de Iglesias, y en su informe final calculaba en 50 millones los niños que vivían en la calle en el subcontinente latinoamericano, expuestos a la miseria, el abuso sexual y la persecución. En fin, sólo espero que estas líneas puedan acabar con la frialdad de unas imágenes transmitidas por televisión.-

ANEXO 3

Le prix Roger-Caillois a été décerné à l'écrivain d'origine colombienne Alvaro Mutis. Le prix Chateaubriand a été attribué à Jean-Marie Rouart par le Goût du malheur (Gallimard). D'autre part, les deux prix Chateaubriand-La Vallée-aux-Loups ont été remis, respectivement, à Nicolas Baverez pour sa biographie de Raymon Aron parue chez Flammarion (Grand Prix d'histoire) et à Henri Suhamy pour son ouvrage Sir Walter Scott, publié par De Fallois (Prix du romantisme). Le prix allemand Nelly-Sachs a été décerné à Juan Goytisolo pour l'ensemble de son oeuvre, saluant ainsi sa volonté de dialogue entre les cultures et sa lutte en faveur de la liberté et de la tolérance. Enfin, le jury du prix international de la Union Latine a récompensé l'écrivain espagnol Gonzalo Torrente Ballester pour "l'importance extraordinaire" de son oeuvre et la "singularité de son univers littéraire (Le Monde, 1993, Archives n.d.)

ANEXO 4

Saramago fora da ordem

Luciano Trigo

Anterior aos romances que consagraram José Saramago como o melhor escritor português em atividade, o volume de contos “Objecto quase” foi lançado originalmente em 1978, mas só agora chega ao Brasil. O efeito produzido pela leitura desses textos é um estranhamento semelhante ao buscado pelo realismo fantástico: são contos sobre objetos que ganham vida ou sobre seres vivo que parecem inanimados, quase objetos. Em “Coisas”, por exemplo, portas e cadeiras se voltam contra seus usuários numa repartição públicas – um microcosmo kafkiano em que cada indivíduo tem uma letra impressa na palma da mão Saramago retrata o inusitado, os momentos em que as “coisas” saem do lugar habitual – e o assombro que domina o homem comum quando ele se vê numa situação extraordinária.

Saramago se transformou num **best-seller** internacional no início dos anos 80, sobretudo a partir do lançamento de seus romances “Levantado do chão” e “Memorial do convento”. Em “A jangada de pedra”, ele discutiu os rumos da cultura europeia através de uma hipotética separação entre a península ibérica e o restante da Europa. Depois de uma polêmica com o governo português, Saramago optou por um exílio voluntário nas Ilhas Canárias. Seu último trabalho foi a peça teatral “In nomine Dei”, sobre a intolerância e o dogmatismo religioso. Comunista e ateu, Saramago fala nesta entrevista sobre a relação entre o escritor e o poder e a ascensão do romance histórico.

O GLOBO – “Objecto quase” foi publicado em Portugal em 1978. Hoje o senhor o escreveria de outra maneira? Seus romances representam uma ruptura ou uma continuidade em relação aos contos do livro?

JOSÉ SARAMAGO – Certamente não o escreveria da mesma maneira. Entre “Objecto quase” e os romances que vieram a seguir há ruptura e continuidade. Há continuidade porque é reconhecível a permanência, mais do que os temas, da visão do mundo que me é própria. E há ruptura, sem dúvida, sobretudo nos aspectos formais e estruturais da narrativa. Mas o homem, este homem, é o mesmo.

O GLOBO – Os títulos dos contos traem a intenção de uma literatura sintética, sem excessos. A experiência da criação literária pode ser a mesma na prosa e na poesia?

SARAMAGO – Se hoje tivesse de dar outro título a este livro chamar-lhe-ia, por exemplo, “Cadeira, centauro e outras coisas”. Por aqui se pode ser como estou longe, atualmente, dessa concisão afinal contra-natural. Escrevi e publiquei poesia, que depois deixei porque compreendi que iria ser sempre um poeta menor. Nem todos podem ser João Cabral de Melo Neto. Mas

hoje, como prosador, tenho por certo que o grau de expressão poética a que posso chegar está muito acima daquela que consegui alcançar quando escrevi poesia.

O GLOBO – Alguns contos estão próximos do realismo mágico. Retrospectivamente, como avalia o “boom” da literatura fantástica nos anos 70? Que papel o fantástico ocupa hoje em sua obra?

SARAMAGO – Quando dizemos “realismo fantástico”, devemos estar mais atentos ao primeiro termo do que ao segundo. O que conta é saber se, graças a uma intervenção do “fantástico”, foi possível ao “realismo” pôr à vista aspectos até aí mal observados da realidade. Por outro lado, o “fantástico”, se é verdade que foi moda nos anos 70, foi também sempre, e continuará ser, uma das expressões da criatividade literária e artística. Quando Homero punha os deuses a lutar ao lado dos homens diante dos muros de Tróia, que era isso?

O GLOBO – Que avaliação o senhor faz das obras de seus colegas José Cardoso Pires e Almeida Faria?

SARAMAGO – Por princípio, nunca faço comentários públicos sobre o trabalho dos meus colegas, sejam eles amigos, como é este o caso, sejam eles indiferentes ou inimigos.

O GLOBO – Os anos 80 e 90 assistiram à ascensão do gênero ficção histórica. A que o senhor atribui o sucesso desses livros que reescrivem ficcionalmente a História?

SARAMAGO – Provavelmente tem que ver com a sensação de fim de tempo que estamos a viver. De um modo mais ou menos consciente, todos percebemos que esta civilização vive os seus últimos dias, Paul Valéry escreveu: “Nós, civilizações, sabemos agora que somos mortais”. No meio desta vertigem, as pessoas procuram o equilíbrio tentando recuperar um passado capaz de dar, retrospectivamente, sentido ao que é hoje perplexidade e angústia. A ficção a que simplifadamente se dá o nome de histórica, não é uma evasão, uma fuga, um refúgio, mas como se viajássemos num barco que se afasta da costa, uma espécie de último olhar à terra firme.

O GLOBO – Suas desavenças com o governo português – sobretudo após a polémica em torno de “O evangelho segundo Jesus Cristo” – influenciaram sua decisão de viver nas Ilhas Canárias?

SARAMAGO – Digamos que não influíram tudo, mas posso dizer que sem elas não estaria a viver onde vivo agora.

O GLOBO – Qual deve ser a relação entre o escritor e o poder? É possível conciliar a independência absoluta com a necessidade de apoio oficial?

SARAMAGO – A independência absoluta não existe. Vivemos numa sociedade de interdependências que se expandem em progressão geométrica... Mas isto não significa que o escritor deva ter relações com o poder, a não ser as de uma simples cortesia, que deverá ser mútua... Quanto ao que chama necessidade de apoio oficial, discordo absolutamente. Não tenho qualquer necessidade de apoio oficial, e quando o Estado português me paga, por exemplo, uma viagem ao estrangeiro, sou eu quem está a apoiá-lo a ele, e não ele a mim,

O GLOBO – O senhor continua firme em suas convicções comunistas? Considera possível uma revalorização do pensamento marxista?

SARAMAGO – Fui, sou e serei sempre comunista, e não trocava as minhas convicções por todo o ouro do mundo. Quanto à revalorização do pensamento marxista, não só a considero possível, como observo que ela já está em curso. A travessia do deserto durou muito menos do que pretenderam os arautos da morte do comunismo. Na verdade, o comunismo não existe sem comunistas, e os fatos mostram que os últimos dirigentes da União Soviética já não o eram. Ou nunca o foram...

O GLOBO – O senhor gostaria de ver seus livros adaptados para o cinema? Que cineasta o senhor julgaria adequado para dirigir “Memorial do convento”, por exemplo?

SARAMAGO – Tenho recusado as propostas que me foram feitas para a adaptação de livros meus ao cinema e à televisão. Não encontro motivos para mudar. Seria preciso um conjunto excepcional de circunstâncias para que admitisse rever a minha posição. Um diretor como Bertolucci far-me-ia pensar... Mas de uma condição não abdicaria: só um roteiro aprovado por mim e depois cumprido à risca teria esperanças de passar à imagem.

O GLOBO – Seus livros têm sido reeditados sem dedicatórias originalmente presente na primeira edição. Por quê?

SARAMAGO – São questões do foro particular que não interessam ao público.

O GLOBO – Numa revista de 1978, o senhor declarou que quem compra seus livros é um público pequeno-burguês mais ou menos intelectualizado, “que é no seu próprio meio um

bicho raro e eventualmente perigoso”. O que queria dizer com isso? Qual é o seu público hoje?

SARAMAGO – Queria dizer que um público que lê é um público que pensa, e um público que pensa é sempre, do ponto de vista do poder, potencialmente perigoso. Quando falei de pequena-burguesia intelectualizada, referia-me às pessoas com meios suficientes e hábitos de leitura, o que, como sabemos, não abunda. Sobre quem seja meu público, creio que inclui jovens (muitos) e gente mais velha, abrange verticalmente a sociedade, e é, sobretudo, um público que tem comigo uma relação não apenas intelectual, mas afetiva.

O GLOBO – **Nos últimos anos o senhor visitou o Brasil com frequência. Que autores brasileiros aprecia? Considera que está havendo uma renovação na literatura brasileira?**

SARAMAGO – Não sei o bastante para dizer se há ou não uma renovação na literatura brasileira. Por exemplo, o meu conhecimento das gerações mais novas gerações é insuficiente. Quanto aos outros, os mais velhos, a lista seria longa. Ponho à cabeça aquele a quem chamamos “Amado Jorge” e confio na perspicácia de quem me lê para imaginar que outros nomes mencionaria.

O GLOBO – **Qual foi a repercussão de sua peça “In nomine Dei”? Planeja continuar a escrever para o teatro?**

SARAMAGO – “In nomine Dei” é minha quarta peça teatral. Todas elas foram representadas, de todas recebi enriquecimento e emoções. Mas esta, pelo destino que a esperava (a sua transformação em libreto de ópera) e pelo tema (a intolerância religiosa), constituiu-se como uma experiência que não poderei esquecer. Se voltarei a escrever teatro? Talvez sim, talvez não, tudo depende da vida. Quando escrevi a minha primeira peça, não pensei que viria a escrever outras...

O GLOBO – **Por que o senhor escreve?**

SARAMAGO – Por que será que ninguém pergunta que é a música, que é a pintura, e todos querem saber que é a literatura? A literatura é isso: literatura. Uma vez eu declarei que escrevia porque não queria morrer. Hoje dou-me conta do que há de banalmente retórico em semelhante frase e substituo a solenidade dela por estas simples palavras: escrevo porque creio ser meu dever fazê-lo.

ANEXO 5

O ajuste de contas de Saramago

Sandra Cohen

Correspondente

LISBOA – O retrato fiel de seus dias no ano que passou está descrito em palavras: pequenos desabafos, declarações apaixonadas à mulher e deliciosos detalhes da rotina de José Saramago, agora radicado numa ilha do arquipélago das Canárias, se revelam em “Cadernos de Lanzarote”, o primeiro diário do escritor, lançado pela editora Caminho. Longe de Portugal, Saramago não resistiu à tentação de registrar a passagem do tempo com comentários e reflexões sobre as notícias que lhe caíam nas mãos. Ganham os leitores, pela oportunidade do reencontro com um homem sensível, simples no dia-a-dia e com ansiedades comuns a qualquer mortal.

– Quando escrevemos um diário, temos a sensação de que conseguimos reter o tempo. É curioso que, depois de publicado, verifico que se não tivesse escrito haveria uma quantidade de acontecimentos que eu certamente já teria esquecido. Registradas, elas ganham mais significado – ele explicou ao GLOBO.

No diário, escrito entre 15 de abril e 31 de dezembro do ano passado, Saramago devolve algumas farpas. Entre os alvos, estão o secretário da Cultura português Pedro Santana Lopes, ex-subsecretário Souza Lara, que vetou a participação de “O evangelho segundo Jesus Cristo” no Concurso Literário Europeu, e o escritor italiano Antonio Tabucchi (“Ele não me perdoará nunca por eu ter escrito ‘O ano da morte de Ricardo Reis’”) – além da Câmara Municipal de Mafra, que aprovou moção contra ele por ter denegrido o nome da cidade em “Memorial do Convento”. Precisava ajustar contas?

– Não. Mas eu não deixo recados, deixo as coisas bem claras. Eu não reagiria gratuitamente – explica.

O exílio voluntário já lhe rondava a cabeça, mas foi decidido após o veto de “O evangelho...” ao prêmio. Desiludido, o escritor não quer mais voltar a viver em Portugal; não cortou as relações com os portugueses, mas garante que não sente falta de Lisboa. Em diversas passagens, seu diário revela a alegria de regressar à casa de Lanzarote, onde vive com a jornalista espanhola Pilar del Río.

– O comportamento de algumas pessoas no governo me fez vir para cá. Foi muita coisa junta, e como se diz na minha terra: “quem não sente não é filho de boa gente”. Eu me senti mal, mas isso não significa que esteja incompatibilizado com o país.

Dez de maio de 1993. José Saramago está ansioso e mal-humorado com a indefinição da emissora RTP em relação à sua estreia na televisão, com um roteiro sobre Dom João II: “Faz-me mal estar sem trabalhar”.

O desfecho da novela Saramago/RTP: a emissora desistiu do escritor. Em compasso de espera, contudo, ele solta informes do que ocorreu até a decisão final, no dia 4 de junho. “Como para mim não era novidade, fiquei calmo como estava antes. É, no fundo, uma enorme sensação de alívio”.

– Foi um episódio cômico, pois o trabalho estava praticamente assegurado. Primeiro era sim, depois não ou talvez. É lamentável que se mantenham pessoas em suspense durante meses. Eu resisti muito à ideia de escrever para a televisão, mas até que depois comecei a me interessar – lembra.

Saramago reproduz a troca de cartas com leitores e amigos. Em maio, Jorge Amado escreve do Brasil: “Aqui o sufoco é grande, problemas imensos, atraso político inacreditável, a vida do povo dá pena, um horror”. E o escritor português reflete: a vida dos dois escritores pode parecer fácil e amena, com viagens, prêmio, aplausos e admiradores. “Que mais estes poderiam desejar? Desejam um Brasil feliz e não o têm”.

Sem bloqueios ou censuras, Saramago conta que não forçou o registro de qualquer fato apenas para que aparecesse no diário. Geralmente no fim da tarde colocava suas impressões do dia no computador: somente o que levasse a refletir, pois “os dias transbordam, mas também podem ser vazios”. O diário referente à 1994 também segue em bom ritmo e deverá ser publicado no próximo ano.

– Escrevo porque me apetece. Não é uma obrigação que eu me tenha imposto. Se amanhã não interessar a mim nem a ninguém, o diário acaba. Tal como está, penso que continuarei.

O diário revela a proposta que Saramago recebeu de um produtor para que “Memorial do convento” fosse transformado em filme, sob a direção de Bertolucci. “Primeiro assegurem a participação de Bertolucci, e depois falaremos”, foi a resposta. E também o processo de criação

do “Ensaio sobre a cegueira”, que escreve atualmente. No dia 15 de agosto, por exemplo, conta ter decidido que não haverá nomes próprios: “Ninguém se chamará Antonio ou Maria, Laura ou Francisco, Joaquim ou Joaquina”. Ele não quer ter que inventar vidas, preparar destinos; prefere que seu próximo livro seja povoado de sombras. O “Ensaio...” está atrasado, admite: o trabalho é interrompido por frequentes viagens e pela adaptação à nova rotina.

– Não é de um dia para o outro que se retomam os hábitos e a disciplina numa casa nova. Há toda uma relação com o espaço envolvente que precisa ser estabelecida.

“Se Deus existe, é um rematado imbecil”

18 de maio

“Assim são as coisas, Ainda há dez dias eu aqui escrevia umas linhas acerca de Jorge Amado, e acabo de saber que teve um enfarte. Fiz o que estava ao meu alcance, mandei-lhe duas palavras de ânimo: ‘Uma torre dessas não cai assim’, disse – e espero que não caia mesmo. Morre-se sempre demasiado cedo, ainda que seja aos 80 anos”.

14 de junho

“Regresso a Lanzarote. Faz hoje sete anos que conheci Pilar. Entre em casa com alegria”.

4 de julho

“Deus, definitivamente, não existe. E se existe é, rematadamente, um imbecil. Porque só um imbecil desse calibre se teria lembrado de criar a espécie humana como ela tem sido, é e continuará a ser. Agora mesmo, aqui na vizinha ilha de Hierro, quatro populações engalfinharam-se à pancada porque todas se achavam com direito a levar às costas um pedaço de pau a que chama Virgen de Los Reyes”.

13 de agosto

“Continuo a trabalhar no ‘Ensaio sobre a cegueira’. Após um princípio hesitante, sem norte nem estilo, à procura das palavras como o pior dos aprendizes, as coisas parecem querer melhorar. Como aconteceu em todos os romances, de cada vez que pego neste, tenho de voltar à primeira linha, releio e emendo, emendo e releio, com uma exigência intratável que de modera na continuação. É por isto que o primeiro capítulo de um livro é sempre aquele que me ocupa mais tempo. Enquanto essas poucas páginas iniciais não me satisfizerem, sou incapaz de continuar. Tomo como um bom sinal a repetição dessa cisma. Ah, se as pessoas soubessem o

trabalho que me deu a página de abertura do ‘Ricardo Reis’, o primeiro parágrafo do ‘Memorial’...

17 de outubro

“Maria e Javier resolveram convidar amigos para a festa e a casa encheu-se de gente, a maior parte da qual eu não conhecia nem de vista. A questão foi ter eu confirmado a tremenda dificuldade que tenho em conviver com pessoas que ainda não tive tempo de conhecer, e mais quando o ambiente ferve de música alta e de palavras que têm de ser gritadas. Senti-me a pessoa mais sem graça, mais sem espírito, e não me restou outra saída que desaparecer discretamente e ir fazer companhia ao cão que, na nossa casa, sofria de abandono como creio que só podem sofrer os cães”.

*Trechos do diário de José Saramago

ANEXO 6

Nossos candidatos ao Nobel na berlinda

Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto são tema de debates

Eros Ramos de Almeida

Luzes e letras sobre os dois mais prováveis candidatos brasileiros ao Prêmio Nobel de Literatura. A partir de hoje o “Projeto IBM – Encontro Marcado com a Arte” realizará quatro mesas-redondas sobre a vida e a obra dos imortais Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto. Os debates marcam o início do 12º ano do projeto, que ao longo de 1994 percorrerá 20 universidades nacionais promovendo palestras com alguns dos principais escritores brasileiros.

A mesa-redonda que abre a série acontecerá hoje, a partir das 18h30m, no CCBB, e gira em torno de Jorge Amado. Participarão do encontro o presidente da Academia Brasileira de Letras, Josué Montello, o professor de literatura brasileira da UFRJ Maurício Gomes de Almeida, e o ator Mauro Mendonça, que atuou em “Seara vermelha” e “Dona Flor e seus dois maridos”, filmes baseados na obra de Jorge. O mediador será o professor de literatura da UFF Domício Proença Filho.

Josué Montello, profundo conhecedor da obra e amigo do escritor baiano, adianta que vai dar destaque ao lado lírico da literatura do autor

— A despeito da importância do engajamento político do trabalho de Jorge Amado, vou enfatizar o onírico, o poético de sua obra — anuncia Montello.

Segundo a coordenadora do Projeto “IBM – Encontro Marcado com a Arte”, Elizabeth Caligaris, o evento visitará universidades nos quatro cantos do país, de Itajaí a Mossoró, de São Luiz a Botucatu.

— Além dos escritores, levamos conosco um acervo com cerca de 50 videodocumentários que registram a vida e a obra dos mais importantes literatos do país — explica.

Na próxima sexta-feira, no mesmo horário e local, João Cabral de Melo Neto é o tema do encontro. Proença Filho será novamente o mediador dos debates entre Ivo Barbieri, ex-reitor da UERJ, Zelito Viana, diretor do filme “Morte e vida severina”, e Luiza Costa Lima, professor de literatura da UERJ.

Nesta segunda-feira, a mesa-redonda sobre Jorge Amado ruma para o Memorial da América Latina, em São Paulo. Dia 2 de maio é a vez de João Cabral de Melo Neto ser debatido pelos paulistas. (Almeida, 1994, O Globo, Segundo Caderno, p.3)

ANEXO 7

Coletânea de entrevistas publicadas na seção ‘Livros’ do GLOBO reúne 23 dos maiores escritores do mundo

Todas as palavras do mundo

Luiz André Alzer

Salman Rushdie exprime sua revolta pela perseguição que sofre desde que foi condenado à morte por causa de seu livro “Versos satânicos”. O dissidente cubano Cabrera Infante faz ásperas críticas ao comunismo. Camille Paglia acusa a revolução sexual de ter sido responsável pela entrada da Aids nos Estados Unidos. Ao longo dos últimos quatro anos, revelações contundentes como estas rechearam as entrevistas publicadas na seção dominical “Livros”, do Segundo Caderno do GLOBO. Agora, 23 delas foram reunidas na coletânea “O GLOBO:

Grandes entrevistas – Os escritores”, publicada pela Editora Globo, que foi lançada ontem na livraria Bookmakers.

O livro de 285 páginas, organizado pelo coordenador da seção “Livros”, Luciano Trigo, e com prefácio do jornalista Luiza Garcia, reúne conversas com alguns dos maiores nomes da literatura mundial, selecionadas entre as mais de 150 publicadas de agosto de 1990 – quando foi criada a seção – e junho de 1993, mês da última entrevista incluída no livro, com José Saramago.

– A coletânea traz os escritores falando sobre assuntos que normalmente não estão em seus livros – frisa Luciano.

Foi assim que William Styron revelou que os remédios que tomou contra a depressão quase o levaram ao suicídio e que Jorge Amado confessa sua “tendência a vagabundar”. A entrevista com o escritor baiano, aliás, foi a única de um brasileiro incluída na coletânea.

– Sou um admirador das entrevistas publicadas no GLOBO. A entrevista com o Saramago, inclusive, eu fiz questão de mandar para ele. Fico honrado por fazer parte da coletânea, mas sem desmerecer a literatura estrangeira, seria importante terem escolhido entrevistas com outros brasileiros – observa.

Para o editor Paulo Rocco, a iniciativa de reunir as entrevistas num livro permite ao público ter uma fonte de consulta permanente sobre os escritores.

– O jornal é passageiro, enquanto que o livro perpetua os pensamentos dos grandes nomes da literatura – ressalta Rocco.

O presidente da Academia Brasileira de Letras, José Montello, concorda. E logo associa a coletânea a Paulo Barreto, que sob o tradicional pseudônimo João do Rio, escreveu em 1908 o “O momento literário”, em que escritores como Olavo Bilac, Afrânio Peixoto e Guimarães Passos respondiam a questionários sobre sua obra e sua vida.

– O que caracteriza este tipo de literatura é a informação. Coletâneas assim já são uma tradição na imprensa mundial.

Verdade. O editor Jorge Zahar lembra da revista americana “Partisan Review”, que se tornou célebre por trazer mensalmente em suas páginas uma única entrevista, feita com um grande escritor. João Ubaldo Ribeiro, porém enxerga um lado descontraído na coletânea:

– Ela satisfaz a curiosidade do leitor sobre os escritores.

Sérgio Sant’Anna acrescenta:

– É importante conhecer o processo de criação deles.

O editor da Companhia das Letras, Luiz Schwarcz, dá uma sugestão: que os jornalistas já pautem as entrevistas pensando numa próxima coletânea, o que permitiria ao livro trazer trechos da conversa que foram descartados na edição do jornal.

– Nem sempre o texto de jornal pode ser reaproveitado, mas as entrevistas do “Livros” têm uma qualidade e uma abrangência que justificam a coletânea.

Além dos escritores já citados, “O GLOBO – Grande entrevistas – Os escritores” reúne entrevistas com Sidney Sheldon, John Updike, Juan Carlos Onetti, Gore Vidal, Allen Ginsberg, John Barth, Bioy Casares, Saul Bellow, Peter Handke, Paul Auster, Ricardo Piglia, Harold Robbins, Toni Morrison, Frederick Forsyth, Bernard-Henri Lévy, Camilo José Cela e Norman Mailer.

Jorge Amado diz ser admirador da seção “Livros”

“A experiência de expansão da mente é sempre válida” – Allen Ginsberg

“A protagonista de ‘O outro lado da meia-noite’ sou eu mesmo” – Sidney Sheldon

“Concordo que sexo é muito poderoso, mas é só uma das forças da ação” – Saul Bellow

John Updike: entrevista realizada em abril de 1991.

“Se consigo ficar duas horas do dia escrevendo ficção, fico muito satisfeito” – John Updike

“A crítica sempre foi polêmica em torno do meu trabalho” – Jorge Amado

Trechos

JORGE AMADO (sobre a crítica) – “Eu nunca tive a unanimidade da crítica. ‘O país do carnaval’ foi meu único livro unanimemente elogiado. E eu era um menino, dia 18 anos. Desde então, tenho levado pau. A crítica sempre foi muito polêmica com o meu trabalho.”

SIDNEY SHELDON – “A protagonista de ‘O outro lado da meia-noite’, Cathérine, sou eu. Ela nasceu no mesmo ano que eu, na mesma cidade, frequentou a mesma escola. Ela só deixa de ser eu mesmo quando vai para um motel com um homem. Nesta hora eu não estava lá.”

BERNARD-HENRI LÉVY (sobre 1968) – “Na época, como todo mundo, eu pensava que a revolução estava a caminho. Hoje, retrospectivamente, sou mais circunspeto. Não foi a alvorada de um novo tempo, mas o crepúsculo de um tempo antigo.”

ALLEN GINSBERG (sobre drogas) – “A experiência da expansão da mente – seja ela obtida pela meditação ou através de práticas psicodélicas – é sempre válida, moral e eticamente. E eu não vejo na nossa sociedade hipertecnológica autoridade moral para condenar essa atitude.”

SAUL BELLOW (sobre psicanálise) – “A psicanálise foi um dos grandes e obscuro equívocos do século XX. Eu não acredito que as motivações humanas sejam, primariamente, sexuais. Sexo é muito poderoso, concordo, mas é apenas uma das forças em ação.”

ANEXO 8

Transformação de Lisboa daria um filme

José Saramago, do El País

Houve uma época em que Lisboa ainda não havia recebido esse nome. Já a chamavam de Olisipo quando os romanos chegaram. Olisabona quando a tomaram os mouros, que em seguida diziam Aschbouna, quem sabe por não saberem pronunciar a bárbara palavra. Quando, em 1147, após um sofrido cerco de três meses, os mouros foram vencidos, o nome da cidade certamente não mudou na hora seguinte: se dom Afonso Henriques enviou uma carta à família naquela altura, deve haver escrito no alto dela "Aschbouna", 25 de outubro, ou quem sabe "Olisibona", mas nunca "Lisboa". Quando foi, então, que Lisboa começou a ser Lisboa de fato e de direito? Os historiadores com certeza o sabem, mas não é uma informação que conste nas enciclopédias ao alcance dos comuns. Sem dúvida alguns anos tiveram que se passar antes que

pudesse nascer o nome novo, como também foram necessários alguns anos para que os bisonhos conquistadores galegos começassem a se tornar portugueses. Dir-se-ia que pouco interessam essas miudezas históricas. Estou de acordo, mas interessaria muito – a mim, pelo menos – não apenas saber, mas também ver, no sentido mais exato da palavra, como Lisboa vem mudando daqueles tempos remotos até hoje. Se o cinema tivesse existido na época, se as mil e uma transformações de Lisboa ao longo dos séculos tivessem sido registradas por esse meio poderíamos agora, em duas horas, assistir a essa Lisboa de oito séculos crescer e mover-se como um ser vivo. Igual a essas flores que a televisão nos mostra abrindo-se em poucos segundos. Creio que amaria essa Lisboa acima de todas as coisas. Sendo óbvio que habitamos fisicamente um espaço, sentimentalmente somos habitados por uma memória. Memória esta que vai crescendo constantemente e também reduzindo-se, no interior da qual vivemos, como numa ilha flutuando entre dois mares: um ao qual chamamos passado, outro que chamamos de futuro. Esse filme único comprimiria o tempo e expandiria o espaço. Representaria a memória perfeita. O lugar estava ali, a pessoa apareceu e depois partiu, o lugar continuou, o lugar havia feito a pessoa, a pessoa transformou o lugar. Quando um dia tive que recriar o espaço e o tempo de Lisboa onde iria fazer o personagem Ricardo Reis viver seu último ano, eu sabia de antemão, ao voltar 50 anos atrás no tempo, que em quase nada poderiam coincidir duas percepções de lugar e de tempo necessariamente diferentes. A do adolescente tímido que fui, encerrado em uma condição social inferior, e a de um poeta lúcido e genial que frequentava, como por direito próprio, as regiões mais elevadas do espírito. (Saramago, 1994, Folha de São Paulo, Turismo, n.p)

ANEXO 9

La lengua portuguesa, favorita al Nobel de Literatura

Ricardo Moreno

Estocolmo – 12 OCT 1994 – 20:00 BRT

Uno de los secretos mejor guardados de Suecia, el nombre del escritor o escritora que ha merecido el Premio Nobel de Literatura correspondiente a este año, será desvelado al mediodía de hoy por el secretario permanente de la Academia Sueca. En las horas previas, las especulaciones no incluyen prácticamente escritores de habla inglesa ni mujeres.

Se recuerda que escritores de lengua portuguesa nunca han recibido el Nobel, y el nombre del brasileño Jorge Amado surge como un competidor con posibilidades. Otros autores en este idioma bien colocados son Antonio Lobo Antúnez y José Saramago.

Entre los otros europeos, los nombres favoritos son el del belga Hugo Claus, el alemán Peter Handke y los franceses Julien Gracq y Nathalie Sarraute.

Fuera de Europa, y menos conocido en el mundo occidental, se menciona el nombre del japonés Kenzaburo Oe. No faltan tampoco los suecos, y el poeta de esta nacionalidad Tomas Tranströmer figura entre ellos. El premio Nobel de 1994 está dotado con siete millones de coronas (unos 120 millones de pesetas).

Otros autores que entran en la quiniela de los Nobel son el irlandés Seamus Heaney, el albanés Ismaíl Kadaré, el holandés Cees Nooteboom y el chino Beí Dao, sin olvidar a los outsiders Günter Grass y Milan Kundera. (Moreno, 1994, El País, Cultura, n.p)

ANEXO 10

Portugal se preparou em vão para vencer

Sandra Cohen

Correspondente

LISBOA – No dia em que os portugueses quase ganharam o Nobel de Literatura, a euforia acabou em fado. Bastou a agência de notícias alemã DPA soltar um informe apontando o escritor Antonio Lobo Antunes como grande favorito ao prêmio para que a expectativa se alastrasse sem controle até dar lugar à decepção. Às 13h de ontem, ouvidos colados nos rádios, os portugueses receberam a curta e seca notícia: o Nobel foi para um japonês e não para Lobo Antunes, José Saramago ou Miguel Torga – os três nomes citados nos últimos dias pelos noticiários como potenciais vencedores.

Lobo Antunes, que passou a véspera pendurado ao telefone, jurou ao GLOBO que ninguém o encontraria caso ganhasse, mas a precavida editora Dom Quixote já agendava uma coletiva para ontem à tarde, se as previsões se confirmassem. E a diretora de sua editora na Suécia dizia à rádio TSF que o champanhe já estava na geladeira.

— Como é que pode? Eu só comemoro quando a coisa é certa — disse o escritor ao GLOBO quarta-feira à noite.

Surpreso? Que nada: há dois anos, observou Lobo Antunes, seu nome é cotado para o Nobel, que ele diz merecer.

— Mas geralmente o Nobel é dado a velhos. Ainda sou um bebê. — brincou o escritor, de 52 anos, também psiquiatra e autor de dez livros.

Gravemente doente, Miguel Torga não foi importunado. De sua casa em Lanzarote, nas Canárias, onde se radicou há dois anos, gato escaldado e eterno candidato ao Nobel, Saramago se recusou a entrar no debate.

— É perda de tempo — alegou, em entrevista ontem de manhã à TSF, antes de a Academia Sueca detonar o sonho do Nobel de Literatura para Portugal. (Cohen, 1994, O Globo, Segundo Caderno, p.2)

ANEXO 11

Ortogan el Premio Camones a Jorge Amado

EFE

28 MAR 1995 - 19:00 BRT

Escritores de Portugal y los países lusófonos de África se unieron ayer em um caluroso aplauso a la conseción del VII Premio Luis de Camones, el más importante galardón de la lengua portuguesa, al brasileño Jorge Amado. (El País, 1995, Cultura, n.d.)

ANEXO 12

Duas palavras sobre José Saramago

José Saramago é um dos grandes ficcionistas da língua portuguesa (das línguas portuguesas), situa-se entre os maiores. Não sendo um escritor fácil é, no entanto, um escritor extremamente popular. Seus romances – Memorial do Convento, Jangada de pedra, O Evangelho segundo Jesus Cristo, Ensaio sobre a cegueira – são bestsellers no Brasil e em Portugal, seu público multiplica-se de livro para livro.

O romancista português não se projetou apenas no Brasil. Seus livros vêm sendo traduzidos para as línguas mais importantes. Com as traduções, a obra de Saramago projetou-se internacionalmente; o romancista português é hoje um dos mais reconhecidos mestres da ficção contemporânea.

Sou leitor de Saramago há muitos anos e há muitos anos somos amigos. Nos encontramos nas mais diversas esquinas do mundo, numa convivência cada vez mais cordial e alegre.

Que dizer mais? Quero dizer ainda que José Saramago é o feliz marido da sevilhana Pilar, tão radical espanhola que ainda não fala português. Uma mulher bela, inteligente, culta, apaixonada. Já que falo na mulher de Saramago, termino falando na minha, dona Zélia. Também ela é leitora entusiasta dos romances do mestre português; sofreu com a leitura cruel do Ensaio sobre a cegueira, não largou do livro antes de chegar à última linha. Estamos felizes, Zélia e eu, de passarmos com Pilar e José nas ladeiras do Pelourinho. (Amado; Capinan; Viel, 2017, p.100)

ANEXO 13

Boa noite excelentíssimos senhores presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa; presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva; primeiro ministro de Portugal, António Costa; ministra da cultura brasileira, minha amiga, Margareth Menezes; ministro da Cultura português, Pedro Adão e Silva; querida Janja da Silva; presidente do júri, professor Frias Martins; e tantos amigos e amigas aqui presentes, Fafá de Belém, Carminho, Mia Couto, Miguel de Sousa Tavares, Pilar del Río, meu editor brasileiro Luiz Schwarz, minha editora portuguesa, Clara Capitão, e minha mulher, Carol.

Ao receber esse Prêmio eu penso no meu pai, o historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Hollanda, de quem herdei alguns livros e o amor pela língua portuguesa. Relembro quantas vezes interrompi seus estudos para lhe submeter meus escritos juvenis, que ele julgava sem complacência e sem excessiva severidade, para em seguida me indicar leituras que poderiam me valer numa eventual carreira literária.

Mais tarde, quando me bandeiei para a música popular, não se aborreceu, longe disso, pois gostava de samba, tocava um pouco de piano e era amigo próximo de Vinicius de Moraes, para quem a palavra cantada talvez fosse simplesmente um jeito mais sensual de falar a nossa língua. Posso imaginar meu pai coruja ao me ver hoje aqui, se bem que, caso fosse possível nos encontrarmos neste salão, eu estaria na assistência e ele cá, no meu posto, a receber o prêmio Camões com muito mais propriedade.

Meu pai também contribuiu para minha formação política, ele que durante a ditadura do Estado Novo militou na esquerda democrática, futuro Partido Socialista Brasileiro. No fim dos anos 60 retirou-se da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em solidariedade a colegas cassados pela ditadura militar. Mais para o fim da vida participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, sem chegar a ver a restauração democrática do nosso país, nem muito menos pressupor que um dia cairíamos num fosso, sob muitos aspectos, mais profundo.

O meu pai era paulista, meu avô pernambucano, meu bisavô mineiro e meu tataravô baiano. Tenho antepassados negros e indígenas, cujos nomes meus antepassados brancos trataram de suprimir da história familiar. Como a imensa maioria do povo brasileiro, trago nas veias o sangue do açoitado e do açoitador, o que ajuda a nos explicar um pouco.

Recuando no tempo, em busca das minhas origens, recentemente vim a saber que tive por decaivos paternos o casal Shemtov ben Abraham, batizado como Diogo Pires, e Provida Fidalgo, oriundos da comunidade barcelense. A exemplo de tantos cristãos novos portugueses, sua prole exilou-se no nordeste brasileiro do século XVI. Assim, enquanto descendente de judeus sefarditas perseguidos pela inquisição, pode ser que algum dia, eu também alcance o direito à cidadania portuguesa a modo de reparação histórica.

Já morei fora do Brasil e não pretendo repetir a experiência, mas é sempre bom saber que tem uma porta entreaberta em Portugal, onde mais ou menos me sinto em casa e esmero-me nas colocações pronominais. Conheci Lisboa, Coimbra e Porto em 1966 ao lado de João Cabral de Melo Neto, quando aqui foi encenado seu poema “Morte e vida Severina” com músicas minhas. Ele, um poeta consagrado e eu um atrevido estudante de arquitetura.

O grande João Cabral, o primeiro brasileiro a receber o Prêmio Camões, sabidamente não gostava de música e nem sei se chegou a folhear algum livro meu.

Escrevi meu primeiro romance “Estorvo”; em 1990, e publicá-lo foi para mim como me arriscar novamente no escritório do meu pai em busca de sua aprovação. Conteí dessa vez com padrinhos como Rubem Fonseca, Raduan Nassar e José Saramago, hoje meus colegas de Prêmio Camões. De vários autores aqui premiados, fui amigo de outros tantos de Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde... Sou leitor e admirador. Esqueci de citar antes o nosso grande Manuel Alegre, aqui presente, que também foi premiado com Camões.

Por mais que eu leia e fale de literatura, por mais que eu publique romances e contos, por mais que eu receba prêmios literários, faço gosto de ser reconhecido no Brasil como compositor popular, e em Portugal como o “gajo” que um dia pediu que lhe mandassem um

cravo e um cheirinho de alecrim. Valeu a pena esperar por esta cerimônia marcada, não por acaso, para a véspera do dia em que os portugueses dessem a avenida Liberdade a festejar a revolução dos cravos.

Lá se vão quatro anos que meu prêmio foi anunciado e eu já me perguntava se não o haviam esquecido. Porque sabe-se: prêmios também são perecíveis, tem data de validade.

Quatro anos com uma pandemia no meio davam às vezes a impressão que um tempo bem mais longo havia transcorrido. No que se refere ao meu país, quatro anos de governo funesto duraram uma eternidade, porque foi um tempo em que o tempo parecia andar para trás. Aquele governo foi derrotado nas urnas mas nem por isso podemos nos distrair, pois a ameaça fascista persiste, no Brasil e por toda parte. Hoje, porém nessa tarde de celebração, reconforta-me lembrar que o ex-presidente teve a rara fineza de não sujar o diploma do meu Prêmio Camões, deixando seu espaço em branco para assinatura do nosso presidente Lula.

Recebo esse prêmio menos como uma honraria pessoal e mais como um desagravo a tantos autores e artistas brasileiros humilhados e ofendidos nesses últimos anos de estupidez e obscurantismo. Muito obrigado.